

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
LITERATURA BRASILEIRA E TEORIA LITERÁRIA

DE SEDAS, PENUMBRAS E VOLÚPIAS -
A POÉTICA ÊXUL DE ERNANI ROSAS

ANA LICE BRANCHER

FLORIANÓPOLIS, JULHO 1993

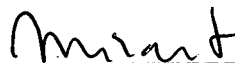
DE SEDAS PENUMBRAS E VOLÚPIAS -
A POÉTICA ÊXUL DE ERNANI ROSAS

ANA LICE BRANCHER

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de

MESTRE EM LETRAS

Área de concentração em Literatura Brasileira, e aprovada em sua forma final pelo programa de pós-graduação em Letras - Literatura Brasileira e Teoria Literária da UFSC.



DRA. ZAHIDÉ LUPINACCI MUZART
ORIENTADORA

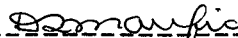


DRA. RITA DE CASSIA BARBOSA
COORDENADORA DO CURSO

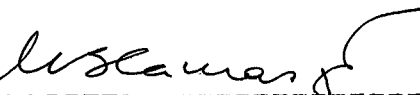
Banca Examinadora:



DRA. ZAHIDÉ LUPINACCI MUZART
PRESIDENTE



DRA. DILÉA ZANOTTO MÂNPIO



DRA. MARIA LÚCIA DE BARROS CAMARGO

DR. WALTER COSTA

ANA LICE BRANCHER

DE SEDAS, PENUMBRAS E VOLÚPIAS -
A POÉTICA ÊXUL DE ERNANI ROSAS

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras - Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de "Mestre em Letras", área de concentração em Literatura Brasileira.

ORIENTADORA: PROF^ª DR^ª ZAHIDÉ LUPINACCI MUZART

FLORIANÓPOLIS, JULHO 1993

AGRADECIMENTOS

A Professora Zahidé Muzart pelo seu trabalho como orientadora.

Aos professores e colegas do curso pela troca de experiências.

Ao Prof. Dr. Cesar Zucco, Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa.

A Paschoal Apóstolo Pítsica, pelo acesso ao acervo da Academia Catarinense de Letras.

A Sene Demba, pela tradução.

A Holga Brancher, Iaponan Soares, Inês Mafra, Cesar Floriano, Lia Carmen e Romoaldo Müller.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

Um agradecimento especial a Cleber Teixeira, que me "apresentou" a Ernani Rosas, que me sugeriu trabalhar com o poeta no mestrado e que me abriu, gentilmente, as portas de sua preciosa biblioteca.

RESUMO

Neste trabalho, procedo à transcrição de cento e quarenta e sete poemas manuscritos e inéditos de Ernani Rosas (1886-1955), autor de copiosa produção poética mas pouco publicado e menos ainda conhecido.

Tendo como apoio teórico os ensinamentos de Antônio Houaiss e as pegadas poéticas deixadas por Augusto de Campos, procedo ao estabelecimento do texto poético, anotando as constantes reescrituras e variantes dos poemas, bem como as indecisões (minhas) e soluções encontradas no transcorrer das transcrições.

RESUMÉ

Au long de ce travail, je procède à la transcription de cent quarante sept (147) poèmes manuscrits et inédits d'Ernani Rosas (1886-1955), auteur d'une brillante production poétique mais peu publié et très peu connu.

Ayant comme appui théorique, les enseignements d'Antonio Houaiss et les proies poétiques laissées par Augusto de Campos, je procède à l'établissement du texte poétique, notant les constantes réécritures et les variantes des poèmes, ainsi que les indécisions (les miennes) et les solutions trouvées au long des transcriptions.

NO-SAY-QUE-S'ES

Escotatz, mas no say que s'es,
senhor, so que vuelh comensar.
Vers, estribot ni sirventes
non es, ni nom no.l sai trobar;
ni ges no say co.l mi fezes
s'aytal no.l podi'acabar,

(Raimbaut D'Aurenga, 1144-1173)

NÃO-SEI-O-QUE-É

Escutai, não sei o que é,
senhores, mas vou começar.
Canção não é, nem sirventês
nem outro nome lhe sei dar;
não sei dizer como se fez
e já nem sei como acabar,

(trad. Augusto de Campos)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	1
CAPÍTULO I - Escutai, não sei o que é, senhores, mas vou começar -----	3
1 - O enigma -----	3
2 - Andrade Muricy: a prova em contrário -----	7
3 - De como os manuscritos vêm "parar" na ACL -----	9
4 - A questão da influência -----	11
5 - Simbolismo e mitologia -----	14
6 - Os desvios -----	18
CAPÍTULO II - O ESTABELECIMENTO DO TEXTO -----	25
1 - Dos inéditos de Ernani Rosas, no acervo da ACL ----	25
2 - Rasuras, reescrituras, variantes: o estabelecimen- to do texto -----	30
3 - Critérios para transcrição: en las huellas -----	33
CAPÍTULO III - TRANSCRIÇÕES -----	39
1 - Das plaquetes -----	39
2 - Dos poemas avulsos -----	168
COMO CONCLUSÃO - Não sei dizer com se fez e já nem sei como acabar, -----	212
BIBLIOGRAFIA -----	215
ANEXOS - VOLUME II	

I - INTRODUÇÃO

Este trabalho tem uma preocupação bastante específica: resgatar parte dos inéditos de Ernani Rosas, para edição, respeitando suas plaquetes e reunindo alguns de seus poemas avulsos.

É comum, principalmente ^{em} livros didáticos de segundo grau, mas também em alguns de terceiro grau, referir-se ao Simbolismo, movimento estético ao qual costuma-se filiar Ernani Rosas, como um movimento sem importância "maior" nas letras brasileiras, um movimento que teria iniciado e encerrado em si próprio, uma vez que os simbolistas estariam enclausurados na sua "torre poética" sem ligações com outras correntes literárias. E mesmo quando se estuda o Simbolismo, o comum é condicioná-lo aos simbolistas europeus e referir-se aos poetas maiores do movimento.

Em contraponto a esta prática usual, algumas vezes se manifestam: Andrade Muricy defende que, de uma linha "subterrânea" do movimento simbolista sairia o passo de transição para o modernismo; Augusto de Campos sustenta que "de uma vereda solitária e pouco palmilhada" pelos poetas maiores do Simbolismo, dessa linha "subterrânea", desembocaria a moderna poesia brasileira.

Tentando rastrear os desvios do Simbolismo brasileiro, pesquisei a obra de Ernani Rosas e proponho sua inserção nesta diversatrilha. São três os capítulos da dissertação. No primeiro, procuro traçar uma linha biográfica do poeta e delinear as vias e os desvios de sua poética. No segundo, sistematizo os passos que segui para proceder às transcrições, isto é, ao estabelecimento do texto poético. Além de a maioria dos inéditos estar manuscrita, com algumas palavras de difícil leitura, Ernani Rosas rasurou e reescreveu, permanentemente, seus poemas. Cabe acrescentar que a língua portuguesa do Brasil sofreu mudanças ortográficas desde a época em que Ernani Rosas escreveu (entre 1910 e 1954). No capítulo três, levo a efeito as transcrições dando, em notas de rodapé, informações que julguei necessárias para melhor compreensão do universo poético de Ernani Rosas.

A dissertação conclui com uma proposta de continuidade tanto da transcrição de poemas, uma vez que há mais de oitocentos inéditos de Ernani Rosas no acervo da Academia Catarinense de Letras, quanto ao cotejo com os poemas já editados, bem como uma análise mais específica da poética de Ernani em seus diferentes momentos e movimentos. Anexo ao trabalho estão as cópias dos originais, imprescindíveis para o cotejo com as transcrições feitas.

CAPÍTULO I

Escutai, não sei o que é,
senhores, mas vou começar.

1 - O enigma

"Tudo isso é datado do Rio. Sou aqui tão exilado como meu avô Escobar no Desterro, onde o meteram depois da capitulação de Uruguaiana."

Ernani Rosas¹

Nenhuma palavra me parece mais adequada, ainda, para retratar Ernani Rosas do que 'enigma'². Tanto seus poemas são obscuros, misteriosos, herméticos, quanto sua trajetória de poeta foi enigmática.

Ernani Rosas nasceu na então Desterro (atualmente Florianópolis) num início de outono: 31 de março de 1886. Seu pai, Oscar Rosas, foi poeta, contemporâneo de Cruz e Sousa, exercendo também a profissão de jornalista e deputado; sua mãe, Julieta Chaves Escobar

¹In Anuário Catarinense - 1953, p.140.

²A expressão foi usada por Augusto de Campos em estudo dedicado ao poeta: "O enigma Ernani Rosas" in Revista USP, n 7, São Paulo, 1990.

Rosas, era filha de um militar paraguaio que se exilou em Desterro ao final da Guerra do Paraguai. O casal Rosas teve três filhos: Ernani, o mais velho, Corália e Berenice. Segundo Andrade Muricy, Ernani Rosas fez seus primeiros estudos ainda em Desterro, transferindo-se depois, com a família, para o Rio de Janeiro³

Ernani teve infância difícil⁴: o pai, envolvido em questões políticas vivia em constantes viagens entre Desterro e o Rio de Janeiro, sempre com dificuldades financeiras e comprometido com negociações, brigas, encrencas; a mãe, estrangeira⁵, sofria constantes maus tratos do marido, em cenas brutais certamente presenciadas pelo menino Ernani

Por outro lado, desde cedo Ernani Rosas conviveu com as letras e as artes, uma vez que, além do pai poeta, o avô paterno era professor do liceu de Desterro e parente de Vitor Meirelles. Anota Affonso Várzea: "Ernani, menino criado ao léu, no horror aos programas escolares mas na paixão pela poesia, já fazia versos e por sua mão Ronald de Carvalho e David Thomaz foram aos serões de nossa casa."⁶

No Rio de Janeiro, Ernani exerceu vários ofícios, trabalhando em alguns jornais como "Imparcial", "Maçã", "A Época", porém viveu basicamente de mesadas do pai e quando este morreu, em 1925,

³No Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro, à página 893, diz Andrade Muricy: "Ernani Rosas estudou na sua cidade natal, transferindo-se depois para o Rio de Janeiro". Segundo Iaponan Soares, que organizou Poesias de Ernani Rosas, o poeta "Com três anos incompletos, transfere-se com a família para o Rio de Janeiro, onde mais tarde estuda as primeiras letras, lá permanecendo quase que a vida inteira." (p.9).

⁴As informações contidas neste parágrafo foram dadas em depoimento verbal, pelo atual presidente da Academia Catarinense de Letras, Paschoal Apóstolo Pitsica.

⁵Julietta era filha do oficial Escobar que veio acompanhar seu General, Antonio de Cruz Estigarribia (homem de confiança de Solano Lopes) preso político da Guerra do Paraguai e que teve Desterro por menagem.

⁶Cf. Anuário Catarinense, 1953, p.138.

Ernani passou a enfrentar sérias dificuldades financeiras, juntamente com a mãe e as irmãs. Embora tivesse, entre sua convivência, nomes como o de Ronald de Carvalho, Ernani Rosas afastou-se dos círculos literários do Rio de Janeiro e foi residir, num quase anonimato, porém escrevendo sempre, no município de Nova Iguaçu, onde morreu em 1955.

Delinea-se o enigma.

é bastante curiosa, se não enigmática, a opção de Ernani Rosas por este afastamento.

Ernani Rosas teve vida relativamente longa⁷. 69 anos, vividos quase sempre no Rio de Janeiro, então capital federal. Vale acentuar a situação excepcional por que então atravessava a cidade do Rio de Janeiro. Na virada do século XIX para o século XX, anos iniciais da República Brasileira, sofria o Rio de Janeiro transformações radicais, tanto no espaço público quanto no modo da vida do carioca⁸. A "velha" Rio de Janeiro foi literalmente demolida: em nome da modernização da cidade, antigos casarões da época Imperial foram destruídos, ruas alargadas, cais ampliado, higienizou-se a cidade, surgem os primeiros automóveis, as máquinas de fotografia, de datilografia. Como diz Sevcenko, "era a 'regeneração' da cidade, e por extensão, do país, na linguagem dos cronistas da época". Naturalmente que a um preço muito alto para a população empobrecida:

"Cerceados nas suas festas, cerimônias e manifestações culturais tradicionais, expulsos de certas áreas da cidade, obstados na sua circulação, empurrados para as regiões desvalorizadas: pântanos, morros, bairros coloniais sem infra estrutura, subúrbios distantes, matas, discriminados pela etnia, pelos trajes e pela cultura; ameaçados com os isolamentos compulsórios das prisões, depósitos, colônias,

⁷Consideremos alguns contemporâneos seus e que de alguma maneira ligam-se à sua poesia: Ronald de Carvalho (1893-1935) 42 anos, Pedro Kilkerry (1885-1917) 32 anos; Mário de Sá Carneiro (1890-1916) 26 anos; Eugênio de Castro (1869-1944) 75 anos; Luis de Montalvor (1891-1947) 56 anos.

⁸Cf. Nicolau Sevcenko in *Literatura como missão*, 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.19-77.

hospitais, isolamentos sanitários; degradados social e moralmente, tanto quanto ao nível de vida, era virtualmente impossível contê-los quando explodiam em motins espontâneos.⁹

Evidentemente há um novo grupo social hegemônico, que se beneficia das mudanças impostas à cidade; esse grupo nega e condena os costumes e a cultura popular, habita o centro da cidade (totalmente remodelado, com avenidas largas, jardins, novas construções), troca a "sobrecasaca e cartola" pelo "paletó de casemira clara e chapéu de palha", identifica-se com o estilo de vida parisiense. Entre os costumes populares que foram negados e proibidos pelos novos parâmetros culturais, estavam a serenata e a boêmia. Seresteiros e boêmios passaram a significar vadiagem, foram perseguidos pela polícia e "expulsos" para os subúrbios.

A demolição de antigos casarões (quase todos transformados em pensões baratas) ocasionou sérios problemas de habitação, elevando os aluguéis e obrigando as classes populares a ocuparem os morros ou o subúrbio.

Desse tumultuado ambiente de radicais mudanças políticas e sociais, a vida intelectual e literária não poderia manter-se alheia. Em seu profícuo estudo sobre o período, Nicolau Sevcenko identifica dois "grupos" literários¹⁰: o primeiro, eram os "filhos diletos da Regeneração, suas características são bastante evidentes". Interessa-me o outro grupo:

"O segundo grupo, o dos 'derrotados' ou ratés, por oposição aos primeiros, apresenta por sua vez também uma modesta clivagem interior. Trata-se menos de uma nova divisão de que de uma definição de áreas e modos preferenciais de atuação. Marginalizados, esses escritores optariam por duas formas incompatíveis de reação. (...) O primeiro desses subgrupos era genericamente referido como meio dos "boêmios",

⁹Idem, p. 66.

¹⁰Idem, p. 76 a 168. Anota Sevcenko: "A consciência política da ruptura emerge clara e versada com maldade nos juízos sobre a moda.

"A literatura brasileira atualmente está dividida em dois grupos opostos: o dos escritores que têm casaca e os dos que não a têm. (...)" (p.104)

embora essa caracterização fosse inadequada. Envolvia principalmente os simbolistas, nefelibatas, decadentistas e remanescentes do último romantismo. Assistindo com um misto de horror e náusea à "vitória do materialismo e do individualismo", vendo reduzir-se os valores a padrões de mercado e consumo, mal podem conter seus lamentos de reprovação e repúdio à nova realidade. (...) Entregavam-se, na sua dignidade de derrotados, a uma resistência surda contra o mundo que os degradava, manifesta por uma sensibilidade etérea e sutil.¹¹

Aí encontramos Ernani Rosas.

Empobrecido, sem nenhuma habilidade para a prática de "fazer dinheiro", boêmio, pressionado pela nova sociedade a adotar comportamentos com os quais não concordava ou para os quais não dispunha de recursos financeiros, e, principalmente, querendo viver da "sua" poesia, afasta-se o poeta. Exila-se. Aparta-se do convívio com os "poetas maiores", distancia-se do "centro", tanto da cidade modernizante quanto dos círculos literários dominantes. Curiosamente, é possível detectar em sua poética, hoje, traços precursores do supra-realismo e pré-modernismo (conforme análise mais adiante, item 1.6); curiosamente, hoje, o "chic" no Rio de Janeiro, é afastar-se do centro da cidade, caótico, perigoso, marginalizado.

2. Andrade Muricy: a prova em contrário

"O Simbolismo brasileiro foi até bem pouco considerado corpo estranho, excrescência exótica, no conjunto de nossas letras."

(Andrade Muricy)

Já se disse que o Simbolismo, no Brasil, "não houve"; que foi "mero reflexo" do movimento simbolista europeu. Mesmo quem queira concordar com tal ponto de vista, há que admitir que tal "re-

¹¹ continua Sevcenko: "O outro subgrupo era composto dos autores mais empenhados em fazer de suas obras um instrumento de ação pública e de mudança histórica. Essa atitude era, com efeito, curiosamente reforçada pela nova sociedade." (p.105-106).

flexo" foi extremamente importante para a literatura brasileira.¹²

Particularmente, vejo o movimento simbolista no Brasil como uma fonte extremamente rica e ainda não explorada em todas as suas vertentes. Um dos "homem de letras" que a literatura brasileira produziu e que se preocupou em registrar o movimento simbolista foi Andrade Muricy. Quem quer que estude o Simbolismo brasileiro tem que passar, obrigatoriamente, pelo seu *Panorama*¹³, pelos muitos aromas - "panaroma", usando a expressão de Augusto e Haroldo de Campos - que as quase mil e trezentas páginas do livro proporcionam. Além de um importante e elucidativo estudo introdutório, Andrade Muricy reúne nada menos que cento e trinta e um autores brasileiros ligados, uns mais outros menos, ao Simbolismo. Entre eles, Ernani Rosas. A partir dos vinte e sete poemas, incluídos no PMSB, Augusto de Campos, Cleonice Berardinelli, entre outros estudiosos tomam conhecimento do "nome" Ernani Rosas, uma vez que o poeta nada tinha de publicado em livro. E, no estudo dedicado a Ernani, além das notas biográficas sobre o poeta, Andrade Muricy, anota-lhe as singularidades:

"Nenhum dos nossos derradeiros simbolistas entremostra mais curiosa subconsciência. Ernani Rosas vai tão fundo na sondagem vertiginosa das regiões subterrâneas do espírito que podemos acusar, nele, um precursor (1916-1918) do supra-realismo."¹⁴

Portanto, parece-me essencial registrar a importância fundamental

¹²Diz Augusto de Campos: "Indiscutivelmente nosso Simbolismo foi um "produto de importação", como assinalou em seu "negative approach", José Veríssimo. O que, se não o qualifica de modo particular, também não invalida como movimento. Tratava-se, no mínimo de atualizar a informação, de sintonizar a literatura do país com a do mundo. (...) o Simbolismo tenha trazido um contributo positivo para a linguagem poética nacional, no sentido de ampliar seu horizonte semântico e de instrumentá-la, em geral, com novas técnicas de elaboração". In "Simbolismo retrato sem retoque", *Correio da Manhã*, 27 de abril de 1957.

¹³*Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. 2.ed., Brasília: MEC/INL, 1973. A primeira edição é de 1952, em três volumes. Para este trabalho, consultei a segunda edição, em exemplares emprestados por Cleber Teixeira, com dedicatória "gratíssima" de Andrade Muricy ao primeiro. Passarei a referir-me à obra, neste trabalho, abreviando para PMSB, sem citar a edição, que é sempre a segunda.

¹⁴In PMSB, p. 893.

da obra de Andrade Muricy, sem a qual, não se teria dado a público o trabalho poético de inúmeros autores e, "por assim dizer, evocar as relíquias esquecidas e dispersas daquele longo estremecimento de alma, daquela aventura de imaginação de numerosos artistas do Brasil, que foi o movimento simbolista, formando uma totalidade inesperada, sobre um fundo de irrecusável unidade espiritual."¹⁵

3 - De como os manuscritos de Ernani Rosas vêm parar na Academia Catarinense de Letras

"Há um mistério no mundo dos escritos raros, que merece uma história à parte."
(Siegismundo Spina)¹⁶

Ernani Rosas publicou, em vida: **Certa Lenda Numa Tarde** - Paráfrasis de Narciso, por Rictus da Cruz (pseudônimo) - 1917; **Poemas do ópio**, 1918; **Silêncios**, sem data.¹⁷

Gago, homossexual, pobre, tratando de viver "como poeta" - "só viveu, porém, como poeta, como simbolista vivo e ativo, um dos últimos da espécie, e dos mais singulares e significativos"¹⁸ - apreciando sobremaneira o álcool e provavelmente o ópio, afastado do convívio com os "poetas maiores" de sua época, é de se supor as dificuldades encontradas por Ernani Rosas para publicar seus poemas. Mas o fato de não publicar não o impediu de produzir. É grande

¹⁵idem, p.29.

¹⁶In Introdução à Edótica, p.90.

¹⁷A primeira edição do PMSB se deu em 1952, com o poeta ainda em vida.

Recentemente publicou-se **Poesias**, pela Fundação Catarinense de Cultura, reunindo em volume oitenta e oito poemas de Ernani Rosas (e incluindo os vinte e sete poemas publicados no PMSB), com organização, introdução e notas de Iaponan Soares e Danila C.C. Varella. Passarei a citar, neste trabalho, este volume como **Poesias**.

¹⁸Conforme Andrade Muricy in PMSB, p.893.

e preciosa sua produção poética. Daquilo que não se perdeu, na trajetória que seus manuscritos fizeram no tempo e no espaço, há atualmente, no acervo da Academia Catarinense de Letras, aproximadamente mil poemas inéditos¹⁹. Mereceria uma história à parte a trajetória desses "papéis", saídos de um recanto da Nova Iguaçu, onde provavelmente Ernani Rosas os deixou quando morreu, e vindo parar, quase que por engano, na Academia Catarinense de Letras. Em artigo publicado em jornal ilhéu sob título "Encontros com o poeta Ernani Rosas"²⁰, Iaponan Soares esclarece parte dessa trajetória. Pelo texto, depreende-se que os intelectuais catarinenses, à época, estavam interessados na obra de Oscar Rosas e que os poemas de Ernani vieram "junto", por puro acaso. Vejamos alguns trechos do citado artigo:

"- Olha, a Academia está para receber um farto material deixado pelo poeta [Oscar Rosas]. O Afonso Várzea já me escreveu dizendo que despachava uma caixa contendo muita coisa interessante. Parece que vêm muitos inéditos. Vamos aguardar. (...)

- O pacote chegou, mas nada de Oscar Rosas. Só textos do filho dele, que também fazia poesia. O nosso interesse maior é por Oscar, que é patrono de uma das cadeiras da Academia. Não sei ainda o que vamos fazer com esse material. Vou nomear uma comissão para examinar e opinar.

O assunto morreu aí e nunca mais tive notícias desses papéis, até que um dia, num encontro de rua com o então diretor da Biblioteca Pública do Estado, jornalista Menezes Filho, ao se despedir, falou-me:

- Escuta, andei fazendo umas arrumações e encontrei junto com o material que pertence a Tito de Carvalho um pacote de manuscritos que não sei de quem é. Você não quer dar uma olhada?

No outro dia, logo cedo, fui à Biblioteca para ver o que me revelaria a descoberta do seu Menezes Filho. Num rápido exame, logo descobri a origem do material e fui taxativo:

- São poemas de Ernani Rosas e pertencem à Academia Catarinense de Letras." (grifos meus)

E Iaponan Soares conclui o artigo, justificando ao então diretor da Biblioteca Pública do Estado o "direito de posse" da Academia Catarinense de Letras sobre os manuscritos de Ernani Rosas. Felizmente o olhar clínico de Iaponan Soares logo identificou

¹⁹No capítulo II, item 1, deste trabalho, trato mais detalhadamente dos inéditos de Ernani Rosas no acervo da Academia Catarinense de Letras.

²⁰Diário Catarinense, de 11/11/1990.

a preciosidade dos manuscritos e tratou de resgatá-los para a Academia Catarinense de Letras. Pois, sabe-se, volta e meia, administradores públicos resolviam "arrumar as coisas", e jogar fora "papéis velhos". Ressaltado o providencial interesse de Iaponan Soares para com os manuscritos de Ernani Rosas, analisemos a "fala dos outros", em seu artigo. Com um pouco de imaginação, podemos supor a trajetória de uma caixa contendo coisas interessantes, despachada do Rio de Janeiro para Florianópolis pelos idos de 1950/1960, com um pacote que chega e é deixado de lado, sem mesmo que se tenha examinado mais atentamente seu conteúdo, pois o interesse maior é pelo patrono de uma das cadeiras da Academia Catarinense de Letras e Ernani, quem é Ernani Rosas? Apenas o filho, que "também" fazia poesia. E os administradores públicos de então não sabem o que fazer com o material recebido. Deixam-no num canto, num obscuro: no marginal, ironicamente, como seu autor fora em vida. Vale lembrar que, a essa altura, Andrade Muricy já havia publicado seu *Panorama*, e já havia acentuado a diferença, a singularidade de Ernani Rosas.

Em seu artigo, Iaponan Soares nos historia a parte "final" da trajetória dos poemas de Ernani Rosas, quanto à "primeira parte", de como os poemas chegam às mãos de Afonso Várzea, de Nova Iguaçu ao Rio de Janeiro, ainda fica por conta da imaginação.

4 - A questão da influência

"O discípulo

Quando Narciso morreu, a taça de água doce que era o lago dos seus prazeres, converteu-se em taça de lágrimas amargas e as Oréadas vieram carpindo pelos bosques afim de cantar para ele, consolando-o.

E, quando perceberam que o lago se transudara de taça de água doce noutra de lágrimas amargas, desgrenharam as tranças verdes dos seus cabelos e disseram:

- Não nos admiramos de que pranteeis Narciso dessa maneira. Ele era tão belo!

- Narciso era belo? - indagou o lago.

- Quem o sabe melhor do que vós? - responderam os Oréadas. Ao cortejar-vos, ele nos desprezava debruçado às vossas margens mirando-vos, e, no espelho de vossas águas, contemplava a própria beleza.

E o lago retrucou:

- Eu amava Narciso porque, quando ele se debruçava sobre as minhas margens para contemplar-me, eu via sempre refletir-se no espelho dos seus olhos a minha própria beleza.

(Oscar Wilde)

Quando faz o lago responder as Oréadas que (ele, lago) amava Narciso porque "eu via sempre refletir-se no espelho dos seus olhos a minha própria beleza", Oscar Wilde trata, obliquamente, do olhar do Outro.

Uma problemática que nos vem a nós latinoamericanos, como tradicionalmente pesada herança dos colonizadores europeus é a questão do chamado acultramento, das genuflexões histórico-culturais ao modelo europeu e (neste século) norte-americano.

Não se trata, a meu ver, de entender a cultura e, no nosso caso a literatura e mais especificamente o movimento simbolista no Brasil, como produto de importação²¹, como mero reflexo e consequência de padrões europeus. Trata-se antes de pensar o olhar do Outro.

Podê ter sido esse o olhar com que poetas simbolistas brasileiros leram da "fonte" produzida pelos franceses (principalmente). Mas Rimbaud e Verlaine e Mallarmé e Baudelaire²² leram Allan Poe, que leu... chegaríamos aos gregos, romanos, egípcios²³.

²¹Já assinalado no item 1.2, p.8, deste trabalho (nota 12).

²²Quando Baudelaire, um romântico tardio, leu pela primeira vez Poe, em 1847, 'experimentou estranha comoção'. Quando se pôs a procurar escritos de Poe nos arquivos de periódicos norte-americanos, encontrou entre eles contos e poemas que ele próprio já havia 'pensado vaga e confusamente' em escrever, e seu interesse converteu-se em verdadeira paixão". Cf. Edmund Wilson in *O Castelo de Axel* (estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930). Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1985. p.16.

²³Tratando de intertextualidade, anota Leyla Perrone-Noisés: "O inter-relacionamento de discursos de diferentes épocas ou de diferentes áreas lingüísticas não é novo, podemos mesmo dizer que ele caracteriza desde sempre a atividade poética. Em todos os tempos, o texto literário surgiu relacionado com outros textos anteriores ou contemporâneos, a literatura sempre nasceu da e na literatura. (...) Portanto, a intercomunicação dos discursos não é algo novo. O que é novo, a partir do século XIX é que esse inter-relacionamento apareça como algo sistemático, assumido (...) essa assimilação se realize em termos de reelaboração ilimitada de forma e sentido, em termos de apropriação livre (...)." in *Texto, Crítico, Escritura*. São Paulo: Ática, 1978. p.59-60.

Tratando de Ernani Rosas, estudiosos do poeta apontaram afinidades/influências de simbolistas europeus. Assim, para Andrade Muricy²⁴, "Ernani Rosas levou a linhagem mallarméana até uma indistinguível interpenetração de hermetismo e non-sens". Para Zahid Muzart²⁵, Ernani sofreu a influência "... de Mallarmé no vocabulário - gemas, proas, quilhas, espelhos, danças, pedrarias - e nos temas." Augusto de Campos²⁶ assinala: "Não há dúvida quanto à influência da poesia de Sá-Carneiro sobre a de Ernani Rosas." Cleonice Berardinelli²⁷, ressalta uma 'literalidade' de Ernani Rosas para com Mário de Sá-Carneiro: "Há nos dois numerosas consonâncias, umas, repetindo as notas comuns à mesma escola - o simbolismo - outras, harmonizando o que apenas ou sobretudo neles, no seu íntimo, ressoa. Nestas últimas, a coincidência é por vezes tão flagrante, diremos tão literal, que a consideramos antes influência do autor português sobre o brasileiro, influência dificilmente evitável, dadas as afinidades entre ambos e a maior maturidade da poesia de Sá-Carneiro".

Não me parece que a questão da influência, da literalidade ou da intertextualidade seja questão definidora ou definitiva do trabalho poético de Ernani Rosas.

De resto, a produção literária é uma constante: ler/escrever/ser lido, da qual é impossível evadir-se. Portanto, a questão da influência, para mim, é inevitável e no sentido apontado por Ro-

²⁴In PMSB, p. 894.

²⁵In "O último Simbolista", Diário Catarinense, p. 6, 17/10/1988.

²⁶In "O Enigma Ernani Rosas", Revista Usp, n. 7, setembro/outubro/novembro, 1990, p. 159.

²⁷In "Ernani Rosas e Sá-Carneiro", Colóquio, n. 12, Lisboa, fevereiro de 1961, p. 47.

land Barthes, saudável. Vale lembrar o que escreveu o teórico francês²⁸:

"Pode-se - ou pelo menos, podia-se outrora, começar a escrever sem se tomar por um outro? Seria preciso substituir a história das fontes pela história das figuras: a origem da obra não é a primeira influência, é a primeira postura: copia-se um desempenho, e depois, por metonímia, uma arte: começo a produzir reproduzindo aquele que gostaria de ser. Esse primeiro voto (desejo e me devoto) funda um sistema secreto de fantasmas que persistem de idade a idade, muitas vezes independente dos escritos do autor desejado."

5 - Simbolismo e mitologia²⁹

Um "tema" bastante trabalhado por Ernani Rosas é o dos mitos. O poeta refere-se a vários mitos gregos clássicos: Zeus, Apolo, Adonis, Narciso, Ninfas, Vênus, Afrodite, Circe, Orfeu, Anfitrite, às Hidras, ao Centauro, ao rio Lethes, além de mitos de diferentes culturas e diferentes épocas, como as ondinas, as moiras, Mephisto, D. Juan Tenório, Walpurgis, incubo e súcubo, Salomé, entre outros.

Para ler nos poemas de Ernani Rosas o (seu) uso de alguns mitos, traçando ligações com a estética simbolista, parece-me importante (de)limitar um "conceito" de mito, uma vez que tal vocábulo pode ter alcance tão dispar quanto mitos africanos, ou mitos romanos e gregos de tempos imemoriais, ou mitos indígenas brasileiros contemporâneos, ou mito do homem moderno, mito do amor materno, mito sexual, mito religioso, etc e etc. A conceitualização de mito foi objeto de trabalho de grande número de estudiosos especializados em inúmeras disciplinas diferentes e as suas interpretações são correspondentemente diversas.

²⁸In Roland Barthes por Roland Barthes. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1977. p.107.

²⁹Para este item, valho-me além dos poemas transcritos nesta dissertação, dos poemas constantes no PMSB e em Poemas.

Mircea Eliade concebe o mito como "uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares"³⁰. Fundamentado no conhecimento que a fenomenologia das religiões e dos mitos lhe proporcionaram, Mircea Eliade destaca o aspecto essencial do mito: "a função mais importante do mito é, pois, a de "fixar" os modelos exemplares (...). Comportando-se como ser humano responsável, o homem imita os gestos exemplares dos Deuses, repete as ações deles"³¹

Anota, ainda, Mircea Eliade, que:

"Ao recitar os mitos, reintegra-se aquele tempo fabuloso e a pessoa torna-se, conseqüentemente, contemporânea, de certo modo, dos eventos evocados, compartilha da presença dos Deuses ou dos Heróis. Ao viver os mitos, sai-se do tempo profano, cronológico, ingressando num tempo qualitativamente diferente, um tempo sagrado, ao mesmo tempo primordial e indefinidamente recuperável."³²

Em Ernani Rosas essa saída do tempo profano, cronológico - através do mito - e o mergulhar num tempo de desejo sagrado - passado? futuro? certamente não o tempo presente - é marcante. É essa, aliás, uma característica da estética simbolista. Observa-se, na poesia simbolista, o gosto pela metafísica, pela mitologia, ocultismo, transcendentalismo, pelo invisível, sendo a vida misteriosa e inexplicável, era natural que fosse representada de maneira vaga, imprecisa, nebulosa, ininteligível, obscura; a coisa em si não era o elemento principal a exprimir, mas o símbolo, a sugestão da coisa.

³⁰In Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, 1972. p.11.

³¹In O Sagrado e o Profano. Lisboa: Livros do Brasil, p.110.

³²In Mito e Realidade, p.21.

Entre os mitos trabalhados por Ernani Rosas, há dois que se destacam: Salomé e Narciso. Dois mitos que "quase todos" os simbolistas trabalharam³⁴: Oscar Wilde, Mallarmé, Eugênio de Castro, Mário de Sá-Carneiro, para todos eles, Salomé e Narciso foram matéria de sacração.

Salomé aparece em vários poemas de Ernani Rosas:

a) em **Poesias**, nos poemas "Sibaris" (p.112), "Salomé" (p.76), "Salomé II" (p.77), "Salomé III" (p.78), "Silêncios" (p.59), "À tarde o poente desfia..." (p.53), "Não serás tu, a sombra..." (p.47).

b) nesta dissertação, no poema "Salomé" (p.53)

Mas é no poema "CONTAM QUE TEU OLHAR URDE..." (PMSB, p.906) que o poeta tece/descreve a "sua" Salomé, numa rica elaboração de sons e sentidos:

"Contam que teu olhar urde a fatalidade
 (...)
 Teimosa, oculta mão Te impele para o crime,
 fascinas, fascinada...
 És toda encanto e tentação sublime...
 (...)
 a própria tentação por Ti é fascinada,
 (...)
 Como que adormecida ela avança a dançar,
 ébria de perversão,
 inquieta de surpresa,
 como cega, a passar, à beira de um abismo,
 tendo os olhos vendados,
 como magnetizada
 por uma oculta força...
 (...)
 Salomé traz às mãos egrégio prato de ouro!..."

³⁴A respeito de Salomé, conforme Onestaldo Pennafort, *O festim, a dança e a degolação*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

A Salomé fatal, encantadora e tentadora ao mesmo tempo que "tentada", isto é, Salomé é induzida, de olhos vendados, a cometer o crime. Os olhos, vendados, são os elementos definidores da involuntariedade da ação de Salomé. Ao contrário, no poema "Narciso" (in PMSB, p.898), os olhos são definidores da voluntariedade da ação do herói: é pelo olhar que o mito (e o poeta) se vê, refletido na água, e se busca na profundidade do eu. O poeta sonha/deseja - vislumbra - o jardim em que se vê, se encontra Narciso:

"Vislumbro esse jardim, onde a demência erro?
 (...)
 Perdi-me. O meu olhar era o mais lindo abismo,
 em que eu flor divaguei demência, num aroma...
 (...)
 através do meu ser - vago espelho sem fim!
 aclaro-me a cismar no meu místico-Fim...
 (...)
 Eu sou - Narciso! - ó Ninfas, minha meditação
 inquieta-se em ser a irmã das vossas tardes!
 vós sois o Poente irreal e idílico de est'alma...
 ó Ninfas - a tentar a minha maldição!..."

Ao recitar o mito de Narciso, Ernani Rosas deixa-se impregnar pela atmosfera (lago, ninfas, cisma, idílio, reflexo, linfa, encantamento/transfiguração) do mito; mais que isso, penetra: o poeta "é" o mito ("Eu sou - Narciso! -"), afasta-se do tempo presente, perde-se, sonha, busca-se belo em si mesmo ("O meu olhar era o mais lindo abismo") e no outro - o reflexo ("através do meu ser - vago espelho sem fim!"). À beira do abismo, que é o seu olhar e ele próprio, o poeta (se)reflete. Como anota Julia Kristeva³⁵: "Narciso mítico é um moderno mais próximo de nós. Ele rompe com o mundo antigo porque se fez origem da visão, e busca o outro

³⁵"Narciso: a nova demência" e "Nossa religião: a aparência" in *Histórias de amor*. Tradução e introdução de Leda Tenório de Motta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p.125-159.

diante de si, como produto de sua visão. Descobre então que tal reflexo não é um outro mas o representa a ele mesmo, que é o outro e a representação de si." A identidade e a representação: "Eu sou - Narciso! -". O poeta e o poema: "espelho-me a sonhar à sombra do jardim...". No verso final do poema: "ó Ninfas - a tentar a minha maldição.", a maldição do não-ser, do ser Um e o Outro, o olhar e a imagem, Narciso e Ernani.

6 - Os desvios³⁶

Trabalhar a poesia de qualquer tempo traz em si a necessidade de refletir sobre as relações entre palavra e imagem, a problemática da simbolização-representação, que é um dos problemas da escrita. Quando se refere à palavra "símbolo", atualmente, entre os muitos significados há uma ressonância determinante: símbolo lembra signo, e entra-se no terreno da semiótica. Porém, para os simbolistas de fins do século XIX e inícios do século XX, a palavra não tinha essa implicação.

No seu estudo sobre o Simbolismo, Edmund Wilson dá algumas especificidades do "símbolo do Simbolismo". Diz Wilson³⁷

"À que, exatamente, se propunha o Simbolismo? (...) A sutileza e dificuldades peculiares do Simbolismo são indicadas pelo próprio nome deste. Tal nome tem sido acusado repetidas vezes de inadequado para rotular o movimento a que foi conferido e inapropriado para designar vários de seus aspectos; (...) Pois os símbolos do Simbolismo têm de ser definidos de maneira algo diversa do sentido dos símbolos comuns - o sentido de que a Cruz é o símbolo da Cristandade ou as Estrelas e Listras o símbolo dos Estados Unidos. Esse simbolismo difere inclusive de um simbolismo como de Dante. Pois o tipo familiar do simbolismo é convencional e fixo; o simbolismo da Divina Comédia é convencional, lógico, preciso. Mas os símbolos da escola simbolista são, via de regra, arbitrariamente escolhidos pelo poeta para representar suas idéias; são uma espécie de disfarce de tais idéias. (...) Insinuar coisas, em vez de formulá-las ostensivamente, era, deessarte, um dos principais objetivos do Simbolismo. (...) é tarefa

³⁶Também usei, para este item, além dos poemas transcritos nesta dissertação, dos poemas constantes no PMSB e em Poesias.

³⁷In⁹Y Castelo de Axel (p. 21-22).

do poeta descobrir, inventar, a linguagem especial que seja a única capaz de exprimir-lhe a personalidade e as percepções. Essa linguagem deve lançar mão de símbolos: o que é tão especial tão fugidio e tão vago, não pode ser expresso por exposição ou descrição direta mas somente através de uma sucessão de palavras, de imagens, que servirão para sugeri-lo ao leitor."

A sugestão da imagem ao invés da expressão literal foi tônica essencial dos simbolistas; o processo alusivo e de sugestão, visto como elemento de observação e devassamento da interioridade, refletido na representação e na sugestão imagística, é a "regra" do Simbolismo. Para Mallarmé, a poesia não deve ser nem descrita nem narrativa, mas sugestiva; para ele, "referir-se a um objeto pelo seu nome é suprimir as três quartas partes da fruição do poema, que consiste na felicidade de adivinhar pouco a pouco; sugeri-lo, eis o que sonhamos" (Mallarmé apud MURICY, 1973, p.52).

Em Ernani Rosas, essa preocupação é uma constante. Sua poética pode ser pensada como uma permanente busca de exprimir suas percepções - únicas e pessoais - através de versos cuidadosamente elaborados. Nesse sentido, destaco alguns exemplos:

- da plaquete **Torre-de-David**, o poema "Amor" (p.93),

"És a ilusão da Luz, quando a casa se fecha..."

é sugestiva a imagem: a impressão da luminosidade que fica, imediatamente após fechar-se um ambiente antes iluminado; é o instantâneo do fugidio, do fugaz;

- da plaquete **Tântalo de Las Quimeras**, (p.84)

"De horas roxas de Lua chagado tédio vem
Silente a envenenar a minh alma serena:
Sol chagado a rir e os astros também têm
irradiações fatais de rútila grangena!..."

a sugestão imagística de um tédio absoluto.

- da plaquete **'Strofes de um Sonâmbulo**, poema "Príncipe" (p.56),

(...)

Vago a convalescer por horas irreais!

(...)

Vivo morto num sonho! Embriaga-me o absinto
da Ilusão dum sol-pôr, que as tardes não têm mais...

(...)

Sou uma Ânsia de azul... por silente floresta

(...)

A uma leitura mais constante dos poemas, percebo uma concepção poética que se interliga nos signos abordados. Ernani Rosas dá como que uma preferência a determinadas cores, palavras, flores. Para Augusto de Campos, "essa preferência do escritor por algumas palavras é um dado relevante para a interpretação da obra literária, de particular importância no âmbito da poesia, em virtude da rarefação da área semântica que nela ocorre, e da conseqüente dificuldade em descrevê-la através de critérios puramente lógicos, da impossibilidade - em suma - de 'traduzir' o poema linearmente em prosa."³⁸

Assim, por exemplo, Ernani Rosas privilegia as cores azul, roxo, violeta, lilás - mas, como acuradamente apontou Cleonice Berardinelli, "há ainda em Ernani Rosas uma cor de todas as cores, que é a cor crepuscular, do Sol-Pôr, do Poente agonizado"; a estação do ano é o outono, o mês é agosto; o período do dia é o crepúsculo, fim de tarde, também a noite; sua flor é o lírio, algumas vezes a rosa; refere-se ao ópio, à morfina, algumas vezes ao vinho; as palavras que se destacam: volúpia, penumbra, êxul, lúgubre, lúbrica, seda, mística, irreal, olor; os temas são jardins, fontes, flores, sombras, ninfa, quimera, solidão. Vale realçar o amor, em Ernani Rosas, que aparece como algo irrealizável/irreal/vício/devassidão/impossibilidade/não-ser:

³⁸In Revisão de Kilkerry, p.51.

"Minha volúpia e como uma moléstia estranha..."
 ("Languidez Outonal" in Poesias, p.70)

"É um tântalo, essa ânsia apeteçada!"
 (p.67)³⁹

"Caleidoscópio irial do meu amor:"
 (p.101)

"Sofro-lhe a ausência. A carne é meu martírio,
 Ressurjo... amo a visão do meu Não-Ser!
 Todo meu corpo é amorfa névoa-círio...
 Volúpia de um perfume a se perder
 (p.103)

"Morre-me a boca em lúbrico delírio
 por beijar-Te e plasmar teu corpo, ó Linda!"
 (p.104)

"Temo essa hiena oculta no teu peito"
 (p.113)

"Todo prazer é um beijo mal roubado,"
 (p.165)

"Convalesço de um mal irremediável
 das dolências senis do coração"
 (p.177)

"o ardor da carne anseia um outro ser, enfim!
 sou o fluxo-refluxo eterno das quimeras..."
 (p.216)

"rígido" Se em determinados momentos Ernani Rosas é um simbolista, seguindo à risca os ditames do mais "puro" Simbolismo, há momentos em que Ernani Rosas distancia-se, mergulhando numa poética "sua", recheada de hermetismo e 'non sens'.

"Morar silêncio e pó... seria uma Utopia...
 O éter Fluido transpor na angústia que o deplora
 ser noite e converter-Me em Lua de outras-eras..." (p.162)

"Tudo é orgânica essência em riso e dor
 Argila e Deus! Amor convalescente"
 (p.205)

³⁹ Os versos citados a seguir, neste item, são de poemas transcritos neste trabalho.

"Nostalgia dos Cães sangra saudade
 pelo Não-Ser da Sombra-Virgem ainda...
 (cães) (não latem) à lua, ao inconsciente!
 Pois eles têm mais alma do que os homens."
 (p. 206)

Ernani Rosas é um "criador" de neologismos, derivando palavras que, por si só, têm um belo efeito poético: "luarizada", "aurorecendo", "rimanceiro", "ensofrido", entre outros (nas transcrições dou em nota de rodapé, os neologismos do poeta); ele vale-se, também, de variados recursos onde reflete sua ousadia poética e sintática:

- aliterações:

"Selva de sombra e sonhos dentre assomo:"
 (p. 56)

"Deito o olhar dentre as trevas e vejo a noite"
 (p. 143)

"p'la ambarina neblina dessa incúria."
 (p. 149)

viração
 "A viração coleiam os cômoros de areia"
 (p. 180)

- sinestésias:

"Sou uma ânsia de azul... por silente floresta"
 (p. 56)

"Que séculos de azul hão-de torná-las
 em formas tenebrosas do ideal"
 (p. 58)

"Sou uma vaga sonora em pensamento"
 (p. 103)

- cognatos: "são espelhos enublados de neblinas"

(p. 67)

- paronomásias:

"Concepção de vetusta e egrégia graça"
(p.102)

"n'um músico murmúrio... porque a vida"
(p.123)

"auréola aureoreal do laivo de um sorriso"
(p.91)

- compostos: além-quimera, ante-sonho, sol-por, longe-ma-
nhã, além-túmulo, por-do-sol-régio marfim,

- uso constante de maiúsculas;

- inversões sintáticas:

"Não Te ouse contemplar a face escura"
(p.51)

"Reinei ausência eterna, audaz amiga"
(p.60)

"Morre-me a boca em lúbrico delírio"
(p.104)

Mesmo com esses desvios, do Simbolismo e essas in-
cursões no que poderíamos chamar de pré-modernismo, Ernani Rosas
mantém uma "busca" que perpassa os vários movimentos de sua poética
e que estaria, para mim, no seu Não-Ser, em se ver ele mesmo e sua
poética exilados e asilados na "torre" (de marfim, de David, ebúr-
nea, de ilusão) e revelada (essa busca) nos dois últimos poemas
transcritos neste trabalho: o poema "II", de 1917 onde o poeta já
se refere à "torre de ilusão", e no poema "Eu?" de 1946, onde o
poeta ainda busca construir sua "Torre" de ilusão e pedrarias. En-

volto em sedas, penumbras e volúpias, o poeta, com sua poética, se faz êxul.

CAPÍTULO II

ESTABELECIMENTO DO TEXTO

"Os autógrafos de autor morto e os apógrafos - cópias de cópias que se remontam sucessivamente em princípio, até o autógrafo, supérstite ou perdido - de copista morto merecem, em teoria, os mesmos cuidados e respeito, ainda que de valia diferente: são material que pertencem à história e cuja intangibilidade e inalterabilidade devem ser preservadas. A publicação moderna, atual, de tais escritos constitui, quando se visa à fidedignidade e à fidelidade, o problema central da ecdótica e das técnicas e ciências afins. Não se justificam, desse modo, a título nenhum, por piedoso, moral, eufêmico que seja o pretexto, quaisquer que sejam as razões invocadas ou invocáveis, adjunções ao próprio documento, de esclarecimentos, retoques, avivamentos, glosas, rasuras - ainda que os móveis disso sejam os mais honestos e aparentemente legítimos. A preliminar mesma para que o manuseio de tais documentos seja facultado a quem quer que seja é que esse quem quer que seja esteja inbuído dessas noções."

(Antônio Houaiss, Elementos de Bibliologia,
p.71)

1. Dos inéditos de Ernani Rosas, no acervo da Academia Catarinense de Letras

Há no acervo da Academia Catarinense de Letras¹ aproximadamente mil poemas inéditos de Ernani Rosas. Tive oportunidade de

¹Lembro que já tratei anteriormente de como estes poemas vieram "parar" na Academia Catarinense de Letras.

consultar estes documentos; poderia agrupá-los em duas partes "físicas":

1ª parte: poemas avulsos, a maioria escritos em folhas de papel comum, pautada, alguns a lápis, alguns datilografados, grande parte escritos a caneta. Também há versos esparsos, quadras, fragmentos de poemas, poemas reescritos várias vezes, opiniões de Ernani Rosas sobre contemporâneos seus, textos em prosa. Entre os avulsos, penso que há algo em torno de seiscentos e cinquenta poemas.

2ª parte: poemas reunidos em trinta e sete plaquetes². Estas são pequenos livros, organizados por Ernani Rosas, com uma capa de papel "de embrulho", onde está escrito a mão o título da plaquete (às vezes mais de um título, às vezes plaquetes diferentes com o mesmo título), com data, local e nome e/ou pseudônimo do autor. As plaquetes são costuradas a mão, com barbante. Os poemas nelas constantes são manuscritos a caneta de cor azul ou de cor vermelha, ou a lápis. Há uma única plaquete, **Strofes de um Sonâmbulo**, cujos poemas são datilografados. Há, ainda, dentro das plaquetes, vários poemas escritos em folhas avulsas. Tais folhas terão sido ali colocadas pelo poeta? Difícil precisar. De toda maneira, há em torno de duzentos e sessenta poemas "costurados" nas plaquetes e aproximadamente oitenta poemas avulsos entre elas.

Diante de tão vasto universo poético, como definir um recorte para trabalhar na dissertação? Com que critérios definir uma "selecção" de poemas uma vez que não os conhecia em profundidade?

Simplesmente não defini critérios, a priori.

²Ver tabela I os títulos das trinta e sete plaquetes (p.38).

Há poemas que terei "deixado para trás" e que são, provavelmente, "melhores" do que estes que transcrevi. Certamente, não foi minha intenção trabalhar com os "melhores" poemas de Ernani Rosas, até porque penso que este critério é extremamente subjetivo e não se constituiu em motivo de minhas investigações.

Algumas questões práticas nortearam minha escolha:

- trabalhar preferencialmente, mas não exclusivamente, com as plaquetes, uma vez que vi nelas um possível desejo de Ernani Rosas em publicá-las com tal organização;
- no caso de "Sapfo?", escolhi pelo tema e porque há uma série de três poemas distintos, escritos em anos diferentes e com o mesmo tema e título;
- no caso de "Perfil Castilhistas", porque reflete um possível posicionamento político de Ernani Rosas;
- no caso de "África", pelo tema e pelo fato de que o manuscrito está cheio de rasuras/reescrituras, o que constituiu um especial desafio, para mim, a sua transcrição;
- no caso dos poemas datilografados, pela leitura mais ou menos facilitada;
- no caso de "Soneto Impressionista" e "Soneto: Spleen", pelas referências a Cruz e Sousa e Baudelaire, respectivamente. Vale lembrar a importância desses dois poetas entre os simbolistas.

E assim sucessivamente. Em algum tempo, eu havia definido um recorte de leitura, para transcrição, que resultou no seguinte:

a) plaquetes:

Os Meus Abrolhos

Os Meus Abrolhos

'Strofes de um Sonâmbulo

'Strofes de um Sonâmbulo
 Sol posto
 Tântalo de Las Quimeras
 Torre-de-David
 Torre-de-David
 Última Estrofe da Desesperança (Torre-de-David)
 Cancioneiro da Noite (Torre-de-David)
 Rimanceiro da Mágoa
 Certo véu de Sombra e Olvido
 Litânia à Adolescência
 Veneno que não cura
 [Plaquete sem título]
 La Noche de las Quimeras
 História do Gosto

b) poemas avulsos:

b1) avulsos entre algumas das plaquetes transcritas³:

- plaquete	- poema
Os meus abrolhos	Safo? (951)
	Soneto
	Soneto
	Soneto
	Avozinha
'Strofes de um So-	
nâmbulo	Balada
Sol posto	Aldeia ao luar
	Adeus! oh! fonte magoada...

³Isto é, há outros avulsos entre as plaquetes transcritas que todavia não trabalhei.

Alegria alheia

Quando penso, que 'stou longe

Elogio da Humildade

África

Queixumes

Torre-de-David

Safo? (952)

Cancioneiro da Noite Torre-de-David

b2) poemas avulsos:

Safo? (945)

O SONHO DAS ÁGUAS

Perfil Castilhistas

História do Gosto

Nas regiões do Exílio

Soneto: "Spleen"

Soneto Impressionista

Tu, que habitas a noite, o Universo,

Noite de Valpurgis

A IDÉIA I

II

III

Da Tristeza

VII

Súcubo "d'alma"

Naufrágios

II

Sonetos

2º

Nostalgia dos Cães

Sonetos I

II

Eu?

Buscando me aproximar ao máximo possível dos originais, reproduzi cópias "remontando" as plaquetes com as quais trabalhei, segui o formato e a ordem rigorosa dos poemas e "costurei" as plaquetes; estas cópias estão no anexo I.

Também reproduzi os avulsos transcritos, que estão no anexo II.

Devo dizer que não consultei os jornais IMPARCIAL e MACÃ, nos quais Ernani Rosas trabalhou⁴, para fazer um levantamento de poemas que tenha publicado nestes periódicos. Também não me foi possível consultar acervos de particulares ou familiares do poeta⁵, que eventualmente tenham inéditos seus. Limitei-me ao acervo da Academia Catarinense de Letras.

2. Rasuras, reescrituras, variantes - o estabelecimento do texto

A produção poética de Ernani Rosas, em seus manuscritos, é marcada por uma constante: a rasura/reescritura. Praticamente todos os seus poemas têm essa característica. E muitos poemas têm variantes. Isso me antenou para uma leitura mais cuidadosa e cautelosa.

⁴Segundo informa Iaponan Soares em seu estudo sobre Ernani Rosas in *Poesias*, p.17 e 18.

⁵No *Anuário Catarinense* de 1956, à página 136, há trecho de uma carta de Afonso Várzea que diz o seguinte: "Venho de entregar ao Edmundo Pinto onze volumes ernanescos, tendo copiado a única peça referente ao Estado que lhe serviu de berço, e cujo nome figura no título. Achei-o muito bonito, com a nota local na saudade e a dedicatória ao Pai, coisa que me tocou o coração". Entre os manuscritos que li, no acervo da ACL, não encontrei nenhum poema onde figure o nome do Estado de Santa Catarina ou que seja dedicado ao pai, Oscar Rosas, donde presumo haja outros poemas além dos que estão na ACL, provavelmente com familiares do poeta.

Poemas escritos pelo poeta quando ainda jovem e que tiveram versos rasurados/reescritos (feitos na mesma época em que os escreveu? mais tarde? difícil precisar) não tiveram uma escritura definitiva, não foram "passados a limpo". Ernani Rosas manteve os poemas como que "em processo", em feitura permanente. Poderia tê-los "passado a limpo", em versão "definitiva", quando, por exemplo, organizou as plaquetes. Não o fez. Mesmo os poemas das plaquetes, que poderiam nos levar a entender um "desejo de editá-las" e, portanto, de ter os poemas "prontos", mesmo nestes poemas as rasuras/reescrituras e as variantes são constantes. O incessante ato de escrever/rasurar/reescrever reflete uma insatisfação permanente do poeta. É insatisfação que muda diametralmente o sentido primeiro do verso e o sentido na reescritura. Veja-se, por exemplo, nos poemas "A Idéia", e "Súcubo d'alma".

1^o) poema: "A Idéia" (p.195).

1^o verso: "Da Idéia ardera o espírito sagrado".

Há a variante: "Da Idéia ardera o gênio do pecado"

3^o verso: "ei-lo a esvaír-se no crisol doirado" (é reescritura).

Rasura: "ei-lo a esvaír-se quase incinerado"

4^o verso: "como centelha de desejo astral" (reescritura)

Rasura: "como senil desejo pelo irreal".

São idéias opostas que Ernani Rosas retrabalha na reescritura: o "espírito do sagrado" é justamente o oposto a "gênio do pecado"; "crisol doirado" é oposto a "quase incinerado"; "centelha do desejo" dá a idéia de jovem desejo, ou desejo inicial, o oposto de "senil desejo".

20) poema: Súcubo "d'alma" (p.201)

Curioso é que a maneira como esta palavra está no manuscrito, tanto permite a leitura de "Súcubo" como "Incubo", que são divindades exatamente opostas, e tanto uma quanto outra fazem sentido no corpo do poema.

Há também as variantes, que possibilitam múltiplas leituras de um mesmo poema. Há muitos poemas nos quais Ernani Rosas dá variantes, "Canaã" (p.43), "O que é a Vida?" (p.54), "Tormento?" (p.87), "Gostar" (p.166), entre outros.

Enfim, os poemas de Ernani Rosas, nos manuscritos, estão como que em processo mas, ressalte-se, não inacabados. Parece-me um desejo, reitero, um desejo de Ernani Rosas não lhes dar forma definitiva.

A transcrição que faço dos poemas, portanto, procura manter esse caráter não definitivo, não "pronto", não definitivamente transcrito. Naturalmente que trabalho com um estabelecimento de texto, mas acrescento as rasuras, as reescrituras e as variantes.

Embora com elementos suficientes para proceder a um trabalho baseado na crítica genética, ou na crítica textual, não direcionei meu trabalho neste sentido principalmente porque, tanto a crítica genética quanto a crítica textual pressupõem a existência de uma primeira edição do texto a ser estudado. Mas os poemas que transcrevo são inéditos, não há uma primeira edição com a qual cotejar os manuscritos. Trabalho, portanto, com o estabelecimento do texto, assinalando os diversos tipos de ocorrências: rasuras, reescrituras, variantes, anotações feitas por Ernani Rosas, cujo lugar de inserção não fica claro, dificuldades de leitura, etc.

A respeito do estabelecimento de texto, diz Antônio Houaiss.

"O estabelecimento do texto é, pois, a um tempo um problema de ecdótica, de hermenêutica e de exegese. É impossível, em princípio, estabelecer um texto que não seja totalmente compreendido pelo editor-de-texto, ainda que alguns aspirem a uma como objetividade mecânica na operação ou ainda que esse grau de compreensão possa ser aprofundado por outrem. Dessa forma, a inteligência de um texto se logra por um crivo:

a) de todas as particularidades do texto, para que eventualmente qualquer uma dessas particularidades sirva de lição para qualquer outra do mesmo texto,

b) de todas as particularidades e generalidades do contexto - no que, inclusive, a história, a erudição em geral, a geografia, a filologia, as idéias coetâneas, os ideais coetâneos, do autor, da sua geração, do país, da nação, do mundo, até do seu tempo, do passado, possam trazer suas luzes; (...)"⁶

3. Critérios para transcrição: en las huellas

Não foi meu objetivo estabelecer uma tese na qual comprovasse uma metodologia para a transcrição dos poemas de Ernani Romas; tampouco estabeleci critérios e os segui rigidamente (assim como não o fiz na escolha dos poemas a serem transcritos). Mais ou menos seguindo as pegadas de Augusto de Campos⁷, (as orientações teóricas) de Antônio Houaiss⁸ e Segismundo Spina⁹, (consultando constantemente os dicionários) de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira¹⁰ e J.T. da Silva Bastos¹¹, (e finalmente, atendida pelas indicações) de Leyla Perrone Moisés¹², no transcorrer das transcrições é que fui desenvolvendo uma metodologia e estabelecendo critérios, que descrevo a seguir.

⁶Op.cit., p.205.

⁷Principalmente em *ReVisão de Kilkerry*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

⁸Em *Elementos de Bibliologia*. São Paulo: HUCITEC; [Brasília]: INL, Fundação Nacional do Livro, 1983.

⁹Em *Introdução à Edótica*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1977.

¹⁰*Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1.ed. 7^ª Impressão, Rio de Janeiro: Nova Fronteira,

¹¹*Dicionário Etymológico, Prosódico e Orthográfico da Língua Portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Parceria Antonio Pereira Livraria Editora, 1928.

¹²Principalmente em "Escolher e é julgar"; observa Leyla: "O que caracteriza o julgamento moderno é que não se julga 'a partir' de critérios, mas, ao julgar, cria-se critérios". *Colóquio* nº 65, Lisboa, 1963.

3.1. Quanto à pontuação

Segui inteiramente a pontuação do texto base, mesmo quando este não respeita as normas atuais, porque considero a pontuação como característica de cada autor, e fundamentada no que ensina Antônio Houaiss:

"(a) a variedade [de pontuação], de autor para autor, até no mesmo autor, através dos tempos, é elemento que, embora não aproveitado ainda para aprofundadas pesquisas filológicas, deve encerrar algum valor indicativo de alcance particular e, por via de consequências, de alcance geral; (b) a conexão que sempre houve entre a pontuação e o jogo rítmico-melódico-respiratório poderá, quiçá, permitir que algum dia os estudos filológicos venham a elucidar a evolução do ritmo, da melódia, da cadência, da marcha da expressão falada, conjunto de fatos esse que se sente não ser estranho de modo nenhum à evolução geral de uma língua, como condicionado e condicionante dessa evolução. Ora, no momento em que se descobriu a metodologia capaz de interpretar o "arbitrio" da pontuação do passado para elucidação dos fatos acima referidos - nesse momento as edições críticas em que se adotou o critério da modernização da pontuação não terão, no particular, nenhuma ou quase nenhuma valia."¹³

3.2. Quanto aos sinais diacríticos

Procedi à do uso de acento grave (`), agudo (´), circunflexo (^), trema (¨).

Mantive o uso do hífen (-) sempre que Ernani Rosas o fez.

3.3. Quanto à atualização das palavras

Quanto à das palavras, meu procedimento foi o seguinte:

- simplifiquei as consoantes dobradas: bb, dd, ff, gg, ll, mm, pp, tt, exceto os cc, rr, ss;

¹³Op.cit., p.98 e 99.

- atualizei o emprego do j e g; do ch e x; do ss, c e ç; do h nos derivados e prefixais; do s e z;
- atualizei os dígrafos helenizantes - ph, th, nh, nos substantivos próprios;
- substituí o k, o y e o w por c ou qu, i, v ou u, respectivamente, nos substantivos próprios;
- mantive os estrangeirismos;

3.4. Rasuras, reescrituras e variantes

Ernani Rosas rasurou/reescreveu várias palavras, versos, estrofes de um mesmo poema. Assim, estabeleci a norma de observar em nota de rodapé o seguinte:

- a) rasura: "transcrevi verso rasurado quando legível"; reescritura: "verso reescrito e adotado na transcrição".
- b) rasura ilegível; reescritura: "verso reescrito e adotado na transcrição".
- c) notei os casos em que há reescritura sem rasura;
- d) anotei as variantes de versos e ou estrofes,
- d) há casos de rasuras, sem reescritura; mantive então as rasuras, quando legíveis. Quando não legíveis, usei [...]

3.5. Quanto à métrica e à rima

Adotei cuidados especiais respeitando rigorosamente a métrica e a rima dos versos.

Assim, por exemplo, mantive as formas contraídas de "p'la", "p'ra", "d'astros", "d'alma", "d'além" e não substituí por "pela", "para", "de astros", "da alma", "do além" a fim de não alterar a métrica dos versos.

3.6. Outras palavras

Em alguns casos particulares, adotei as seguintes convenções, sempre assinalando em notas de rodapé.

- a) usei [...] quando não consegui transcrever a palavra;
- b) assinalei as palavras não dicionarizadas as quais não tive certeza serem neologismos;
- c) mantive o uso das maiúsculas sempre que Ernani Rosas fez uso delas;
- d) assinalei aliterações, paronomásias, neologismos, antíteses,
- e) elaborei informações que julguei necessárias para melhor compreensão do universo poético de Ernani Rosas; assim, anotei informações sobre mitos, poetas, palavras ou ex-

pressões especiais,

- f) digitei cada poema transcrito em página própria (nos manuscritos há poemas que começam numa página e terminam em outra); considerei as quadras esparsas como poemas;
- g) aos poemas sem título dou como título, no índice das transcrições, o primeiro verso;
- h) anoto quando os poemas já constam em outras edições (no PMSB ou em *Poesias*);
- i) a grande maioria dos poemas está manuscrita com tinta azul, portanto, só assinalo, em nota, quando os poemas estão datilografados, escritos a tinta vermelha ou a lápis.

TABELA I

TÍTULO DAS PLAQUETES	NOME/PSEUDÔNIMO	DATA
Tântalo de Las Quimeras	-	945 a 46
Tentacões da Carne	E. Rosas/A. Luzo	918 a 45
Rimas Vermelhas	E. Rosas	918 a 46
Leal Tristeza e outros Versos	N. Luzo	946
La Noche de Las Quimeras	A. Luzo/E. Rosas	918 a 45
Os Meus Abrolhos	Ernani Rosas	945 a 52
Rimanceiro da Mágoa	E. Rosas/A. Luzo	915 a 45
RIMAS	E. Rosas	952
Lugitânia	E. R. Rosas	945
Torre-de-David	E. Rosas	914 a 50
Certo Véu de Sombra e Olvido	N. Cáspio	914 a 18
Tântalo de "Odeir"	E. Rosas	945 a 50
Musa Irônica	E. Rosas	918 a 46
Certa Lenda por Contar	E. Rosas/A. Luzo	918 a 46
LÁ (Rimas)	-	1918 a 45
Litânia à Adolescência	Ernani Rosas/N. Luzo	918 a 47
Veneno que não Cura	E. Rosas	949
Andrajos d'Alma	E. Rosas	941 a 45
'Strofes de um Sonâmbulo	N. Luzo	916 a 45
Sol-posto	M. Cáspio	19-8 a 43
Os Meus Abrolhos	E. Rosas/N. Luzo	915 a 946
Torre-de-David	E. Rosas	914 a 49
Fonte de Lúcifer	N. Cáspio	944 a 945
Recados da Lua aos Lírios	N. Luzo	918 a 32
Rima da Noite e Uma Página de Outono	E. Rosas/N. Luzo	918 a 47
Fonte de Lúcifer	-	946 a 50
Última Estrofe da Desesperança	E. Rosas	945 a 50
Tântalo de Las Quimeras	E. Rosas/A. Luzo	918 a 45
Trapézios de Astros	E. Rosas/N. Luzo	918 a 47
"Rimas da Noite"	-	925 a 45
Lacrimae Rerum	Ernani Rosas	1947
História do Gosto	N. Luzo	918 a 46
Torre-de-David	E. Rosas/N. Luzo	-
Chymère des Chymères	E. Rosas	918 a 46
[Plaquete sem título]	-	-
'Strofes de um Sonâmbulo	E. Rosas/N. Luzo	918 a 46
Cancioneiro da Noite	-	918 a 47

CAPÍTULO III
TRANSCRIÇÕES

1. Plaquetes

Os Meus Abrolhos	40
Os Meus Abrolhos	46
'Strofes de um "Sonâmbulo"	55
'Strofes de um Sonâmbulo	66
Sol-posto	71
Tântalo de Las Quimeras	73
Torre-de-David	88
Torre-de-David	98
Última Estrofe da Desesperança (Torre-de-David)	106
Cancioneiro da Noite (Torre-de-David)	114
Rimanceiro da Mágoa	118
Certo Véu de Sombra e Olvido	128
Litania à Adolescência	135
Veneno que não cura	145
[Plaquete sem título]	154
La Noche de las Quimeras	158
História do Gosto	164

Os

Meus

Abrolhos

945 a 52 "Rio"

Ernani Romas

Pés

Pés de martírios, pés chagados - Dores...
 que o chão trilharam n'uma Sexta-feira,
 Sete-Dores chagados p'la canseira
 4 do pó da Estrada p'ra quem tem amores!

Sete-Dores de passos indecisos
 que Deus plasmara na amplidão silente...
 Sete-chagas de sóis rumo impreciso
 6 de errante estrada para a dor da gente...

Pés descarnados, gélidos, feridos
 p'lo horror da vida de sofrer ingente,
 11 Pés de Jesus em sangue doloridos...

Chagas do Tédio p'la existência amara
 Rasgando Selvas na distância, sente...
 14 ferir-lhe a carne os cordais¹ do Sa^oara!

N. Iguacu 952 E. Rosas

¹Palavra não dicionarizada; talvez um neologismo a partir de corda, então "cordais" significando açoites. Augusto de Campos anota, em Kilkerry, palavra semelhante: "cordos: palavra inexistente em vernáculo" (in *Revisão de Kilkerry*, p.80).

"Soneto"¹

Tu, que habitas a noite do Universo,
 os mundos celestiais onde Alguém mora!
 Que juízo fará da Luz da aurora,
 4 Esse gênio, que vive em sombra imerso?

Sentindo desfilar ante a piedosa
 Alma triste que tens de combalido,
 à sarcástica, lóbrega e andrajosa
 8 ironia dos lábios de um vencido...

Sonharás transcender pela memória
 em saudade tua asa que assemelha
 11 um troféu de apoteose para a glória!...

Ascenderás edênico e intangível
 Ante o clangor, que a nossa pel'engalha²
 14 Como de um lírio o fluido imperecível!...

Rio 917

E. Rosas

¹Há um ponto de interrogação, a lápis, antes do primeiro verso.

²Ernani Rosas emprega bastante a apócope, por causa do metro (aqui, no caso, decassílabo).

Canaã¹

Envio-Te notícias de meus males,²
 Chagas da Alma... o vendaval da vida!
 a doença do corpo, a fé perdida,
 4 mais forte do que o fel da digitalis³

Tudo em ruína: Crenças e aventuras!
 Rota do infundo Sonho, só por Deus...
 Quanto ao Brasil renego, é uma loucura
 8 alimentar quimeras sob os céus...⁴

Quando volver às selvas e à alegria?
 penetrar no segredo da alga umbria
 11 ouvir cantar as aves e sonhar...

Então direi que recomeça a esperança...
 A floresta, onde escuto murmurar
 14 A voz de Deus no riso das crianças!...

946 Rio

E. Rosas

¹Ernani Rosas associa o Brasil a Canaã, a terra prometida, num tempo que virá.

²Variante (da primeira estrofe?) ao final do poema:

"Em resposta da tua última carta
 Tenho a dizer-Te que não foi olvido!
 antes que teus queixumes a mim parta
 vou contar-Te, o que tenho por perdido..."

946 Rio

E. Rosas

³Ernani Rosas se refere à dedaleira (*digitalis purpurea*), planta ornamental, de propriedades medicinais, que dependendo da dose, podem ser venenosas e cujas flores são hermafroditas. O poeta usa "digitalis" novamente no poema "Tormento?", plaquete "Tântalo de Las Quimeras" (p.87).

⁴É comum atribuir aos poetas simbolistas a característica de alienados políticos, uma vez que estariam encastelados em suas "torres de marfim". À uma leitura mais aturada comprova-se o contrário.

Pousa alto o teu espírito,
olha bem para os meus olhos:
verás que vida, que tenho
4 não é a tua, sem abrolhos!...

Põe o olhar nos astros,
sonha assim com o meu!
meu olhar, é a noite...
8 sob o teu, o céu!...

"Ouvir!"

Ouvir... Só no silêncio das estrelas!
 o soluço das coisas e dos ares...
 Viver para a emoção das noites belas
 4 à lacrimosa mágoa dos Luas...

Apodrecer à sombra de ermo cerro¹:
 ser um tojal, em sombra² é o meu anelo...
 7 Só, por amor da noite o seu desterro!...

911 Rio Boca da Noite

E. Rosas

¹Parte desta página foi cortada, de modo que fica faltando a segunda quadra, o primeiro terceto e não se pode afirmar que o terceto pertence ao soneto.

²Rasura: "penumbra"; reescritura: "em sombra".

Os

Meus

Abrolhos¹

"À La Manière des Poetes d'Orfhée"²

915 à 946

N. Luzo (E. Rosas)

¹Está escrito a lápis, vermelho. Há margens com traços vermelhos e lilás, fazendo uma composição de capa.

²Escrito a caneta com tinta azul.

Sino rude da capela¹
de campanário silente:
Sol me acordes voz singela,
pelas Horas do poente!...

¹A frase "à la manière des Poètes d'Orphée" está escrita duas vezes.

"Poètes d'Orphée" eram os poetas portugueses que editaram a revista "Orpheu", de curta duração e edição (apenas dois números entre março e julho de 1915), mas que agitou/escandalizou a vida literária portuguesa. Entre os editores e colaboradores da revista estavam Mário de Sá-Carneiro, Luiz de Montalvor, Fernando Pessoa, José de Almada-Negreiros, Ronald de Carvalho. Este último, brasileiro, amigo de Ernani Rosas. Em carta datada de março de 1915, Luiz de Montalvor escreve a Ernani Rosas orientando-o para que "arranje" poemas seus visando colaboração na "Orpheu". (Cf. *Anuário Catarinense*, 1976, p.130)

Abrolhos!

A nossa Vida é como um grande rio,
 sempre ansiando ser um dia oceano!
 ora revoltoso de brilho, insano...
 4 mostrando a areia e fundo d'ouro, frio...

A púrpura do sol à noite, o invade
 em tons frios de mármore e de gelo...
 Lembra um campo em declive aonde arde
 8 o arco d'ouro e astral do Sete-Estrela¹!

O olhar abrindo pela imensa Estrada
 Cheia de sonolência e de Quimera,
 11 vê, ressurgir da terra embalsamada

Todo um vergel, de um ósculo fecundo!
 o oceano em fúria a desfazer crateras...
 14 e Deus de um astro, transformá-lo em mundo!

¹Constelação de sete-estrelas, as Plêiades. Na mitologia grega, o gigante Atlas e Plêione tiveram sete filhas (Faigeta, Electra, Alcíone, Astérope, Celena, Maia e Mérope) que se suicidaram e foram transformadas em sete estrelas: as Plêiades.

Morta outra vez, n'um sonho Te ante-vendo!
p'r'o meu viver ideal, porque Te almejo...
3 esculpida em meu sonho, aurorecendo¹

932²

¹A palavra está rasurada; poderia se ler também "alvorecendo" ou "suroreando"; optei por "aurorecendo", lendo aí um neologismo de Ernani Rosas.

²Rasura: "940"; reescritura: "932".

Selva de sombra e sonhos dentre assomos
trazeis ruínas, neles - longe - escombros
de cidades de Luz e de harmonia
4 primaveras com sol e alegrias...
Outonos e verões! - invernos - sinas
de Tristeza p'la neve e nostalgia...
Tântalo¹ e aurora eterna aos nossos olhos,
8 Vergel de rosas para os meus abrolhos!...

932

¹Tântalo - figura mitológica que, por ter roubado os manjares dos deuses e tê-los dado aos homens, recebeu o castigo de que, ao se aproximar de alimentos, estes afastavam-se, de maneira que Tântalo não os alcançava jamais.

Soneto Cismas da Noite

Noite irmã da Tristeza e da ansiedade
e das Almas, que ignoram a alegria...
Sombra feita de assomo e claridade,
4 Evocadora ideal da nostalgia!...

Tua boca não canta uma Elegia!
Calou-se a vibração da imensidade...
como um soluço à frouxa luz do dia,
8 ou, névoa, que velara a Eternidade!

Não Te ousou contemplar a face escura
e prossigo a cismar à luz dos Astros...
11 Escondendo entre as mãos a fronte impura!

Para ocultar-me a lúgubre presença
do teu espectro, que ficou no rastro
14 da Estrela, que lavrou¹ minha sentença!...

918 Rio

E. Rosas

¹Rasura ilegível; reescritura: "lavrou".

Soneto

Ah! quando est' alma heróica e descontente
 Libertar-se da carne, que a reveste...
 Ela, há-de adejar incertamente
 4 às paredes de um corpo, mais celeste...

Como uma C'ruja às horas do sol-poente...
 entorno de uma torre esburacada,
 que será nosso ser, macabramente,
 8 nos assomos da carne desmanchada!

Não ter ficado Eu, entre as ruínas!
 expor¹ à luz dos séculos hiantes...
 11 oculto sob as heras e boninas;

E depois, percorrer meu próprio ser!
 em adejos inúteis e inconstantes...
 14 como a andorinha à "Torre-do-Não-Ser"!

¹Palavra borrada, ^{provavelmente} pela caneta-tinteiro usada por Ernani Rosas.

Salomé

ó Bailarina, oh! mariposa inquieta!
 Aljofrada da gema de uma tarde.
 és nune, Salomé, ágil goleta...
 4 dentre o incenso da sombra que outra e arde¹...

Espectro errante de um cometa absorto²
 após a bacanal "saturniana"!...
 (onde os nardos têm ócio do "Mar-Morto")
 8 e ergue-se a lua irial, sibariana³...

Chovem do céu os raios da nova aurora⁴
 sobre seu corpo d'âmbar colmado⁵
 11 da via Láctea que su'alma⁶ olora...

Numá auréola de Luz e alegoria⁷
 Esvaindo-Te em Sonho musicado,
 14 para a glória do "Mal" que a irradia⁸...

918 Rio

E. Rosas

¹Rasura: "envolta pelo incenso, que outra e arde..."; reescritura: "dentre o incenso da sombra que outra e arde...".

²Rasura: "planeta morto"; reescritura: "cometa absorto".

³Palavra não dicionarizada. Talvez um neologismo de Ernani Rosas a partir de "sibarita", adjetivo dado aos que vivem nos prazeres; segundo Andrade Muricy, "sibarita" foi expressão muito usada pelos simbolistas.

⁴Rasura: "de estrelas sobre"; reescritura: "da nova aurora".

⁵Rasura: "aljofrado"; reescritura: "colmado".

⁶Rasura: "seu corpo"; reescritura: "su'alma".

⁷Rasura: "pedraria"; reescritura: "alegoria".

⁸Rasura ilegível; reescritura: "para a glória do "Mal" que a irradia".

O Que é a Vida?

A Vida: É uma hora, um dia, a noite triste,
 E:— ("La chanson du jour"!) que a bailarina,
 interrompendo, diz com graça e chiste.

4 n'uma expressão dramática e divina!

Vida, é volúpia, tântalo¹ e agonia!
 desgraças mil, letras vencidas, um homem
 que perdeu a razão por ironia

8 da sorte, que os mil nada nos consomem...

Vida: - aventura² louca do destino...
 o jogo, a sorte... a ebbriez d'ópio a Pérsia...

11 o fausto e a bacanal por desatino!³

Vida, é teu lábio de ludibrio infindo!⁴

O teu corpo de âmbar se exaurindo,
 14 em perfumes exóticos de inércia!...

946

¹Ernani Rosas usa aqui, o vocábulo como substantivo comum, e não substantivo próprio, conforme o mito Tântalo (nota 1, p.50)

²Rasura: "heresia"; reescritura: "aventura".

³Variante do 1 terceto:

- a) "Vida, é o enfunar de impávida galera
 aos quatro ventos pela aurora à Pérsia...
 da juventude para além-Quimera!"
- b) "Vida aventura na impávida galera
 aos quatro ventos pela aurora à Pérsia...
 do ópio a levar-nos para além quimera..."

⁴Rasura: "é teu semblante lindo!"; reescritura: "de ludibrio infindo!"

'Strofes

de um

"Sonâmbulo"¹

916 a 45 Rio

E. Rosas (N. Luzo)

¹Há um ponto de interrogação, como uma possível dúvida de Ernani Rosas quanto ao título da plaquete. Capa manuscrita a lápis.

PRÍNCIPE¹

Sonho tudo, que amei num crepúsculo extinto
 vago a convalescer por horas irreais!
 perdeu-se dentro em mim, como num labirinto
 4 raio extremo de luz de dias outonais...

Vivo Morto² num sonho! Embriaga-me o absinto
 da Ilusão dum sol-pôr, que as tardes não têm mais...
 sou a sombra ideal do Príncipe, que sinto
 8 viver a tua luz como vivem os Cristais!...

Sou uma Ânsia de azul... por silente floresta
 ó Lua celestial das horas vesperais,
 11 tudo quanto sonhei à tua luz funesta

erra longe de mim, como uma Nau partida!
 Vejo acenar dalém meus doidos ideais.
 14 E Náufrago a sonhar fiquei na minha vida!...

9093

¹Poema datilografado em lilás, cor que Ernani Rosas se refere em vários poemas.

²Notar a antítese "Vivo Morto".

³Notar que, na capa da plaquete, Ernani Rosas coloca datas: 1916 a 45; no entanto, os poemas datados são de anos anteriores

MARIA¹

Ô que² lindo fêz-se MAIO,
 Ô que santa³ foi Maria!
 batizou-se n'agua benta
 4 dos olhos da virgem Pia...

É mais⁴ vivo o teu azul,
 do que a seda do seu manto...
 fulgem mais tuas estrelas
 8 do que as gotas do seu pranto!

À noite⁵ constelações,
 lembram flavas sete-Espadas⁶
 num fulgente cintilar
 12 laceravam corações!

Qual dos dois o mais brilhante,
 o mais rico em pedrarias:
 É o⁷ céu que está distante,
 16 ou o manto de Maria?!...

(911)

¹Título em vermelho; poema em lilás; ao final da página há um verso esparso, datilografado em vermelho: "por sua boca a luz murmura prece..."

²Está: "ôque".

³Está: "ôquesanta".

⁴Está: "émais".

⁵Está: "ànoite".

⁶Ernani Rosas refere-se à constelação de estrelas também conhecidas como "sete-estrelas", isto é, as Plêiades.

⁷Está: "éo".

A HORA EM SEGREDO¹

Quando a certhora o luar é só docura
 e com sigilo o nosso amor abriga
 eu me deixo levar nessa onda impura
 4 de volúpia e temor, Noite inimiga!

E do céu atravesso a selva escura,
 sem que seu vulto divinal me siga,
 lua etérea visão, que se amargura
 8 pela Boêmia dum dor mendiga!

Vou a ouvir o que dizem as nebulosas
 esculturas do sonho e do irreal,
 11 murmúrios de outras noites misteriosas

que séculos de azul hão-de torná-las
 em formas tenebrosas do ideal,
 12 qual sol tocando a pedra das Opalas!^a

(914)

¹O título do poema e a letra maiúscula inicial do primeiro verso (Q) estão datilografadas em vermelho; o poema está datilografado em lilás. Há um verso esparso, manuscrito a lápis:
 "Porquê foge assim meu pensamento".

Variantes, manuscritas a lápis, da última estrofe:

a) "Que séculos de Dor hão-de torná-las
 em formas incompletas do ideal,
 afogando-as na noite p'rá cegá-las...
 Rio 914 E. Rosas"

b) "Que séculos de azul hão-de trazê-las
 Como lírios frementes do ideal
 num rosário beatíssimo de estrelas...
 914 Rio E. Rosas"

c) "n'um rosário beatíssimo de opalas!"

d) "Em farelos de sóis a eterniza-las!
 3V. do 2.º tº"

OBS.: O 3º verso do 2º terceto

ÁRIA¹Para o Sr. Mário de Sá Carneiro²

Como é longo o dia à tarde
já num rumor devagar,
para a Ogiva³ de teus olhos
4 na reza do meu altar!

Quanta mágoa vai no sino,
quanta amargura a sarar!
recorda o triste destino
8 de quem nasceu para amar.

Sino estranho da capela
de remoto eremitério,
Só! me acordas voz singela
12 pelas horas de mistério!

Quanta emoção traz-me esthora
dentro de mim⁴ se afundando,
minhalma se libertando
16 pelas lágrimas, que chora...

Como é triste ver-se a Lua
por detrás⁵ do ermo cipreste
recorda a brancura tua
20 vestida de negra veste.

¹Todo poema datilografado em vermelho.

²Mário de Sá-Carneiro (1890, 1916) poeta português a quem Ernani Rosas dedicou vários poemas. Há grande afinidade entre a poesia de Sá-Carneiro e Ernani Rosas, conforme indicam os trabalhos de Augusto de Campos ("O enigma Ernani Rosas") e Cleonice Berardinelli ("Ernani Rosas e Sá-Carneiro").

³Não era muito comum o uso, pelos simbolistas, de vocábulos "vindos" da arquitetura. Penso que aí está uma particularidade de Ernani Rosas, mas ainda de acordo com a estética simbolista, uma vez que as ogivas são figuras típicas das abóbadas góticas. Poderíamos estabelecer um paralelo entre as estruturas elevadas, carregadas de elementos decorativos nas fachadas góticas, e a "torre de marfim" dos simbolistas.

⁴Está: "demin".

⁵Está: "de tras".

II¹

ó Tarde pondo Ouvido às Folhas mortas,
 Insone de silêncio a orar baixinho!
 a água lembra vozes semi-mortas
 4 a umhora dessa a quem², vai a caminho!

O Outono verte³ cinza de saudade
 a voz do vento, minha herança antiga!
 Fui Príncipe d'Olvido e Soledade:
 8 Reinei ausência eterna, audaz amiga!

Minha sombra infantil reza quimera,
 no Palácio de Dor da minha Raca
 11 de Sina e maldição, que assim tivera!

Aos meus Olhos à luz boiando, cismo
 que sou Alma lusíada que passa...
 14. Sonho - Galera a resvalar no Abismo!

¹Poema datilografado em lilás. A letra inicial dos primeiros versos das quatro estrofes está datilografada em vermelho.

²Está: "aqueu".

³Rasura: "reza"; reescritura: "verte".

Toda sua alma é uma oração de luar
quedou-se de Mãos-postas, reverente
3 num penhasco de noite a recordar.¹

916

¹Poema datilografado em lílãs.

Sossega coração! Que a luz não tarda...
espirar em seu leito de neblinas
3 como uma fonte a murmurar ardor!
A Ânsia que nele vai em mim se atarda...
como são lentas as horas vespertinas
6 junto do coração... longe do amor!?

1

¹Poema datilografado em vermelho.

Era Sol-Posto, a paz que ali reinava
o coração de mágoa envelhecia
e a luz crepuscular já declinava
4 numa sentimental melancolia!

Parecia do céu, que se exilava
descer chorando aos mundos da agonia
e a essência da sua alma ali morava
8 como doce, perdida nostalgia...

E foi, assim na vida se extinguindo,
como a pálida chama que amortece
11 aquele olhar crepuscular fugindo!

Pra que eu ficasse amando da Saudade
a Branquidão da paz de toda Aldeia,
14 quando eu tornar a minha Soledade!¹

16 - 4 - 912

¹Poema datilografado em lilás.

Morrer por ela como um justo, orando...
como a tarde a morrer pelo Sol-Poente...
3 como a sombra a morrer pelo silêncio!¹

912

¹Poema datilografado em vermelho.

A Pereira da Silva¹

A Tristeza é um prenúncio d'Alegria,
 Alegria é um prenúncio de tristeza,
 cada ser que floresce é um Alma presa
 4 a um ritmo de perfume que nos guia

Por isso que te fiz névoa de dia
 a sombra de minha alma, na pureza²
 dessa luz interior, que me alumia...
 8 e revela alguém pela incerteza!

Quando em idílio romântico cintila
 o teu perjuro olhar emudecendo,
 11 ante o fulgor de lúcidas pupilas...

Sinto, que vais de mim Te transmudando!
 para uma nova vida te ascendendo...
 14 candeia dos meus-Olhos se apagando!

¹Datilografado em lilás. Logo abaixo do título, há uma interrogação como se fosse uma dúvida de Ernani Ramos; o poema está riscado por um grande X; o primeiro terceto está manuscrito a lápis, num corte entre os dois quartetos e o último terceto. Fica a impressão de que Ernani Rosas teria eliminado o poema da plaquete. As iniciais dos primeiros versos das estrofes estão datilografadas em vermelho.

²Está riscada, mas sem reescritura.

'Strofes

de

um

Sonâmbulo¹

Rio 918 a 46 N. Luzo (E. Rosas)

¹Os quatro poemas desta plaquete não estão costurados.

Ignoto-Arcano?¹

ó noite de espiritual Eternidade!
 ó silente segredo de Além-vida!
 Pra² que eu sinta em tu'alma comovida,
 4 O tântalo da tua irreabilidade!...

Se a quimera é fatal à Humanidade,
 deixa-la num letargo adormecida...
 como em vaga beleza concebida,
 8 n'um vôo de indizível ansiedade³...

Desola-me o luar de insônia fria
 e as estrelas do céu, cristalizadas...
 11 são espelhos enublados de neblina!

Que por azuis de ocasos de agonia
 iremos filhos, de Almas fatigadas⁴
 14 ouvir de Deus a prática divina!...

(Rio - 8-8-912)

E. Rosas

¹Ao lado deste, há um outro título: "(Lá!)".

²Está: "Da" ou "La".

³Rasura: "Tudo em vôo de lóbrega saudade..."; reescritura: "n'um vôo de indizível ansiedade...".

⁴Há ao lado do verso, sem rasura, a reescritura: "enlaçadas".

Para onde existe a síncope radiosa
 rosas de Luz e estrelas em desmaios,
 Eu partirei irmãs misteriosas
 4 para irisar-me nos seus flavos raios!

é Lá! Que existe a aurora venturosa
 e o olor primaveril de tantos Maio!...
 Que se foram por áureas primorosas,
 8 Quando a Lua tem síncope e ensaios!¹

Lá! Não teremos nem pesar, nem males!
 nem temor, porque tudo se faz prece...
 11 de um Luar que p'la abóbada ressumbra!

São solitários, silenciosos vales,
 onde a luz de um crepúsculo anoitece...
 14 e a Lua traz recados à penumbra!...²

B-8-912

E. Rosas

¹Rasura: "nos raios!"; reescritura: "e ensaios!".

²É possível que o título desse poema seja "(Lá)", que está escrito ao lado do título do poema anterior.

Soneto¹

Morre-Me a boca em lúbrico delírio
 por beijar e esculpir teu corpo, ó linda
 escultura do sonho e do martírio,
 4 ciliciando a palidez infinda...

Martirizando o mármore da carne
 em cilícios cruéis como encantada
 estátua, cuja forma esculturada
 8 tem laivos de Afrodite² em plúmbeo marne...³

Sonhe ou durma no aspecto por silente
 Que seja o céu que paira, entressonhando...
 11 rompe a clâmide fúlgida e aparente

De branca perfeição na imperfeição!
 da carne em suas súplicas, colmando
 14 o azul de estrelas para a tentação!...

Rio 946

E. Rosas

¹Com pequenas variações, este poema é igual a "Nudez Tentadora" da plaquete "Torre-de-Davi" (p.104).

² Afrodite: na mitologia grega, a deusa da Beleza e do Amor.

³Marne: palavra não dicionarizada.

Depois divisarei esse duplo horizonte
Que há na Vida e na Luz da aurora do outro-Mundo,
visivelmente azul sob um arco defronte
4 à janela d'céu para espreitar o mundo!...

Rio 948

Sol-posto

POY

M. Caspio

1928 a 43

Senhora do Crepúsculo

Embuçada na noite do seu manto
 percorre a via-láctea silenciosa
 o areal da praia misteriosa
 4 onde aporta a falua do quebranto...

Onde os passos incertos de uma sombra
 pisam leve e vagueiam¹ na amplidão,
 onde é sonho e ressumbra toda alfombra
 8 à castália² de luz do seu perdão...

Onde é neblina e lua e por acaso,
 se é sol, um jalde espirito o enfumaca
 11 ante o espectral fenômeno do ocaso...

Brilha um vislumbre d'olhos de criança!
 numa entrevista Luz de tarde baça...
 14 "Doce-mãe" piedosa da Esperança!...

¹Está "pisa leve e vagueia".

²Castália: fonte ao pé do Parnaso e consagrada às musas; deve o nome à ninfa Castália, que nela se afogou para fugir de Apolo.

Tântalo

de

Las

Quimeras

por

(A. Luzo)¹ E. Rosas

918 a 45

¹Está: "Luz".

Clarividência

Vem comigo beber o vinho amargo
dos nossos tenebrosos desenganos:
Mensageira leal da flor dos anos,
4 celeste, como a paz d'alma letargo...

Deixa a nobreza dos braços tiranos
e faz-Te à noite adusta do mar largo,
consome-Te na fé dos teus enganos
8 Que o mundo para o homem é um vil encargo!...

Vens dos Infernos, das paixões adustas
para os etéros de ilusões venustas...
11 acarretado de nevrose e Spleen¹!

Para irmanar-Te às nossas boas almas,
Que são pujantes celestialmente, calmas...
14 qual céu d'Amor, que Te concedo, enfim!...

16.8.912

E. Rosas

¹Spleen: ver nota 1, poema "Soneto Spleen", p.191

Amores da Lua

és a lua da minha-meia-noite
 e vou contar-Te a lenda merencória
 de uma Lua, que morta foi a glória
 4 do mar, do vento n'um funesto acoite:

"Incendiou-se a nau da fria Lua,
 imergindo¹ no mar adormecido...
 o mastro ao mergulhar² na onda tressua
 8 na incerteza, que a lua haja morrido!"

Temo a tua beleza e essa magia,
 que me enerva de astral melancolia...
 11 n'esse amavio de teu vil ressábio...

Amo as glórias do Sol ao fim do dia!...
 e no libar o pomo de teu lábio,
 14 cendráva-se³ o sabor que me sabia...

¹Rasura: "imergindo-se"; reescritura a lápis preto: "imergindo".

²Rasura: "partir"; reescritura a lápis preto: "mergulhar".

³Uso de uma função por outra: cendrado é adjetivo (que tem cor de cinza) e no verso tem função de verbo.

O meu cachimbo!¹

E o fumo, que ele expele anseia aos ais!
num abraço ensofrido² de desejo,
cuidando ver no íris desse adejo
4 as tuas vagas formas senhoriais!...

948 Rio

E. Rosas

¹Poema manuscrito a lápis.

²Neologismo de Ernani Rosas.

A Luz - é sombra d'um astro,
 ou melhor de algum Titã¹.
 a sombra é filha da Luz²

4 (a luz nos vem de Satã!?)...

¹Titãs - o nome genérico dos seis filhos de ^UUrano e Geia: Oceano, Ceos, Crio, Hiperião, Jápeto e Crono. Pertencem à primitiva geração divina e do caçula Crono sairão os primeiros deuses olímpicos. Crono mutila Urano e os Titãs se apossam do governo do mundo mas por pouco tempo, pois Zeus, o filho caçula de Crono, consegue derrotar o pai e os tios lançando-os nas trevas de Tártaro

²Reescritura deste verso ao final da estrofe; estava "a Luz é filha da sombra...".

A Lua, o grande farolim¹ argênteo entorna
lobregamente, pela abóbada as suas platinadas
lágrimas... como eco azul e lácteo que se
4 espargisse pela turmalina do céu...

O Luar leve e fluido como um corpo de
nimbo d'uma Deusa engolfa-se em golcondas
de nuvens, onda por onda, de onde escorre e corre pelo
8 mar à fora em estrelas de pérolas.

9 Curva, é o círculo intérmino da Vida!²

¹Notar a antítese: "grande farolim".

²Ernani Rosas quebra a fronteira entre poesia e prosa.

Rimas à Lua:

- Dorme em lascivo leito, reclinada...
 repontado de Astros e fogueiras,
 ateias a coivara prateada
 4 dos caminhos desertos, pegureira...
- Lua! da meia noite, solitária,
 Urna errante p'la nave do infinito...
 Cravas o lácteo incêndio funerária,
 8 às montanhas geladas de granito...
- Peregrinando em tua marcha hiante
 e exausta de fadiga em água amara
 11 buscas o mar, o oceano o teu amante... 1
- Artista, cuja tela, ao ver-Te aclara!
 n'esse sonambulismo inebriante...
 14 em suas vagas verdes Te enlacara. 2

¹Variante: "buscas o mar, ó pálida vioiante!"

²Variantes: a) "Artista, cuja tela, ao ver-Te aclara!
 nesse sonambulismo inebriante
 Kimba-Te o fumo a masc'ra azul-e-clarar!..."
 b) "Jazigo verde de monção sonora,
 o mar e noite. - o antigo espelho aclara
 no encanto de Anfitrite pela aurora!..."

Rimas: Desalento?

Circunscritas à órbita celeste
 as estrelas nas¹ chamas se consomem
 na terra o labutar tem-se no homem
 4 o cativo do amor em val² agreste³...

O eterno cativo, sem ventura,
 desalentado cavador que espera⁴
 em sombria região p'la noite escura
 8 encontrar o ouro fino⁵ da Quimera

Encontrar a ventura de uma aurora,
 onde encontrá-la se ela agora dorme
 11 olvidada no pó de quem não ora⁶...

olvidada nesse val' desconhecido
 onde nunca alvorece e a paz é enorme
 14 e o bem, perjuro "Amor", incompreendido!...⁷

¹Está: "na".

²Forma apocopada de vale.

³Rasura: "dos páramos agreste"; reescritura: "do amor em val agreste..."

⁴Rasura ilegível; reescritura "espera".

⁵Rasura: "em procura da aurora"; reescritura: "encontrar o ouro fino".

⁶Rasura ilegível; reescritura "não ora..."

⁷Rasura: "e a dor perjuro mal, incompreendido..."; reescritura: "E o bem, perjuro "Amor", incompreendido!..."

?Éxtase e Tristeza?

Por que choras Amor, quando a tarde declina?
Se a treva vence o céu e o espaço se constela
Se a tristeza do dia doVra o nicho da estrela
4 onde mora a ventura e a graça peregrina...

Não chores, pois se amas a dúcida alegria,
alegria auroreal, quando a noite se olvida
aos raios da manhã como um lilás sem vida,
8 doce irmã da paixão, gérmen da nostalgia!...

Deixei-me anoitecer à sombra da ramada,
Entardecí em sonho e em alma floresci...
Entristece-me a paz da noite e a compassada¹
4 canção do grilo a rir na trama em que me vi!

¹Rasura: "desolada"; reescritura: "compassada".

E o silêncio da hora e a ingratiidão da Lua
oculta em pardo céu, como visão divina,
propicia-me do olvido um laivo que tressua
4 num tântalo letal¹ de angústia sibilina²!...

946

E. Rosas

¹Rasura ilegível; reescritura: "letal".

²Rasura: "peregrina"; reescritura: "sibilina".

De Horas roxas da Lua chagado tédio vem
Silente a envenenar¹ a minha alma serena:
Sol chagado a rir e os astros também têm
4 irradiacões fatais de rútila gangrena!...

Será o eflúvio em coral de cânticos que ensalmam²,
6 o argentino fulgor da Lua pelo [...]!

¹Rasura: "Silencioso atroz embriagado"; reescritura: "Silente a envenenar".

²Está: "empalman".

Ai! de quem vem a esta vida
 pela estrada da ilusão:
 terá breve a fé perdida
 4 e velhinho o coração!...

Terá muito, o que sofrer,
 os que vivem ceguinhos:
 à perfidia, que os espera...
 8 pelos sinistros caminhos...¹

(Rio) 932 E. Rosas

Toda esperança contra o mal do Inferno!...²

946 E. Rosas

¹A página anterior a este poema está cortada; na parte que resta se lê o título de um poema: "Ouro? (A Tentação das Almas)"; sobre o título, há um ponto de interrogação a lápis.

²Verso esperso: ao final da página.

Quanto mistério há na noite
por entre o negro palmar?
a lua aclara esse acoite,
4 n'um cenário de Luar!...

(Rio) 918

E. Rosas

(Maldita a infausta febre d'ouro seja!)

Tormento?

Aqui, tudo termina: Ânrias da Vida,
 Sonhos - troféus, - vaidades mais reles
 de lacrimosa terra, a digitalis
 4 rubra da Dor esvai-se esmaecida...

É um tântalo, essa ânsia apeteçada!
 nunca, que aflora à boca de seu cálix...
 a água de seus olhos, por seus males
 8 aos lábios dessa sede ressequida!...

O romântico amor em suas crises,
 desalentado pela vida afora...
 11 vai fazer "juz" à "seiva das raízes"!...

Ante o "Aqui-jaz" e a placidez de um fulcro...
 a su'alma tantálica da Aurora,
 14 baixa ao festim dos vermes do Sepulcro!...¹

41 (Rio)

¹Variante: "Da Vida os ouropéis pra quem Lá-mora
 se resumem nas larvas do Sepulcro!..."

Torre-de-David¹

"Em Tântalo de Las Quimeras

e

Meus abrolhos"

"Rimas da Noite

e

fonte de Outono"

por

N. Luzo (E. Rosas)

¹David - rei de Israel, fundou Jerusalém (séc. X a.C.); poeta e profeta, deixou salmos de grande inspiração lírica.

Soneto: Deus nos teus Olhos

Olho a curva infinita do Infinito,
 Teus olhos vejo, abóbada nublosa...
 Fonte perene, d'alva¹ Luz radiosa
 4 refletindo vago² espirito de um mito!...

Não é, só, ela a causa do meu grito
 de espasmo doloroso e de agonia...
 mas sim, a expansão de alva³ alegria
 8 de quem fendeu o áspero granito!...

Seja filha da terra, onde a minh'alma
 liberta-se transpondo a beata calma
 11 das franças de uma selva, que vivi!

Espargindo-se em lóbrega distância
 de crepúsculo, a lânguida fragrância
 14 desse Deus, que eu adoro e nunca vi!...

Rio 934

E. Rosas (N. Luzo)

¹Está: "d'alga".

²Está: "algo".

³Está: "aiga".

Atrás de minha casa
fica o áureo Levante,
pra Lua que se apraza
4 e surge irradiante!...

Rio 947

E. Rosas

Rimas

Olhando o teu Olhar, eu, vejo o paraíso
cismando-Te, fitei e vi o teu cismar:
auréola auroreal¹ do laivo de um sorriso
4 que vem deixar a vida - esse soturno mar!...

947

¹Paronomásia: "auréola auroreal".

Versos

Possuo o êxtase de um Mago,
vejo a visão d'alguém passar p'la minha Vida:
farrapo em nimbo êxul¹ na tarde adormecida,
4 no eflúvio [?] do seu perfume vago!...

Rio 947

E. Rosas

¹Está "exul".

Amor!

És a ilusão da Luz, quando a casa se fecha...
ao abri-la Te vais: falena da Quimera!

Tens o mesmo palor de uma estrela na esfera,
4 o fulgor de uma chama a voar n'uma flecha!...

Rio 947

E. Rosas

Ao ouvir-te guitarra, embora...
Teus ais se comparem aos meus!
eu vejo raiar a aurora...
4 dentre a penumbra dos céus!...

Rio 947

E. Rosas

Quando eu, estiver já prestes
de chegar ao meu "Ocaso"!
Desejo de ter um prazo,
4 um prazer de ver-me a Leste¹...

Dei-me a Lua por morada
Se tudo acaso, é de Deus?
Reza por mim minha amada.
8 Roga por mim, pede aos céus...

Que um dia por Lá Te encontre
em lindo vergel bordando
um véu de noiva defronte
12 do espelho do sol, Te olhando!...

Rio 947

E. Rosas

¹Rasura ilegível; reescritura: "de ver-me a Leste".

Eu quero, quando morrer:
junto ao "Aqui-jaz"... olvidar!
diga a voz do vento agreste¹
4 fui pelo Além a rimar!...

Rio 947

E. Rosas (N. Luzo)

¹Talvez "agosto".

"Maldição Divina"

Do velho mundo - o tétrico cenário
 dramático, infernal pelo Demônio;
 Ei-lo, a arena de Dores, o estuário
 4 de sangue rubro para um Pandemônio!...

Lanca caudal de fumo sobre a terra
 Letes¹ sangrento e vivo torvelinho
 de vidas, que se vão pelo caminho
 8 turbilhonando n'um fragor de serra!...

Escombros hirtos, que vincula uma era
 de fel e agruras, de tormenta prava?...
 11 devastando as florentes primaveras

Da vida humana, para o caos profundo!
 Ante a Geena² de uma noite cava
 14 que há - de tragar a fúria deste mundo!...

945 Rio

¹Letes, o rio do esquecimento, penhor de reencarnações, de suas águas bebiam os mortos para esquecer a vida terrestre. A partir dos órficos, as almas que retornavam a esta vida em um novo corpo bebiam das mesmas águas, para não se lembrarem do mundo das sombras.

²O Inferno, em linguagem bíblica; em hebraico, "gue himnon", a expressão designava o vale do Himnon, perto de Jerusalém, onde era comum o sacrifício de crianças pelo fogo em honra do deus Moloch.

Torre

de

David¹

Rio 945 a 50

E. Rosas

¹A capa e todos os poemas desta pilaquete estão manuscritas a lápis.

Rimas "Trevas do Desconhecido"

Pela primeira vez eu senti bater mansinho,
 depois, mais forte ainda uma estranha emoção...
 Era o primeiro afeto que viera sozinho
 4 despertar em meu ser divina sensação...

E acordando a minha alma que sonhando vivia
 na sua ebúrnea Torre de inocência a sonhar
 arrebatou-me à Luz da aurora em que dormia
 8 Consigo levou-a para bem longe andar!

Para os mundos da Luz e da clarividência¹
 Levou-me p'ra beber um vinho peregrino
 11 embriagado deixou-me em vaga sonolência

ao despertar de mim senti-me mais menino...²
 Saí beijando o Luar e as flores do jardim
 14 E nunca mais feriu com tanto ardor assim.

¹Entre a 3 e 4 estrofe, há dois versos, destacados por traços:
 "Essa porta irreal fechada há tantos anos
 dando p'ra noite azul do meu Desconhecido!"

²Não há a separação entre os dois tercetos no manuscrito.

Por que criaste o fel, e o vinho da Ilusão?

porque criaste o amor, assim como Jesus...

criara a luz do Luar em jorros de perdão

4 a refulgir no olhar dos astros sobre a cruz...

Bebo à taca do ideal o vinho de Mefisto¹...

subo e desco e percorro às trevas deste mundo...

Sou autômato, em vão busco a causa, o imprevisto!

8 Volverei livremente às plagas do iracundo...

Vou além, muito além nesse engano perdido

n'um sonho divinal de tântalos profanos

à essa porta ideal fechada há tantos anos

12 Abrindo para a luz do meu Desconhecido...

Abrindo p'r'o sol-por de vago acordamento²

de inocência e de carne à crua realidade,

tenho a impressão que infância é uma rosa ao relento,

16 e a juventude um céu de sonho e castidade!...

Rio 946

E. Rosas

¹Mefisto: Personagem do "Fausto", de Goethe (1749-1832) e de outras obras da literatura européia. Também chamado "Mefistófeles", príncipe do Inferno, era um demônio vulgar, como tantos outros que povoavam a imaginação medieval.

²Não há separação entre as 3^o e 4^o estrofes, no manuscrito.

Versos

Passaste ao sol sob a ramada ingente,
Vaga visão nimbai - Sonho incolor!
Que brilha assim aos raios do poente,
4 Caleidoscópio irial do meu amor!

Soneto¹

Âmbito² tórvo, originando a vida,
 tentação do prazer e da luxúria...
 para o amor dentre a linha indefinida
 4 da Beldade - obra lúbrica da incúria..

Ventre de nívea e lânguida epiderme...
 escultura vampírica da carne:
 Que mão fascinadora de arte inerme
 8 Te plasmou na ilusão da neve ou marne³

Concepção de vetusta e egrégia graça
 ventre de ciência que sugere a idéia
 11 da noite sibariana, onde perpassa

Todo delírio e lésbico desejo
 da linha ebúrnea e fria que o sobejo⁴
 14 do meu burel não vence essa Sereia!...

Rio 946

¹Antes do título do poema, há o verso: "Reina a alegria em torno da fogueira."

²Está: "Hambito".

³Palavra não dicionarizada. Pode ser um neologismo de Ernani Rosas, a partir de "marne", pântano. Historicamente, há a Batalha do Marne, de 6 a 10 de setembro de 1914, durante a primeira Guerra Mundial, onde os alemães lutaram contra os franceses e ingleses. No entanto, não creio que Ernani Rosas se referisse a essa batalha, até porque foge ao sentido do poema.

⁴Está: "subejo".

"Hora de Insônia"

Noite sem termo! A Lua erra em delírio,
balbucio palavras sem querer...
cismo no olor vernal d'alma de um lírio,
4 e sou memória d'algo a transcender...

Sofro-lhe a ausência. A carne é meu martírio,
Ressurjo... amo a visão do meu Não-Ser!
Todo meu corpo é amorfa névoa - cirio...
8 volúpia de um perfume a se perder.

Cismo na errante estrela, que deslumbra
o vaso de teu ser dentre o relento
11 num murmúrio de fonte que ressumbra!

Sou o olfato! Amo as horas de um jardim...
Sou uma vaga sonora em pensamento:
14 Eflúvio lírial que vens a mim!...

"Nudez Tentadora"¹

Morre-me a boca em lúbrico delírio
 por beijar-Te e plasmar teu corpo, ó Linda!
 loira visão de sonho n'um martírio
 4 de imaculada palidez infinda...

Inanimando o mármore da carne
 em cilícios cruéis como encantada
 estátua para o amor desacordada
 8 num laivo de Afrodite dentre o marne...

Sonhe ou durma no aspecto por silente
 que seja o céu que paira entresonhando,
 11 rompe a clâmide fúlgida e aparente...

De viva perfeição na imperfeição
 da carne em suas súplicas colmando
 14 o azul de estrelas para a tentação!

Rio 946

E. Rosas

¹Poema semelhante a "Soneto" da plaquete "Strofes de um Sonâmbulo" (de 918 a 46), p.69.

"Tentação do Ouro"

A insânia d'ouro, a mórbida cegueira,
 o delírio de sólidas cabeças...
 Que leva o homem ao crime e à bebedeira
 4 *de* odiar a vida antes que envelheça...

Talvez, que teu Mau-fado - ó vil Tenório!¹
 acarretas a sífilis nos ossos...
 dando hospedagem à lepra e mais destroços,
 8 como flagelo ao mundo merencório...

ó D. João¹, ó parva mascarada!
 rompe a grotesca máscara banal,
 11 mostra a fisionomia embriagada...

Ante a loira e seráfica beldade
 fantasiaste o amor no fel carnal,
 14 como és um pulha dentro da vaidade?!...

Rio 946

E. Rosas

¹Ernani Rosas refere-se a D. Juan Tenório.

O mito de D. Juan, voluptuoso e perverso, criação do gênio espanhol, é um dos grandes da literatura universal. Aparece pela primeira vez em 1630, na célebre comédia de Tirso de Molina, **O Sedutor de Sevilha**.

Segundo Andrade Muricy, Don Juan é uma das principais personagens lendárias usadas pelos simbolistas (PMSB, p.1228).

Última Estrofe

da

Desesperança¹

945 a 50 Rio

E. Rosas

¹Há o título completo na última capa, pois a capa da frente está com colagem da capa, impressa, da plaquete "Certa lenda numa tarde - Paráfrasis de Narciso por Rictus da Cruz". Há, no interior, 4 poemas impressos, da plaquete "Certa lenda...": "Perdi-me... toda uma ânsia me revela"; "Sinto meu ser tremer como a água fria"; "Sombra idílica" e "Ó Ninfas ao Luar da noite ainda". Estes poemas constam do PMSB, portanto, achei desnecessária sua transcrição. Todos os poemas desta plaquete estão manuscritos a lápis.

Torre

de

David

914 a 50 Rio

E. Rosas

Soneto

Quando cessar o mórbido tormento
 das misérias do fado que nos resta?
 buscaremos os encantos da floresta,
 4 a blasfêmia da fonte contra o vento...

A maldição da noite contra a vida,
 as injúrias dos astros contra a aurora,
 os soluços da alma arrependida
 8 ante a desesperança de quem chora!

Porque tudo é agônico desejo,
 sôfrego e amargo em fuga p'la ironia
 11 do destino cruel que sempre vejo:

Esfarrapado à porta das herdades
 de crestados jardins com ramarias...
 14 Que me foram perjuros n'outra idade!¹...

Rio 950

E. Rosas

¹Há uma variante do terceto final:

"Esfarrapado à porta de um castelo,
 de crestados jardins quase em agonia,
 morto de amor pelos teus olhos belos!..

950 Rio E. Rosas"

Ilusão do Além

Imponderável como a Luz da Lua fria
São as nuvens do Ar à espreita do calvário
o éter que se evola é quase uma agonia
4 roxa, quase lilás igual a de um sudário

Imponderável como a bolha que o ar levanta,
ergue-se à luz e se desmancha inerte e morta,
mais, um sonho infiel voando já me encanta
8 embora a me trair bem junto a minha porta!...

950 Rio

- Soneto¹ -

ó cabelos das ninfas² desgrenhadas
 errando à noite em Lua no arvoredos...
 vagabundas visões da madrugada
 4 entrevistas à luz de algo³ segredo!

ó suplicantes formas de beleza,
 todas de rastos, de aneladas tranças.
 Eleitas vidas, que alimentam esp'ranças
 8 e erram de tarde em tarde na tristeza...

ó Tântalos de sonho do poente,
 corpos vagos de incenso... horas do Vradas...
 11 jardim lilás de orquídeas do ocidente...

ó imperdurável encarnação de Ninfas
 Lá! se vão sobre nuvens reclinadas!
 14 como sobre corcéis que cortam Linfas!... 4

916 Rio

E. Rosas

¹Variação de "Súplica das Ninfas", plaquete "Romanceiro da Mágua", (p.121).

²Conforme **Dicionário Mítico-Etimológico**, de Junito Brandão, ninfa "significa, de um lado, moça, jovem em idade de se casar, jovem casada, de outro, divindade menor, que tem por habitat particularmente o campo, junto às fontes. Como nome genérico de ninfas são chamadas as divindades femininas secundárias da mitologia, vale dizer, divindades que não habitam o Olimpo. (...) Em síntese, temos os seguintes tipos de ninfas:

Oceânidas - ninfas do alto-mar

Neréidas - ninfas dos mares internos

Potâmidas - ninfas dos rios

Náiades - ninfas dos ribeiros e riachos

Crenéias - ninfas das nascentes

Limneias - ninfas dos lagos e lagoas

Napéias - ninfas dos vales e selvas

Oréadas - ninfas das montanhas e colinas

Driadas e Hamadriadas - ninfas das arvores e sobretudo dos carvalhos.

Simbolicamente, no desenvolvimento da personalidade, as ninfas representam uma expressão de aspectos femininos do inconsciente." (p.172, 173)

³Está: "algo", ou "also", ou "alvo", ou "ayo", ou "algo". Pode ser "algo segredo", com sentido de "alguém segredo".

⁴Notar aliteração: como corcéis cortam.

Tudo em farrapo, a alma combalida
eu beberia o sangue, não saciado,
3 Eu beberia a minha própria vida!

Se fosses vinho ou dólcido veneno
eu beberia bêbedo sonhando,
6 eu beberia impávido, sereno!...¹

¹Os dois tercetos estão na mesma página, mas bastante afastados: um no alto da página e o outro bem abaixo; talvez sejam variantes, ou inspiração...

Spleen Dominador

O Tédio¹ nos arrasta p'rá miséria
 em vampírica ânsia deletéria
 3 p'rá tirarmos um sono no sepulcro...

Fugimos a manhã, a vida bela,
 temos pavor do ósculo mais pulcro
 da estrela que apagou da dor o fulcro
 7 e aclarou os abrolhos da procela...

Procuramos o abismo, o caos infame,
 as geenas cruéis do inferno humano
 o fel e o desespero, a goela enorme,
 11 para assim nos tragar: divino arcano...

por tudo que é perjuro e mentiroso
 procuramos o mal dentro de um gozo...
 14 e nunca a "Ti", ó monstro desumano!

Outro que és tentação à nossa glória,
 a primavera, os vinte cinco - a estrada
 aberta às aventuras que a memória
 18 floresce um pedestal pela alvorada...

Nunca à costa de penas e naufrágios
 de quem anda a correr de plaga em plaga
 entre as ondas e oceânicos adágios
 22 que os nossos sonhos do viver apagam²...

Rio 945

E. Rosas

¹"Tédio" e "Spleen" são expressões bastante usadas por Baudelaire. Ver poema "Soneto: Spleen", nota 1, p.191.

²No verso está "apaga", mas logo abaixo há a correção "apagam...".

"Soneto"

Ante a volúpia do oiro fascinada
 e da carne viril que desabrocha
 como rubra papoula enamorada
 4 ao sol que doira a formosura em roxa

Madrugada de amor luxuriante
 Que propicia letárgicos venenos
 e enerva de perfume extravagante
 8 a estuante maré de Undina¹ ou Vênus²

Reflui e esplende o oiro da tu'alma,
 o aljófar e a gema fulva da orvalhada
 11 p'lo vergel de teu corpo que me ensalma³

Temo essa hiena oculta do teu peito
 Que pode desfazer o bem perfeito
 14 do oiro da Luz do Amor às alvoradas!

(Rio 946)

¹Entre os antigos germânicos e escandinavos, ondinas eram as ninfas ou gênios da água.

²Vênus: Deusa da Beleza e do Amor.

³Está: "empsalma".

Cancioneiro

da

Noite

(Torre-de-David)

(Rio 918 a 47)

Soneto

Ontem, quando voltei, viera d'alma enferma,
 por ver tanta miséria e tanta cobardia...
 frio estava o jardim, a praça um tanto erma,
 4 corria sob o Luar a queixa da agonia...

A tarde teve sol, algumas nuvens densas,
 um vento glacial assim, como o abandono...
 fora a asa do Tédio, - o gérmen das doenças
 8 o presságio augural do meu nevado Outono!

A taça do Ideal - é um Tântalo do Vrado!
 talvez devaneando à cor de um lindo ocaso,
 11 onde as nuvens p'ra além, são centauros¹ alados

Mas, tudo passa e esquece - o amor os incendeia!
 escurece-se o azul à Luz da Lua-cheia,
 14 se a bruma acarícia as coisas por acaso!...

Rio 916

E. Rosas

¹Na mitologia grega, eram seres monstruosos, sanguinários e luxuriosos; tinham o busto de homem e corpo de cavalo; habitavam as montanhas e florestas; o mito sempre aparece para raptar noivas e mulheres alheias. Segundo Junito Brandão, os centauros são a "projeção nítida da dupla natureza humana, uma bestial, outra divina, (...) traduzem os incontroláveis instintos selvagens, transformando-os em imagens do inconsciente, que se apodera da pessoa, entregando-a aos impulsos e eliminando toda e qualquer luta interior." (Dicionário Mítico Etimológico, p. 200).

Soneto

Vai alta a lua lírica e silente,
toda paisagem em sonho se embebeu!
narra a si-mesmo o eco, vagamente...
4 paira a auréola da luz dentre os céus

Parece madrugada! um galo canta...
uivam de tédio os cães, não chega o dia!
[Pois] se o Luar turvou minha alegria...
8 e a noite toda de uma mágoa santa!

Outono! vão-se as horas... e lacrimosa
é tão triste a vereda e a própria casa...
11 traz saudades da vida religiosa!

Cada vez mais o luar neva e cintila...
seixos em pranto à flux o areal abrasa,
14 e a água por ser ceguinha erra e vacila...

Rio, 2-do-2-916

E. Rosas

Outono de horas de Alma silenciosa...
rola a última folha!
3 rola a última lágrima saudosa!...

Outono! Meu Outono que só molhas
o campanário e as árvores, sem folhas...
6 n'um rosário de pérolas algentes!...

Rimanceiro¹

da

Mágoa

915 a 945 A. Luzo (E. Rosas)

¹Neologismo de Ernani Rosas, provavelmente a partir de rimador (aquele que faz rimas, versos) e de romanceiro (coleção de poesias feitas por poeta culto, mas de feição ou gosto mais ou menos popular). Andrade Muricy registra que: "Rymance, s.m. Canção derivada do lais dos trovadores e menestréis. [Remanescência romântica. Notem-se o h e o y ornamentais]" (P.M.S.D., p.1244). O título da plaquete está manuscrito, a lápis vermelho, e há o desenho de uma árvore, também a lápis vermelho.

Violino da Saudade...

A Paul de Verlaine¹

Encantado violino da Saudade,
 que desenterras o meu² tempo azul,
 enlaivado da mágoa, que me invade
 4 pelo silêncio da minh'alma êxul...³

Choras... e o teu soluço se ilumina
 como via-láctea que nest'alma mora
 sacode-o brutalmente, e se a domina
 8 põe suspiros de vento n'uma aurora...

Eis a razão de tudo colorido:
 olfato, paladar, ouvido, olhar
 11 rompe da sacada, assim como um gemido!...

É uma forma de ser mais singular...
 que anseia muito além do meu sentido,
 14 Remotíssima⁴ orchestra a voz de um mar!...

918 Rio... E. Rosas

¹Paul Verlaine (1844-1896) autor de *Les Poètes Maudits*; os simbolistas denominaram-se "mauditos" a partir do aparecimento deste livro de Verlaine. Os simbolistas franceses tiveram, em Verlaine, uma espécie de mestre a ser seguido.

²A palavra pode ser lida também como "mon" (so invés de "meu"); as palavras e as rimas em "on" foram muito usadas por Verlaine.

³Ernani Rosas acentua a palavra como "exú!" (oxitona) e não "êxul" (paroxitona). Segundo Andrade Muricy, o adjetivo "êxul" era muito usado pelos simbolistas, sempre como oxitona.

⁴Está "remotisso", palavra não dicionarizada. Considerando a métrica (versos decassílabos), pode ser "remotíssima".

A Idéia¹...

... ir ao fundo
desse profundo e lúgubre oceano...

Descesse a alma, como desce a vista
ao tártaro da treva de um arcano,
como um farol de estrela impressionista
4 nesse profundo e lúgubre oceano...

Por celestial, divina contingência²,
vejo descer às sirtes e às areias
a visão estelar, onde as sereias³,
8 vagam à lua p'la verde transparência⁴.

Por mal da noite em efêmera ledice:
é galera, a esteira que predisse⁵...
11 À aurora, ser Dor, da minh'alma inglória!...

Entre parcéis, recifes e amargores...
naufragando no oceano da memória
14 à Lua de perjuros⁶ dissabores!...⁷

945

E. Rosas

¹Ao lado, há outro título, escrito em outra cor: "Memória", e duas vezes sublinhado. Pode ser feita outra leitura, então, do início do poema, que, tendo como título "Memória", ficaria assim:

"A Idéia...

..... ir ao fundo
desse profundo e lúgubre oceano..."

Ernani Rosas dá título de "A Idéia" a outro poema seu (ver p.195).

²Rasura: "transcendência"; reescritura: "contingência".

³Rasura: "a visão das estrelas, onde a certeza"; reescritura: "a visão estelar, onde as sereias".

⁴Rasura: "na escura em transparência"; reescritura: "p'la verde transparência..."

⁵Ernani Rosa faz numeração (2,1) entre os versos 10, e 11, dando a entender que mudaria a ordem das palavras "é galera, a esteira", por "é esteira, a galera"; ou, "A aurora, ser Dor", ou "A Dor, ser aurora". Como não está claro a qual verso se refere a notação (2,1), mantive a escrita inicial.

⁶Rasura: "amorosos"; reescritura: "perjuros..."

⁷Variantes: a) "dentre parcéis, recifes e amargores
à lua de amorosos dissabores..."
b) "Trazendo o efeito de tardio ocaso...
buscando o aprisco por dourado ocaso"
c) "Entrevista de longe por acaso"
d) "Vertendo o pranto do útero em que me abraso "

Súplica das Ninfas

ó cabelos das ninfas ouro a iriar-se!
 chorando à noite em lua no arvoredos;
 desgrenhadas visões do meu segredo,
 4 passando ao poente n'um espectral disfarce...

ó suplicantes formas de Beleza,
 todas de rastos, de aneladas tranças;
 Eleitas vidas, que alimentam esp'ranças...
 8 e erram de tarde em tarde na tristeza!

ó tântalo de sombra do sol-poente!...
 corpo aéreo de incenso... Horas rezadas...
 11 jardim lilás de orquídeas do ocidente!

ó imperdurável encarnação de Ninfas...
 Lá! se vão, sobre as nuvens reclinadas,
 14 como sobre corcéis, que cortam linfas...¹

¹Com o título de "As ninfas", e com pequenas variações, este poema está incluído no PMSB, p.897.

Como sois doce nesse amargo transe?

- igual a um lago que o ar da tarde frange...

3 o espelho azul de superfície quieta...

Vós sois iguais a neve aureolada,
em róseos flocos ao romper da aurora:

Tendes a linha ereta, como outrora

7 tinha a palmeira de grácil estrada!

Éreis a espuma loira da Esperança,

o tule d'ouro, que enlacei minh'alma...

essa expressão sonâmbula, que ensalma¹

11 a eterna beleza, que não cansa!...

¹Está empsalma.

Monólogo das Coisas...

Que vida religiosa, parecia
sonhar na paz d'aquela cemitério
as plantas tinham alma e a voz dizia
4 que falavam p'la boca do mistério!...

Tudo revela, misteriosamente...
As árvores eram numes, que falavam,
e n'um vago silêncio do inconsciente...
8 eram sonhos silentes, que rezavam?...

Sobre a Asa de um sonho, quero tê-las!
sim, oniricamente, como vidas...
11 ver a noite passar sobre as estrelas!...

E os Astros, repetir quase em segredo:
n'um músico murmúrio... porque a vida
14 é um sussurro orquestral de vão degredo!...

O Que dizem as coisas...¹

Que vida religiosa, parecia
dormir na paz d'aquela cemitério
as plantas tinham voz e a voz dizia...
4 Que falavam p'la boca do mistério?!...

Tudo revela, misteriosamente,
as árvores eram numes, que falavam...
e n'um vago silêncio do inconsciente,
8 eram sombras silentes, que rezavam!

Sobre a Asa de um Sono quero tê-las!
Sim, noctivagamente comovidas,
11 ver a noite passar sobre as estrelas...

Espero a noite ao hálito do Além!
perdeu-se pela estrada do Ignorado...
14 (nesse eterno, monótono "-vai-vem"...))

¹Varição do poema anterior, "Monólogo das Coisas".

Narciso¹ (Espelho d'Alma)

Teu ser, além se aureola de Tristeza,
meu sentido na abóbada distante
da tarde esvai-se em laivos, delirante...
4 para encerrar na mágoa a natureza.

Tua essência é memória transcendente
e, mais surpresa de algo, que além mora:
é um raio de lua transparente...
8 no espelho dos lagos; lá, da aurora!

Vive em² Ti por mim na imensa esfera,
passas, como um meteoro, que arrebatas;
11 levando a alma para além-Quimera...

Há Golcondas³ de Ofir⁴ nesse infinito
e harmonias de um céu, que se desata...
14 na superfície desse espelho invicto!

936

¹Narciso, filho do deus-río Cefiso e da Ninfa Liríope, era extremamente belo, despertou paixões entre as ninfas e as moças; indiferente a todas, foi castigado por Nêmesis, a pedido das ninfas, que o condenou a amar um amor impossível; esse amor foi ele próprio, isto é, sua imagem, pois Narciso apaixonou-se por sua imagem, refletida sobre as águas de um lago onde fora mitigar a sede. Uma variação, dada por Pausânias, apresenta uma irmã gêmea, a quem Narciso muito amava; com a morte prematura da mesma, Narciso ficou inconsolável, refugiando-se na solidão. Vendo-se refletido numa fonte, acreditou estar vendo a irmã, não conseguiu afastar-se e ali definhou e morreu. Outra versão diz que, tendo o jovem Amíncias, apaixonado-se por Narciso e sendo rechaçado por este, invocou a maldição dos deuses. Um dia Narciso aproximou-se de uma fonte e viu-se refletido nas águas; apaixonou-se de tal maneira pela própria imagem que acabou se suicidando.

É importante ressaltar que o mito de Narciso é um dos "preferidos" (ou mais trabalhados) por Ernani Rosas; em um dos poemas, Ernani Rosas "vê-se" Narciso: "Eu sou - Narciso! (...)" (poema "Narciso", verso 41, p.899, do PMSB).

²Rasura: "de"; reescritura: "em".

³Golconda chamava-se à região do atual Haiderabad, no Paquistão. Significa mina de riquezas, no sentido próprio e figurado.

⁴Ofir - região indeterminada do oriente onde Salomão procurava ouro.

Luar! Recado da Lua aos lírios, Eco da
Lua pela garganta do clarim da abóbada
3 a esvair-se como a vida em Quimera...

Veias largas e extensas do nosso corpo - rios ou
estradas onde corre capilarmente o carmin¹
6 luminoso da idéia, como faluas...

¹Notar aliteração: corre capilarmente carmin.

Carta a além-Túmulo¹

Eu tive a conclusão de que isto é o nada
 e a alma é uma flor, que mesmo murcha odora...
 partir nada adianta, o mundo é a estrada,
 4 onde, já tateei e piso² agora!

Todos os males, aqui vou sofrendo...
 partirei o mais breve, que puder.
 a mágoa, que alimento ela assim quer,
 8 crepúsculo profundo anoitecendo...

Partir é uma ilusão de quem não vive³!
 amo a tu'alma por sofrer comigo,
 11 é uma alquimia as horas, que não tive...

Visão leda do Sol à Cor extinta!
 ausento-me. é tu'alma o meu jazigo...
 14 erro no oVro astral, que a tarde pinta!

¹Este poema consta com pequenas variações no volume Poesias à p.137.

²Rasura: "sigo"; reescritura: "piso".

³Rasura: "sonha"; reescritura: "vive".

Certo

Véu

de

Sombra

e

Olvido

914 a 1918

M. Cáspio

Aljofrada das per'las da alegria...

918

E. Rosas

Onde irão minhas Naus? ter a recifes!?...¹

¹A primeira página desta plaquete foi cortada; a segunda página foi cortada restando as partes superior e inferior, onde estão escritos os versos acima transcritos.

o ônix fundear em noite de ilhas¹
2 e a bordo ter cadáveres e esquifes?...

Desengano² voltar ao velho-mundo...
e anoitecer sob um palmar de Antilhas
5 e ao longe a lua ver se erguer ao fundo!...

918

E. Rosas

¹Fragmento de um poema; provavelmente o verso da página anterior: "onde irão minhas Naus? ter a recifes!?" pertence a este fragmento uma vez que têm o mesmo metro (decassilabos) e há rimas entre os versos: "recifes" e "esquifes".

²Está: "Desengano".

Soneto

Para além do que eu sou, oh! dou^{da} bizarria...
 É outro o azul, e não simples urna de ausência...
 São teus seios boiando à luz da lua fria
 4 colinas a dormir e o luar em sonolência!

Faz das rosas seu sonho o barco da Beleza...
 "Mãos à feição de concha" a embebê-las¹ de Luar!
 Sonham olheiras cristãs as tintas da Tristeza,
 8 sois lágrimas da cor ficando por secar...

Adormece em cetim os feminens² odores,
 deslumbra e apaga a luz das pedras e das cores,
 11 igualando-se a noute em velas apagadas...

Só! Teus olhos enevoaram³ a noute dos diamantes,
 guardam a mesma beleza dos olhos das violantes⁴
 14 dos olhos ideais das moiras⁵ encantadas!

917

E. Rosas

¹Ernani Rosas substituiu "enchê-las" por "embebê-las", sem rasuras.

²Está: "fêminos".

³Palavra de difícil transcrição; talvez se possa ler "inerioram", ou "merioram", ou "inevioram".

⁴Neologismo de Ernani Rosas a partir de violáceas, de cor violeta.

⁵Entidade fantástica, espécie de nereida mourisca, "com tipo de mulher morena a qual, segundo a crença popular portuguesa, vivia nos rios e nas fontes, sempre de vermelho, penteando sempre os belos cabelos pretos" (conforme Novo Dicionário Aurélio).

A gente na nossa lida
não mede o tempo, que passa:
passa aurora, passa a vida,

4 Como um vôo de fumaca!¹

¹Rasura: "na asa negra da desgraça!..."; reescritura: "como um vôo de fumaca!".

Noite de Ausência

A ausência...
é um longo inverno em torno do viver
(A. Luzo)¹

Quando alvorece o dia triste e lento,
ou, vente e chova à noite sem parar...
de manhã o vento opressa a voz do vento
4 toda mágoa das horas a ritmar!...

Tumulto estranho d'almas², num lamento
entre o sonho e a demência a resvalar...
são todas de minh'alma em desalento,
8 n'um jardim de Além-Túmulo a vagar!

Encarnação de voz n'uma só alma,
manhã remota de horas a viver...
11 que em gestas de arvoredos já se acalma...

Acordarão num angelus de Outono
entre a dúvida e as cinzas do Não-Ser...
14 no mistério da morte e do meu Sono!...

26-11-914

E Rosas

¹Rasura feita a lápis: "(Ausência de umas tantas almas fêz-se Vago!)"; reescritura, a lápis:
"A ausência...
é um longo inverno em torno do viver"

(A. Luzo)

²Rasura de difícil leitura; a impressão é que estava "d'horas" e Ernani Rosas reescreveu "d'almas".

Pastor-astral¹

As ave-Marias²,

matiz de matizes

das flores dormentes

5 à hora do poente

na prata dos lagos

que cai docemente...

Fusão de matizes

de pedras preciosas

10 na minha ilusão,

morrente nos olhos de alguma menina...

Senhora do amanhã

passos perdidos pela imensa sombra...

da igreja da noite.

15 Po^usam réstias de luz, clarões estranhos...

desdobrados do manto das estrelas

de espiritual claridade

de olhos absortos para o infinito

como quem sonha

20 e comunga com Deus

Senhora da Aurora

da hora celeste!...

932

¹Antes de iniciar o poema, há o verso:

"Dentro da noite, côncava safira!...

10-8/914 E. Rosas"

²Está: "aves-Marias".

Litania

à

Adolescência

(918 a 47)

E. Rosas (N. Luzo)

"Litania¹

à

Adolescência

e

outros

Versos"

(918 a 47)

Ernani Rosas (N. Luzo)

¹Ladainha; segundo Andrade Muricy, palavra das mais representativas na produção simbolista.

Noite de Valpurgis¹

Náufrago brigue do éter e do Sonho,
 derramando um clarão túbio e suicida...
 O sol acena um áureo Adeus à Vida
 4 e doura a imensa estrada ante-sonho!

Âmbito argivo² em mármore de estranha
 visão de torres e cruzes brancas,
 onde passaram adejos de asas francas
 8 das aves, se o Luar neva à montanha...

Gotas nitentes pela luz douradas
 são pérolas que um mar verteu um dia,
 11 junto às areias gris das alvoradas!

Exaurindo-se à Luz dentre a agonia,
 difunde-se qual tule em nuvem alada...
 14 para voar a tua fantasia!...

Rio (914)

E.R.

¹Segundo informa o Dicionário Prático Ilustrado: "Walpurgis ou Valpurgis (santa), n. em Inglaterra no séc. VIII; foi chamada para a Alemanha por S. Bonifácio. O seu túmulo, transportado para Eichstadt, no séc. IX, era visitado por numerosos peregrinos. Como a sua festa se celebrava no dia 12 de maio, dia famoso pela recordação das festas pagãs, a noite Valpurgis, segundo as lendas populares, era a noite em que feiticeiras e demónios se reuniam no Broken ou Blocksberg" (p.1748).

²Não tenho certeza quanto à transcrição da palavra; uma possibilidade é "argivo", relativos a Argos, antiga cidade de Peloponeso, podendo significar "Grego"; na variante do poema (p.194) a palavra aparece como "vago": "âmbito vago em mármore de estranha".

Soneto

(A memória de Ronald de Carvalho)¹

Alma, sobe ao teu cimo transcendente,
na tua ânsia de indelével asa...
e fulmina o destino impenitente
4 e o Elo hercúleo², que teu sonho apraza!

Não devemos a Dor nunca abrigá-la
nesse âmbito êxul³ da fantasia,
todo bordado à pérolas e à opala-
8 de uma tarde longínqua em agonia.

Quando eu d'aqui me for, hei-de falar-Te...
do teu saudoso Adeus à terra e ao mundo,
11 nirvanizado p'lo fulgor de Marte!...

Acenarás à frouxa luz da hora,
de uma Estrela, do claro azul profundo...
14 do hálito argivo⁴ de uma eterna aurora!...

(1935 Rio)

E. Rosas

¹Ronald de Carvalho (1893-1935). Poeta (autor de *Luz Gloriosa*, Rio, 1919; *Epigramas Irônicos e Sentimentais*, Rio, 1922; *Toda a América*, Rio, 1926; *Jogos Pueris*, Rio, 1926), ensaísta, crítico, conferencista, escreveu *Pequena História da Literatura Brasileira*, Rio, 1919. Colaborou na imprensa do Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires, Lima, México, Nova Iorque, Paris. Foi dos primeiros críticos a dar relevo especial ao movimento simbolista brasileiro. Ernani Rosas tem vários poemas dedicados a Ronald de Carvalho, de quem era amigo.

²Vale ressaltar a sonoridade de "Elo hercúleo".

³Está: "ambito exul".

⁴Idem nota 2. poema anterior ("Noite de Maipurgis").

Os Teus sapatos Vermelhos!¹

Imóveis, como à espera
 da Dona para os calçar:
 Quantos espinhos tivera
 4 neste mundo, que pisar...

Talvez, em busca de um sonho,
 de ventura, meu Amor!
 de ventura, que suponho...
 8 morar a milhas da Dor!

Amanhã, empoeirados...
 velho, encardido o cetim,
 11 ficarão abandonados...

Os teus sapatos vermelhos,
 que cingiram os teus artelhos...
 14 olvidados, já por fim!...²

Rio 947

E. Rosas

¹Poema escrito em vermelho.

²Há uma variante do último terceto: "Os teus sapatos vermelhos,
 que cingiram os teus artelhos
 olvidou-o o teu jardim!..."

Que pé de Deusa ou Anfitrite¹,
calça um sapato tão leve?
pisando tufos² de neve...
4 tapetes de clematites!...

947 Rio

E. Rosas

¹Anfitrite, rainha e personificação feminina do mar, esposa de Posidão, sendo ela própria a água, rodeia o mundo.

²Está: "toifos", transcrevi como "tufo", com sentido de montículos.

Simples problema me assombra!

dentre a hipótese seduz:

"Se a luz é filha da sombra,

4 ou a sombra é filha da Luz!..."

947 Rio

Talvez, teu sentimento não me aqueça,
pela simples razão de ser tão puro...
o afeto é fogo eterno que no escuro
4 fulgura mais que o Lume¹ da cabeça!...

953

E. Rosas

¹Rasura: "a idéia"; reescritura: "o Lume".

Enquanto os mais meditam¹

Deito o olhar dentre as trevas e vejo a noite
desdobrar o seu manto constelado,
e a linha do horizonte enevoado
4 desdobrar-se p'la Dor de rude acoite...

O Vento e o mar dramáticos investem
contra as fráguas: é a vida, a fúria humana!...
e fecham o grande círculo de insana
8 luta dos elementos, com que vestem

A órbita do mundo sem poesia,
que decresce p'lo Tédio dia a dia...
11 e, a gente sente indômita saudade!...

De voltar ao inerte e a frágua dura,
diante da "Eterna Aurora" sem ventura
14 Que se resume em lama das vaidades!...

Rio 947

E. Rosas

¹Poema escrito em vermelho.

Soneto¹

O meu pintor da Luz esboca tintas
 de pródiga nuance misteriosa,
 meus ideais desmaiam na radiosa
 4 trajetória banal de horas extintas

A trirreme² das fúlgidas quimeras
 singram buscando pérolas e plagas,
 e os meus versos, são lumes de galeras,
 8 sangrando as armas e tosões³ nas vagas...

Uma epopéia atlântica revive
 na redenção do Sonho, que a minh'alma
 11 moldura em mágoa, o tempo que não vive!

Repercutindo oceânica conquista
 de amoroso mistério que nos salma⁴.
 14 O vitorioso ardor do meu artista

946 Rio

E. Rosas

¹Poema escrito a lápis.

²Antiga embarcação grega movida a remos (armados em três pavimentos) e a vela redonda.

³Poderia ser, também, "brasões", numa provável referência a Camões ("as armas e os brasões assinalados"). Assim também a temática da "epopéia atlântica", (a viagem) remete a Camões em Os Lusíadas

⁴Está "psalma". Segundo Andrade Muricy, o vocábulo "psalmo" foi "usado até ao abuso", pelos simbolistas.

Veneno que não cura¹

949

E. Rosas

¹Esta plaquete tem duas capas. Na primeira, manuscrita a lápis preto, o título está bastante apagado (pelo tempo), consegui ler algumas palavras: "Árcanos de uma [...] Tristeza! 949 Rio". Na segunda capa, está manuscrito a lápis preto: "Veneno Que [...] 949 E. Rosas". Finalmente na parte interna desta segunda capa, está manuscrito a lápis preto, legível, o título acima transcrito.

Todos os poemas desta plaquete estão manuscritos a lápis preto.

Todo passado é um rápido segundo;
 sonhos e amores, tudo lá se vai!
 anelos e paixões que o pó do mundo
 4 apaga e encobre, quando a noite cai...

Ilha de luz radiante a nossa estrela,
 namorada¹ da esperança e da Quimera!
 voltando o dia fico à sua espera
 8 à janela da noite para vê-la

Bendita seja a luz, que assim me ilude...
 a beleza fugaz, que nunca pude...
 11 dominá-la e detê-la, longo instante!

Louvados sejam a Vida² e a terra toda
 e o noivado da luz em fulva bode
 14 que envolve de carícia o sol radiante

Rio 949

¹Rasura ilegível; reescritura: "namorada".

²Rasura: "Maldita seja a carne"; reescritura: "Louvados sejam a Vida".

Esperando... esperei a Vida inteira
à janela fiquei Te¹, que a fileira
3 de estrelas pelo espaço repontasse...

Eis o encanto do engano, sem ventura...
o veneno que mata e que não cura
6 ou se cura enlouquece a quem tentasse...

949 Rio

E. Rosas

¹Te. igual a "até"

Raiz do Tédio¹

Vivendo, como vivo desolado
 a lidar entre os homens venturosos
 tenho tédio por ser um condenado
 4 a mentir no viver entre ditosos...

E a mentir morrerei divina Musa
 p'la ironia da vida e do meu fado
 porque eu não morri, quando fadado²
 8 p'la sorte, para além da "terra Lusa"?³

Fui um rebento verde que minguara
 vivi à sombra d'outrem por piedade...
 11 não de Dores com o [...] o aguardara

Envelheci... ficara desfolhado
 pobre choupo no Inverno enregelado
 14 a bocejar ao vento e à Eternidade⁴

949 Rio

¹Palavra bastante usada por Baudelaire e que segundo Andrade Muricy, teria originariamente influenciado os simbolistas brasileiros.

²Há uma interrogação a lápis sobre o verso, como se Ernani Rosas questionasse o verso, não o desse como definitivo mas como passível de reescritura.

³Variante: "Ter que partir p'ra além da terra-Luza?!"

⁴Rasura ilegível; reescritura: "a bocejar ao vento e à Eternidade...".

"Amor e Lama"

Alma de cortesã, alma de lama¹,
 vestida de veludo e pedrarias
 através de tua pel'fulgura e flama
 4 dos germens da luxúria e da anemia.

Planta exótica - cactus da esprisia
 na volúpia da lua e da agonia...
 p'la ambarina neblina dessa incúria
 8 que envolve estrelas e escurece o dia...

Lama fulgente, patamar da Tarde
 eco vago de sino amortalhando
 11 a envolvência violácea desse alaúde.

Que vai morrendo com som rouco e aziago
 pelas quebradas teu corpo errando
 14 em procura de amor que não foi pago!...

Rio 949

E. Rosas

1. Notar "alma de lama".

Da minha janela aberta,
vejo passar muita cousa!
Toda amargura liberta,
4 para a tristeza da lousa...

Ao homem de sentimento,
a vida não vale nada!
a vida é nuvem, que o vento
8 leva à luz da madrugada!...

Ó homem desamparado,
a tua vida sem guia
é a corda de um relógio
12 que trabalha em agonia!...

Marcando horas aflitas,
instantes de desventura...
Que sejam sempre benditas
16 as tuas horas escuras!...

Errando¹ teus lindos olhos
pela fronde da alameda
cisma o cisne de uma Leda
4 p'la sirte de meus abrolhos!

E ao recair em repouso
todo jardim no veludo
do teu olhar, onde pouso...
8 todo o sentido de um mundo!

949 Rio

E. Rosas

¹Rasura: "Vagando"; reescritura: "Errando".

Outono¹

Outono, meu Outono nebuloso,
 choras por mim como gentil criança...
 o teu pranto meus sonhos embalança
 4 n'um ritmo de Saudade doloroso...

Chora teu ser pela vereda branca,
 neva teu manto e as folhas caem frias,
 que cruel e letal melancolia
 8 vela a paisagem que a doçura estanca?...

Só vejo ruínas, casarios ermos!
 há neve em meu caminho desolado,
 11 a dor tem ar de miseros enfermos...

Sigo aos tombos já velho para a Lida,
 Sou a cigarra que viveu no prado
 14 e não viu flores pela sua vida!²

¹Estação do ano que Ernani Rosas se refere com frequência. Aliás, o poeta nasceu num início de outono.

²Variante:

- a) "Segue aos tombos minh'alma como vida
 não viu inverno, nem sequer passado,
 e muito menos flores nesta vida!..."
 Rio 956 E. Rosas
- b) "Sou a cigarra sem vergel, nem prado
 que não viu flores no arrebol da vida!..."
 950 Rio E. Rosas"

"Nossa Sentença"

Sofri... chorei e o pranto deslizava,
 como um rio p'la noite sem luar...
 e as noites eram vãs¹ e em mim queimava
 4 o fogo de um vulcão canicular!...

Vi a noite passar! Seguir-se a aurora...
 e mais auroras vagas de Elegias,
 e a dor continuava, como a nora
 8 Que o choro nunca cessa p'la agonia...

Para aonde iremos irmãos nesta jornada?
 entre a cega ambição por um ideal
 11 e o desalento d'alma fatigada...

Iremos penetrar na alva² floresta
 de lendas e crepúsculo, por esta...
 14 Estrada azul fugindo ao nosso mal!...³

949 (Rio)

E. Rosas

¹Rasura: "longas"; reescritura: "vãs".

²Está "alja".

³Variante dos dois tercetos:

"Aonde irão ter os vagos pensamentos?
 voivendo ao nada às plagas de Além-mundo?
 Dormir para esquecer os vãos tormentos!..

Lançarmo-nos à noite ao caos profundo
 às trevas de Satã, neste momento...
 trariam a paz ao coração e ao mundo!...

949 Rio

E. Rosas"

OBS.: [Plaquete sem título].

Amor!

Esperei-Te esta noite à margem do caminho,
a aurora era silente e a névoa muito fria,
Tinha sono e cansaco e longe do meu ninho
4 senti desfalecer a minh'alma vazia

Olhava para além, pela estrada deserta
nada avistava, que pudesse me alegrar:
tinha minh'alma erma e o coração alerta,
8 Só, noite entorno a mim, amor, a te esperar.

Abalei-Me descrente e noivo da esperança,
na ilusão de amanhã então nos encontrar...
para irmos talvez de braco com a aliança
12 do teu olhar azul amor a enfeiticar!

Penumbra do Luar

Noite de lua e nevoeiro, argente¹
 difunde-se o luar pela folhagem
 com a mesma languidez vaga e dormente
 4 da chuva, quando cai sobre a ramagem...

Como música ao longe e som dolente
 recorda todo esse abandono... e a aragem
 que passa, agita o olor suave e florente
 8 vindo das messes, da vernal paisagem.

E o luar cresce através de ermo arvoredo,
 noite chuvosa e triste a Lua ateia...
 11 fluida névoa de luz... sonho... segredo...

Ao ressurgir das coisas na saudade
 que o silêncio evocou... e à luz ondeia
 14 Erra na morta e fria claridade...

914

¹Neologismo de Ernani Rosas, provavelmente a partir do adjetivo "argênteo" (prateado) ou do verbo "argentar", tornar da cor da prata.

Vontade Oculta

Toda uma força oculta nos domina,
 entrechoca-se as ânsias com o desejo;
 nossos sonhos são nômadás no adejo
 4 de incontida vontade peregrina...

Ao longe, muito longe em moribunda
 claridade de tarde sibilina
 adejam as esperanças¹ na neblina,
 8 que a natureza extática circunda...

Há sempre um sonho a esvoaçar na mente,
 mas a força divina, que desmente,
 11 arsilada² de todo o coração...

Porque a aurora é uma pálida Quimera!
 Talvez, efeito de avernal cratera
 14 da luxuriante chaga de um vulcão!...

¹Está: "esperança".

²Está: "arsillada". Palavra não dicionarizada. Talvez um neologismo a partir de "ársis", no sentido de elevação do tom ou da voz, no verso com sentido figurado; talvez "ancilada" a partir do substantivo feminino "ancila" (escrava, serva). Talvez "asilada".

La

Noche

de

las

Quimeras

918-945

(A. Luzo) E. Rosas

Mãos do Destino..

Oh! jaspe¹ com rubins...²
 d'aquelas mãos dormidas,
 3 indolentes, pendidas,
 que vi colher jasmims...
 e hão-de fechar doridas,
 6 no Sonho, o meu - Viver!...³

918

E. Rosas

¹Jaspe é "variedade semicristalina de quartzo opaco, de cores diversas, sendo a cor mais comum a vermelha"; vale lembrar que a mineralização na poesia é característica nos poetas simbolistas.

²Conservei "rubins", procurando manter a rima existente entre o 1º e 4º versos.

³Entre os versos 5 e 6, há um verso rasurado/substituído pelo autor, verso este de difícil leitura.

Na Vizinhança das Estrelas

Moro com Baudelaire¹ e mais um gato preto²
 minh'a ardente paixão e doce companhia,
 aumenta-me o prazer e a linda bizzarria...
 4 de ser possuidor de uns olhos de amuleto!

É meu vizinho ao lado um jovem sapateiro,
 prazenteiro e feliz em calçados labora
 para a futilidade à luz de um dia inteiro,
 8 Ei-lo a cantarolar... lyricamente à aurora!

Cantarolando finda... até que vença o dia!
 e o crepúsculo traga à longa face fria,
 11 uma lágrima em som de mágoa e solidão...

Oh! bisonho Viver... que vontade me trazes!...
 Desejo de ir ao campo e aos esponsais do verão...³
 14 ver a luz estiolar os ninhos e os lilases. ⁴

917

E. Rosas

¹Ernani Rosas refere-se ao poeta Charles Baudelaire (1821-1867), de grande influência na literatura ocidental, teve particular importância entre os simbolistas brasileiros. Autor de *As Flores do Mal*.

²Baudelaire tem dois poemas chamados "O Gato"; se Ernani Rosas mora "com Baudelaire mais um gato preto", Baudelaire tem um gato em seu cérebro:

"Dans sa cervelle se promène,
 Ainsi qu'en son appartement,
 Un beau chat, fort, et doux charmant."

³"esponsais do verão" remete à religião antiga, céltica, aos solstícios de verão, às uniões carnavais ao redor das fogueiras. Segundo Andrade Muricy, "esponsais" é vocábulo constante na poesia simbolista: "Em sentido místico, como o das Núpcias Espirituais do grande místico flamengo Ruysbroeck, o Admirável, que influenciou no movimento através do ensaio e da tradução devidos a Maeterlinck." (PMSB, p.1235).

⁴Há uma variante do verso 13, ao final do poema: "e às núpcias do verão..."

Cantigas do Povo!1

- Dizer que as canções do povo
 não têm autoria certa:
 é negar, que a luz que entra,
 4 vem de uma janela aberta!
- A pedra, as ervas e as areias
 também tiveram princípio
 vieram do ventre das "cheias"²
 8 do rio de um município
- Algumas milhas "d'aqui"²
 que vêm quebrando entre seixos
 aqui e ali, onde deixo.
 12 um sinal, onde esqueci
- Todo bem pelo Senhor!³
 a vida do meu Amor!
 pra provar que tem começo
 16 Pai e mãe pelo Senhor!
- A cantiga, que a vizinha
 canta de manhã meu bem!
 Pode ser tua e ser minha
 20 ainda ser de mais alguém!
- Ela teve origem e berço,
 embalou-a o meu Amor!
 ela anda no meu terço
 24 de amarguras e pudor...

Rio 941

1 Nesta canção, Ernani Rosas escolhe a redondilha maior que, juntamente com a redondilha menor, são os metros usados nas canções mais populares

2 As expressões "cheias" e "d'aqui" estão entre aspas, querendo significar expressões de língua falada e não da escrita culta.

3 Entre a 3ª e 4ª estrofe, há uma estrofe rasurada e incompleta e ao lado a estrofe "Tudo bem pelo Senhor!" que entendi ser a desejada por Ernani Rosas

Soneto: Morte Romântica

Se eu pudesse dormir mais cedo do que o vento
 acautelara a dor e o coração desfeito
 sonhar pelo infinito e viajar no Eleito
 4 e a arcada percorrer do astral em pensamento!

Adormecer de vez à dor desse oceano
 implacável, sinistro, o monstro vagabundo...
 que anda errante em além-Hora, atravessando o mundo,
 8 ou, o universo-sem-par dos ideais e arcanos...

Morar silêncio e pó... seria uma Utopia...
 - a riqueza maior de todas as Quimeras,¹
 11 Não ouvir estrugir o mundo da alegria!...

O éter fluido transpor na angústia que o deplora
 ser noite e converter-Me em Lua de outras - eras...
 14 verter sobre o teu corpo as lágrimas da aurora.²

Rio 937

E. Rosas

¹Rasura "riquezas"; reescritura: "Quimeras".

² Variante: "O éter fluido transpor n'uma visão de insânia
 ser noite e converter-Me em Lua de outras - eras...
 verter sobre o teu corpo o pranto irial de Urânia..."

OBS.: Urânia: uma das musas, filha de Zeus com Mnemósina; era a musa dedicada à astronomia.

Irmã do meu cismar e dissabor
Vida, que és alma p'lo carmim das flores¹
em pleno outono recordais o Amor...

¹Variante: "Vida, que és alma e mágoa eterna...".

História

do

Gosto

918 a 46 Rio

N. Luzo

Todo prazer é um beijo mal roubado,
morre-me a boca para repeti-lo:
entre o eflúvio de um sonho malogrado
4 e p'la boca das rosas dividi-lo¹...

Como é bom esse amor, sendo metade!
curto instante à penumbra do jardim
ao partirmos levamos a vontade,
8 p'ra que nos volte uma outra noite assim!

Fui despertado p'lo Luar de impura
noite de Lua e desleal Ledice...
11 na embriaguez de lúbrica ventura!

Fui pressentido, ó dura crueldade...
Libertei-me do Amor, sem mais tolice,
14 deixando o gozo todo na metade!...

¹Rasura: "reparti-lo"; reescritura "dividi-lo".

Gostar

Chegamos a gostar de coisas repelentes...

(Charles Baudelaire)

Num antro de magia e rúbido mistério,
 onde a serpe, a coruja, o sapo têm poesia...
 seja negra ou real, a lúgubre magia
 4 em prol da nossa fé em seu áureo hemisfério...

A víbora e o morcego têm duplo poderio,
 a áspide produz filtros cruéis p'ra morte:
 e na ronda avernal desliza um negro rio...
 8 de líticas visões n'uma obscura coorte!

Gostando do que é velho e rude, amei-Te um dia...
 oh! gasta barregã-ruiva, que a ironia
 11 emoldura de Luz na sombra luxuriante!

Vejo, aquilo, que o olhar não vê e não namora!
 vejo, não a mulher - o anjo, que lá mora...
 14 a nevoenta visão da aurora inquietante?!¹

¹ Há reescrituras de Ernani Rosas, de modo que o último verso permite outras possibilidades de transcrição, a saber:

a) "a psíquica luz da aurora inquietante!..."

b) "a psíquica ascensão da aurora inquietante!..."

Tentação de Satã¹

Contam, que um dia o demônio apareceu ao poeta e convidou-o a partir, a ir em um país ideal, onde havia homens leais e mulheres belas. O poeta ficara indeciso diante do convite do demônio por achar a proposta absurda; dentro da palestra amistosa há uma pausa e o demônio tirando de seus cuidados agarra e beija-o na boca e ele extasiado pelo beijo que lhe deu o demônio sente um mundo novo abrir-se-lhe n'alma e sente um sabor divino no beijo do Demônio!²

E conjecturando com ele mesmo agarra-o pelo queixo, dizendo consigo mesmo, que será que ele quer me pedir? E n'isto, a máscara sai-lhe nas mãos e aparece-lhe um rosto encantador de mulher com um sorriso tentador e malicioso por haver vencido o coração do homem; dúbio diálogo!...

Diálogo Infernal

ou Tentação do Demônio?

¹Vale ressaltar as "incurções" de Ernani Kosas na prosa, quebrando as fronteiras entre poesia e prosa.

²Notar a antítese "sabor divino no beijo do Demônio!".

2. Transcrição dos poemas avulsos

Safo!	169
Soneto	170
Soneto	171
Soneto	172
Avozinha	173
Balada	174
Aldeia ao Luar	175
Adeus! oh! fonte magoada.	176
"Alegria alheia"	177
Quando penso, que 'stou longe	178
Elogio-da-Humildade	179
África	180
Queixumes	181
Safo?	182
"Torre-de-David"	183
Safo?	184
O SONHO DAS ÁGUAS	185
Perfil Castilhisto	187
História do Gosto	188
Nas Regiões do "Exílio"	190
Soneto: Spreen	191
Soneto Impressionista	192
Tu, que habitas à noite, o Universo	193
Noite de Valpurgis	194
A IDÉIA I	195
II	196
III	197
Fecunda o pólen no crisol dourado	198
Da Tristeza	199
VII	200
Súcubo "d'alma"	201
Naufrágios	202
II	203
Sonetos	204
2	205
NOSTALGIA DOS CÃES	206
SONETOS I	209
II	210
Eu?	211

Safo¹

Fascina-te a beleza e a formosura langue,
 a juventude em flor ao vir da puberdade...
 quando alguém desabrocha em sentida² vaidade
 4 o infrene furor da languidez do sangue...

Preferes a mulher dentro da extravagância,
 és excêntrica e lésbica de forma voluptuosa...
 masturba-se teu ser na áurea langorosa,
 8 tens³ instinto de hiena e capro na inconstância

Liba da nuca ao ventre o corpo de uma ninfa...
 Enlaças-Te ao pescoço e num desejo ardente,
 11 Oscula os pés e o seio seu carícia de Linfa!

Tens impulsos de Adônis⁴ em tua ruiva⁵ cegueira
 Incubo⁶ feminil, que sorves lentamente,
 14 o almíscar carnal de tão doce maneira!

Nova Iguaçu 951⁷

Ernani Rosas

¹Safo - poetisa, viveu entre fins do século VII à inícios do século VI a.C., na ilha de Lesbos, extremo leste do mar Egeu. Grande parte de seus poemas se perdeu, ora pelo tempo, ora pela destruição premeditada de suas obras: livros que continham poemas seus foram queimados em praça pública em Roma e Constantinopla, por volta de 1073 d.C. Famosa enquanto poeta, Safo foi cantada por Ovídio, Horácio, Catulo. Em estudo dedicado a Safo, diz Alvaro A. Antunes: "Os dois poemas [de Safo] que a Renascença nos legou foram imitados em todas as línguas importantes por um número impressionante de poetas (...) Sidney, Swinburne, Tennyson, Rossetti, Leopardi, Forcolò, Hölderlin, Grillparzer, Daudet, Gounod, Byron, Boileau, Baudelaire (...)" (in: Safo tudo que restou, p.17, 18).

²Está "e sentida"; transcrevi como "em sentida", uma vez que não altera a métrica.

³Ernani Rosas acrescentou a palavra "sexo", entre "tens instinto"; preferi não transcrever "sexo", mantendo a métrica e por não estar clara a inserção.

⁴Adônis: divindade oriental da vegetação, está ligado à Afrodite, a deusa do amor, e Perséfone, a "deusa" da Primavera. O mito de Adônis prende-se aos ritos simbólicos da vegetação, e ao sentido ritual dos Jardins do Adônis.

⁵Rasura: "rosa"; reescritura: "ruiva".

⁶Incubo: conforme Aurélio: "Demônio masculino que, segundo velha crença popular, vem pela noite copular com uma mulher, perturbando-lhe o sono e causando-lhe pesadelos".

⁷Data rasurada: 951 ou 952.

Soneto¹

Deixa as altas penumbras do teu mundo
 e desce apenas aos umbrais da vida²;
 verás então a dor indefinida,
 4 a arte³ de satã gênio fecundo...

Ouvindo desfilar ante a piedosa⁴
 alma triste, que tens, de combalido...
 à sarcástica, lóbrega e andrajosa
 8 ironia dos lábios dum vencido...

Sentirás transcender pela memória
 em relevo a tu'asa, que assemelha
 11 um troféu de esperança para a glória

ressurgirás⁵ edênico e intangível!
 ante o mistério de uma noite velha⁶,
 14 como dum gênio⁷ o espírito invisível...

917

¹Poema datilografado em cor vermelha. Este soneto é semelhante a "Soneto", segundo poema da plaquete "Os meus Abrolhos" (p. 42).

²Rasuras/reescrituras possibilitam variadas leituras; a primeira estrofe, está totalmente reescrita à mão ao final do poema. Optei transcrever a segunda escritura de Ernani Rosas.

³Rasura: "fúria"; reescritura: "arte".

⁴Verso reescrito ao final do poema (embora Ernani Rosas não tenha rasurado ou eliminado a primeira escritura): "Se calará por noite tenebrosa".

⁵Rasura: "voitarás"; reescritura: "ressurgirás".

⁶Rasura: "e o silêncio da tua noite velha"; reescritura: "ante o mistério de uma noite velha".

⁷Rasura: "lírio"; reescritura: "gênio".

Soneto¹

Quando a luz em vislumbre me alucina
 e deste olhar a luz que o viu nascer
 esmorece na tela vespertina,
 4 como o fogo que ardeu e vai morrer...

Unjo o olhar de ternura e estalma reza
 tendo erguidas as mãos para o invisível,
 murmuro alguém, crepúsculo e tristeza,
 8 não da terra, do páramo impassível...

Penso nas ermas causas do intangível,
 no mistério quimérico ilegível...²
 11 e que à luz mal se dão a conhecer...

São por certo visões, que no Ocidente
 agonizaram à luz amanhecente³!
 14 e hoje jazem nas cinzas do Não-Ser...

917

¹Poema datilografado em vermelho.

²Rasura: "indizível"; reescritura: "ilegível...".

³Rasura: "adolescente"; reescritura: "amanhecente".

Soneto¹

Duas almas enfermas se casaram
 uma veio da terra outra do céu
 a de Deus foram os anjos que a sonharam
 4 a outra a sombra não pura a concebeu²

Uma teve o perdão pra agonia³
 a outra a tentação que a adolesceu
 e a fez cúmplice lúgubre de um dia
 8 desse crime que é vida, que a abateu...

E fizeram este livro de incerteza⁴
 que, a asa ancestral dum vento em noite escura
 11 deu-lho o batismo e mais minha tristeza...

Efeito duma hora de Esperança
 Último eflúvio triste à luz daltura
 14 que, se perdeu⁵ por mim, quando criança.

917

¹Poema datilografado em vermelho.

²Rasura: "a outra em hora vã delira Orfeu"; reescritura manuscrita a lápis, do verso, ao final do poema: "a outra sombra não pura a concebeu".

³Rasura: "carne impia"; reescritura: "agonia".

⁴Rasura: "beleza"; reescritura: "incerteza".

⁵Estava "perdeu-se"; Ernani Rosas alterou, a lápis, para "se perdeu".

Avozinha¹

Ao luar do Quarto-Minguante

O luar é uma avozinha do Outro-mundo
 que desce à terra em certas noites ermas
 é clarão que se espalha moribundo
 4 sobre leitos de lívidas enfermas.

é uma luzinha, que atravessa a medo
 em certas horas o choupal deserto...
 e embucada no chale a passo incerto
 8 a um triste albergue se recolhe cedo

Meia noite, ela sai estrada afora
 vai ter a um campanário aos pés da cruz²
 11 e, só, de lá regressa com a aurora...

O que ela à noite lá irá fazer!
 rezar?... ouvir o místico Jesus...
 14 que converte o descrente e o faz viver!... ³

917⁴

¹Poema datilografado em vermelho.

²Rasura: "e vai ter a um sombrio cemitério"; reescritura: "vai ter a um campanário aos pés da cruz".

³Rasuras nos dois últimos versos:
 "rezar... ou ouvir Jesus palido e etéreo
 a transcender da sombra do Não-Ser!"
 reescritura, manuscrita, ao final do poema:
 "rezar?... ouvir o místico Jesus...
 que converte o descrente e o faz viver!..."

⁴Após a data, está datilografado "A NOSSA CARTA (A L.M.)"; L.M. seria Luis de Montalvor?

Balada¹

Minhalma sonha caravelas,
que hão-de da luta regressar;
lancei ao mar minhas galeras
4 e nunca mais p^ude voltar.

Parti p'ra vida em frota armada,
fazia lua em teu olhar
era meu sonho essa jornada
8 e a vida nunca realizar...

Parti p'ro sonho em frota armada,
10 só! morto hei de² regressar.

¹Poema datilografado em cor líbia; as primeiras letras dos primeiros versos das três estrofes (ou seja, M, P, P) estão em vermelho.

²Está: "heide".

Aldeia do Luar...

Aldeia branca da Lua,
 aldeia da nostalgia!
 É o Luar da meia-Noite
 4 a minha monotonia...

Aldeia branca da Lua
 percorrida em serenada
 de nossa alma saudosa,
 8 quando do corpo afastada...

Tenho saudade das tuas
 noites - minhas - Alegrias...¹
 memória das tuas - Luas
 12 errantes, no céu de um dia...

Tua presença saudosa
 brilha em minha nostalgia;
 como uma noite distante,
 16 oculta na fantasia!

1932²

E. Rosas

¹Variante: "agonias..."

²Rasuras dificultam a leitura da data; possivelmente a data é 1932.

Adeus! oh! fonte magoada...
fonte, que choras sem termo:
quero ouvir-Te à madrugada,
4 - voz de saudade do ermo...

"Alegria alheia"

Eu gosto de andar alheio
 às alegrias d mundo:
 porque na vida ando cheio
 4 da utopia do Além-mundo!...

Eu tenho uma volúpia p'la tristeza
 um culto singular ante¹ a alegria
 contra o riso imbecil, contra a ironia,
 8 dos que nunca se encheram de beleza...

Convalesco de um mal irremediável
 das dolências senis do coração,
 amo as tardes serenas do insondável
 12 sob as brumas de ideal cogitação

Eu gosto de errar só, por noite fria
 por ruas ermas de silêncio inerme²
 15 levado pela minha fantasia...

Longe da boca rúbia e malfazeja
 de aveludada púrpura epiderme,
 18 que num sorriso irônico³ me beija!...

¹Rasura: "contra"; reescritura: "ante".

²Rasura: "etrevas"; reescritura: "inerme".

³Rasura: "sepulcral"; reescritura: "irônico".

Quando penso, que 'stou longe
alheio do teu sorrir:
vem de súbito a lembrança
4 do modo de teu dormir!...

Elogio-da-Humildade

Quando é longe-manhã e a luz esboça
vaga insônia lunar-minha Saudade!
Eu compreendo o sonho-irrealidade,
4 que em cada ser distante se alvoroca...

A árvore tem pejo de ocultar
à noite de seu corpo enlanguescido,
tanta mágoa e silêncio adormecido
8 em vozes, que a minh'alma faz sonhar!...

São as pedras chorando à sombra - Olvido
o seu amor em vagas de verduras,
11 tornando-Me mais langue e comovido...

Por muito amar e o Bem nunca encontrar,
Sê! mesquinhas e tristes criaturas...
14 e as pedras venturosas por amar!

Africa

(As Areias do teu Seio)

A estrada de um Oásis que o deserto margeia¹
 dormitam os areais à luz que inflama e doura;
 à viração coleiam os cômoros² de areia
 4 n'um oceano auroreal³ que tormentoso agoira³...

Caminha e ondula a serpe em frêmitos de chama
 a revolta do areal⁴ tem ondas luminosas:
 é um súcubo⁴ a estorcer-se o ardor de fulva flama⁵,
 8 A alhambra⁶ singular das tardes misteriosas...

Passam p'lo seu olhar de pétrea indiferença
 a esfingica beleza em roxa tinta morna
 11 a docura do oásis e o ciclone da ofensa!...

À superfície azul a abóbada se tingem⁷...
 e a flor da sua boca em tântalo se torna,
 14 E seu divino olhar nos olhos de uma Esfinge!...

943

E. Rosas

¹Rasura: "margeia"; reescritura: "acalanto"; preferi manter "margeia", pela rima com o 3 verso. Há uma variante, manuscrita a lápis, acima e à direita do 1 verso: "p'la blasfêmia dos céus que o mísero afugenta".

²Notar a aliteração: "coleiam os cômoros".

³Rasura: "n'um proceloso oceano auroreal que doloroso agoira..."; reescritura: "num oceano auroreal que tormentoso agoira..."

⁴Súcubo: conforme Aurélio: "Demônio feminino que segundo velha crença popular, vem pela noite copular com um homem perturbando-lhe a noite e causando-lhe pesadelos".

⁵Variante: "Contorce-se a brilhar num súcubo se inflama...".
 "Contorce-se da serpe o ardor de fulva flama".

⁶Alhambra foi célebre alcácer dos reis mouros em Granada (Espanha), com famosos jardins. Sua construção iniciou-se no século XIII

⁷Variante: "A abóbada bruma: de púrpura se tingem!"

Queixumes

Para que tanto queixume
 meu violino da Saudade
 coração que a dor invade
 4 n'uma onda de perfume...

Coração, que o amor esquece
 não Te vale o teu queixume,
 flor de lume...
 8 quando a noite do azul desce!

Para que essa tristeza,
 violeta do jardim:
 Liz do campo, que a beleza
 12 lembra uma ânfora... rubim!¹

Liz do campo já saudoso,
 14 Pôr-do-sol-régio-marfim...

Para que tanta Agonia
 melancólica do Outono;
 refletindo à face fria
 18 dum céu pálido absono²!...

Para que tanto queixume...
 ora a fonte a sua véspera,
 ouve! o Amor é pirilampo,
 22 anda em busca de negrume!...

¹O dicionário não registra "rubim", apenas "rubi"; mantive rubim respeitando a rima entre 9^o e 13^o versos (como já o fiz anteriormente).

²Neologismo? A partir de ab-do lalin ab - prefixo = afastamento, privação, então absono: privado de sono; ou ábsono, dissonante, contrário, discordante.

Safo?

Coroadã de pãmpanos e rosas
 à sesta de bucólica latada
 se debruça à piscina enamorada,
 4 pelo esplendor das horas radiosas.

Cena - desnuda, banha-se na Linfa
 da fonte, que se azula de ansiedade
 e a luz crepuscular doura-a, qual ninfa
 8 roubando-lhe a alma, com vaidade...

Aurora e poente do seu rosto lindo
 entrelaca o vergel do seu cabelo,
 11 que se desata em caracóis de infindo.

Brilho soturno de noturno céu...
 onde a nudez de Estátua em sonho belo
 14 ergue-se em súplica ao poder de Zeus¹!

Rio 952

E. Rosas

¹Zeus: grande deus indo-europeu, apesar de não ser um deus criador e sim um deus conquistador, era o chefe incontestado dos deuses e dos homens. Senhor absoluto do Universo, organizador do mundo exterior e interior, Zeus simboliza o reino do espírito, o fim de um ciclo de trevas (após o governo de Urano e Crono), de caos, e o início de uma era de luz.

Variante: "para o grande Zeus!"

"Torre-de-David"

Eu queria encontrar um saibro que fulgisse
como a estrela a descer no azul crepuscular,
o rubi; o diamante; a pérola que disse
4 alguém ser encantada e andar à flor do mar!

O ébano, o marfim, o jade e a madreperola,
translúcidos; brilhantes assim como o Luar!
ou, mesmo¹, opacos, como os vitrais que flamejam
8 se lhes bate de leve o raio irial, solar...

Para eu assim, poder burilar no meu sonho
a torre que eu almejo um dia construir!
trarei comigo o Amor - o lírico arquiteto,
12 ao reino da minh'alma - a misteriosa Ofir!...

941 Rio

E. Rosas

¹Está "mesmo".

Safo?

Possuidora de plástica beleza
 Ama as fontes e as flores e a harmonia;
 4 Vê nas flores sensuais a natureza
 estranha de seu Ser, ópio¹ extasia...

Perturba-se ao mirar água da fonte²
 junto a uma jarra, a franja rendilhada
 e vê florir em sua linda fronte³
 8 a grácil expressão da madrugada

É Ninfa! é Vênus⁴! dentre a psicose
 permuta-se em desejo luxuriante
 11 tem carismas de Efebo⁵ e Afrodite⁶

masturba-se por atávica nevrose
 coleiam p'la sua alma⁷ de bacante
 14 as ondinas do reino de Anfitrite⁸!

945 Rio

E. Rosas

¹Rasura sobre a palavra, sem reescritura, o que dificulta transcrição. Penso também que pode ser "apostasia", enquanto abandono de seu ser.

²Rasura ilegível; reescritura: "fonte".

³Rasura "e vê florir de um mundo planetário"; reescritura: "Vê florir em sua linda fronte".

⁴Vênus ou Afrodite, a deusa do Amor e da Beleza, que seduzia tanto os deuses como os mortais.

⁵Os dicionários mitológicos por mim consultados não registram Efebo; penso que Ernani Rosas refere-se a Febo, também conhecido como Apolo ou Febo Apolo, deus das artes, da música e da poesia; o deus do Arco e da Flecha; igualmente o deus da Luz e da Verdade.

⁶Afrodite ou Vênus (ver nota 4).

⁷Rasura: "por sua alma"; reescritura: "p'la sua alma".

⁸Anfitrite (uma das netas do titã Oceano) mulher do Posidon (ou Netuno), o Senhor do Mar e irmão de Zeus.
 Há uma variante do verso:

"Todas ondinas ninfas de Anfitrite".

O SONHO DAS ÁGUAS¹

- Pela noite o rumor das águas desce
quebrado de saudade memorando,
há paisagens ao fundo recordando
4 o seu drama espectral de sombra em prece.
- Sonham as águas ao luar: Mistério e origem!
gênese e morte em sonho que passou...
como que dentro delas uma virgem
8 reza e ajoelha: é noite que baixou...
- Volúpia de ser dor - Água corrente!
emboscada² de sombras ao luar
com punhais a luzir nágua indolente,
12 que à lua em tons³ de serpe andam a girar...
- ó sonho dáguas claras palpitando,
visionando ao luar longínqua fala;
a noite em lírios⁴ dastros se esfolhando,
16 Como rosa que pálida se exala...
- Alta ponte de sonho e nevoeiros
de crepúsculos místicos e frios
que descerão por vales, por outeiros,
20 ao prelúdio nostálgico dos rios.
- De quantas gotas se farão as águas,
de que beijos de luz se faz o luar?...
Eu fiz os meus sentidos do acordar
24 duma manhã de inverno absorta em fráguas
- Fiz das ondas do vento, ondas de incenso,
do sonho fiz crepúsculos distantes,
quando o olhar é como um branco lenço
28 acenando pras velas almirantes!...
- Águas do mar sonhai pla noite nua,
a espectral⁵ longe de saudade e outono!...
como quem desce ou sobe nalgum sono
32 de sepulcrais aparições da Lua...

¹Poema datilografado em vermelho.

²Está "embuscada".

³Está "entons".

⁴Símbolo da pureza e do amor platônico. Segundo A. Muricy, lírio "Talvez seja, com 'mistério', 'tontura' e 'nevrose', dos vocábulos mais empregados e característicos" do simbolismo.

⁵De adjetivo "espectro", Ernani Rosas faz verbo, um jogo entre espectra/espreita.

Temores de soturno p'la alameda
 Como trêmula sombra de luar!
 alucinando, impressionando, leda⁶,
 36 parecendo que a tentam a arrebatat⁷

Águas que sois mistério e luar inquieto
 ondas que sois o Mar a tumultuar
 40 sonhai na graça aflita do irrequieto
 que o céu desceu e é todo céu e mar

Acalmai o furor de estranho aflito
 voz das águas, dos rios a girar,
 que as estrelas do azul e do infinito
 44 dormem ao fundo de vós, sem se apagar...

E só se aquietarão à luz do dia
 Como do luar essa irial⁸ penumbra,
 que num bronze de sombra e nostalgia
 48 funde o Perfil da noite que O deslumbra!...

915 E. Novo

E. R. Rosas

⁶Rasura: "queda"; reescritura: "leda".

⁷Rasura: "assassinar"; reescritura: "arrebatat".

⁸Está: "irrial": o dicionário não registra este vocábulo, mesmo os de época; pode ser "irial" ou "irreal", achei "irial" mais adequado

"Perfil Castilhista"

Andava do vil Herodes
 para o pudico Pilatos:
 de castilhista¹ e jagode,
 4 fêz-se nobre maragato²!...

Deu sota e ás³ no partido,
 como chefe radical!
 teve brado de sentido,
 8 abafou o Integral⁴!...

Equilibrou as finanças,
 o Saltimbanco bancava...
 11 para o equilíbrio da Esp'rança!

Há tempos, em hora preta
 passou-se para a aliança⁵...
 14 (como ficha de Roleta!...)

(932 a 42)

E. Rosas

¹Castilhistas eram os seguidores da política desenvolvida pelo partido chefiado pelo estadista gaúcho Júlio de Castilhos (1866-1903).

²Maragato - participante da Revolução Federalista de 1893, no Rio Grande do Sul, chefiada por Silveira Martins (1834-1901), contrário ao partido então dominante, cujo chefe era Júlio de Castilhos.

³"dar a sota e ás" - ser mais esperto que os outros.

⁴Refere-se ao Integralismo - movimento político brasileiro de extrema direita baseado nos moldes do fascismo italiano e do nazismo alemão teve sólida estrutura e seguidores entre 1932 e 1937.

⁵Movimento de Aliança Libertadora de 1923, infenso ao então presidente do RS, Borges de Medeiros (1863-1961).

História do Gosto¹

Não amo a ruína humana
amo a mulher que me amou:
sou como um céu, que uma estrela
4 não o pertence... rolou!

Não vejo a ruína, vejo
a aurora, a vida a romper:
o encanto d'alma, um sobejo,
8 do nosso Amor a viver!...

Não há belas, nem há feias,
apenas gozo e poesia:
quantas não trazem por peias,
12 no seu sorrir a magia...

Eu quero ver mergulhar
no abismo da alma humana,
o meu olhar que se irmana...
16 ao raio da Luz solar!...

Vejo à aparência obscura
n'uma psíquica aurora:
Jesus, que na noite escura
20 aos corações traz boa hora...

São irônicos, os aspectos!
Muita vez linda mulher,
tem fluidos secretos
24 sem muita vez se prever!...

¹Há plaquete com este título.

É de esquisita roupagem,
o gosto da nossa alma:
ama o luto, odeia a imagem...
28 da nossa ilusão, que ensalma!²

Por isso eu amo uma pedra,
por mais espessa que seja:
mesmo que n'ela não luza...
32 o ovo da luz, que beija!

A graça, a harmonia infinda,
do teu olhar tateando...
de mão estendida ao nada,
36 aos tombos, desencontrando!

A f'licidade na vida
de encontrar uma guarida:
Vem comigo... há muito abrolho,
40 A estrada é longa e comprida!

946 Rio

E. Rosa

²Esta "ensalma".

Nas Regiões do "Exílio"

Quem sonha, esquece o tártaro do abismo,
do val' da Vida para além da morte:
têm-se a impressão de torvo cataclismo,
4 quando a alma se eleva n'um transporte...

Num cortejo de sombra dentre estrelas,
perdemos de nós-próprios¹, o vão recorte...
somos fluidez do ar, ao léu da sorte,
8 difundidos na cósmica procela...

Levamos a saudade dessa amante
dos versos de uma noite, que passara...
11 sob a Lua de Deus, que vai distante...

Diante a bênção de Deus², se merecemos...
desfilamos, qual sombra que escapara,
14 ao exílio da selva que tememos!...

¹Está: "nós-próprio".

²Está: "bênção Deus".

Soneto: "Spleen"¹

Causa-me espanto a mágoa da criança,²
 tenho horror ao prazer desenfreado...
 à bacanal, à orgia, por pecado,
 4 à carne inerte, que nos gera e cansa!...

A Luxúria brutal, a serpe infrene,
 que o veneno sutil nos alimenta...
 a ebbriez³ singular do ópio que alenta
 8 e o olhar conduz a um âmbito perene!...

Oculto-me no Antro do meu ópio⁴,
 erro por mim, p'lo paraíso alado...
 11 de um perene florir de Heliotrópios!

Vejo sorrir "formosa Primavera!"
 fria e aloirada do semblante amado,
 14 A Quádriga arrastando pela esfera!...

Rio 947

E. Rosas

¹Baudelaire tem uma série de quatro poemas sob o mesmo título de "Spleen". O 'spleen' é a expressão suprema do famoso tédio baudelairiano, oposto à aspiração do poeta pelo absoluto e o infinito, cujo símbolo é o ideal. A palavra é de origem inglesa e a língua francesa a incorporou no século XVIII, para expressar uma sensação de tédio sem causa. Numa tradução para o português teríamos algo como melancolia, mas não tem exatamente o sentido de "spleen".

²Rasura: "Tenho horror a alegria aivar da criança,"; reescritura do verso, ao final do poema: "Causa-me espanto a mágoa da criança,"

³Neologismo de Ernani Rosas, a partir do adjetivo ebrio ou embriaguês.

⁴Rasura: "em próprio"; reescritura: "meu ópio".

Soneto Impressionista de

Antonio Luzo

"Vozes veladas, veludosas vozes,
 Volúpias dos violões, vozes veladas,
 Vagam nos velhos vórtices velozes
 dos ventos, vivos, vãs, vulcanizadas."

Cruz e Sousa

Seduz, embriaga o pensamento, anula
 toda memória para além da vida,
 é um vinho sedutor, que me estimula!
 4 o coração de fibra envelhecida...

Quando tudo é silêncio e a alma da Lua,
 Quando tudo se exulsa¹ e os astros descem
 para melhor ouvir o que tressua
 8 nos bordões pelo ar, que se arrefecem²...

é³ quando já se vão... fica a lembrança
 da asa fluida do Longe e o último verso
 11 de porta em rua, p'ra desesperança...

Guardo-o comigo, no meu coração,
 fica a adejar no ouvido o último terço...
 14 guardo a saudade da última canção!

Rio 932⁴

E. Rosas

¹Palavra não dicionarizada. Talvez um neologismo de Ernani Rosas a partir de "exul", "exuljar", "exiliar"; no verso, com sentido de apartar-se, afastar-se.

²Rasura: "respiandecem"; reescritura: "se arrefecem...".

³Há um acento a lápis; o poema está manuscrito à tinta.

⁴No alto da página, antes do título do poema, está escrito: "Quando os violões se afastam!". Talvez o título do poema.

Tu, que habitas à noite¹, o Universo,
os mundos celestiais, onde, alguém mora...
que juízo fará da Luz da aurora
4 esse gênio, que vive em sombra imerso?

¹Rasura: "o intangível"; reescritura: "a noite".

Noite de Valpurgis

Náufrago brigue do éter e do Sonho
derramando um clarão túbio e suicida,
o sol acena um rubro adeus à vida
4 e doura a imensa estrada, que ante-sonho!

Âmbito vago em mármore de estranha
visão de torre e de cruzeiras brancas,
onde, em indolência adejam as asas francas
8 das aves se o Luar neva a montanha!...

Gotas sangüíneas pela luz dourada,
são pérolas, um mar verteu um dia
11 rente às areias gris das madrugadas!...

Esparzindo o crepúsculo a agonia,
esfarrapa-se em tules de alvorada!...
14 para voar a tua fantasia!

A IDÉIA¹

Da Idéia ardera o espírito sagrado²
 oculta e original³ pelo ideal
 ei-lo a esvair-se no crisol dourado⁴
 4 como centelha de desejo astral⁵

Veio da noite animica e espectral
 e em fumo consumiu-se etéreo e airado
 teve anseios, dum mundo espiritual
 8 desespero d'um'asa em vôo alado

O fogo, que as paisagens do meu gosto
 devastou no passado, vai lavrando...
 11 por mim uma tristeza de sol-Posto.

E ressurge dum mundo⁶ de surpresas,
 Como um anjo em minha alma se esgarçando...
 14 Um oculto vislumbre de belezas!...

¹Poema datilografado em vermelho.

²Rasura: "Ardera da Idéia o espírito sagrado"; reescritura: "Da Idéia ardera o espírito sagrado"; variante: "Da Idéia ardera o gênio do pecado".

³Rasura: "Oculto e lindo pelo que é ideal"; reescritura: "Oculta e original pelo ideal".

⁴Rasura: "ei-lo e esvair-se quase incinerado"; reescritura: "ei-lo a esvair-se no crisol dourado".

⁵Rasura: "como senil desejo pelo irreal"; reescritura: "como centelhas de desejo astral".

⁶Rasura: "longe"; reescritura: "mundo".

II¹

Dentre um dilúvio dasas e de chamas
 ergue-se a idéia em lume estranho e fumo
 e das brasas o ouro que derrama
 4 - é um Mar de lavas, que se vai sem rumo...

Lume oculto que à luz do sol presumo
 cegar de suave pelo que se inflama
 e o ardor interior chegou ao sumo,
 8 escrínio a confundir-te sob a lama...

Lume ignoto da idéia constelada
 como astral ascendente nebulosa,
 11 que irradia no Além d'água parada...

Aproxima-se-lhe as Horas espirituais,
 que percorreram a escala misteriosa,
 14 que, Deus desfolha em rosas Outonais!

¹Datilografado em vermelho, na mesma folha que "A IDÉIA".

III¹

Como um prenúncio oculto de luz n'água,
 de extático mistério inanimando.
 a Visão e a Beleza despertando,
 4 são Esfinges de lágrimas e frágua...

Oculto encantamento que lavrando
 de ser em ser essa divina mágoa,
 vai em silêncio anímico acordando
 8 as figuras de mármore na água...

Pelo Incêndio da Tarde inanimada,
 São profundas as figuras ao Sol-Poente
 11 que se gelam na paz marmorizada...

São perfis vagos de crucificados!
 os chorões, no crepúsculo silente...
 14 Ouvindo a voz cristã dos céus magoados!...

917 A. Luzo (E. Rosas)

¹Datilografado em vermelho, na mesma folha dos poemas "A IDÉIA".

Fecunda o pólen no crisol dourado
Ei-lo o lírio do ideal, que assim Mora...
e oculto esvai-se em sonhos como a aurora
4 no frouxel da penumbra ao luar prateado...¹

¹Este poema está manuscrito, em tinta vermelha, ao final do poema anterior, "VII".

Da Tristeza¹

Eu busco os sítios, onde ninguém passa
 à luz macia dos noturnos...
 com pedrarias e cristais sem jaça
 4 como ocasos transidos e soturnos²...
 Oh! sítios ermos onde ninguém passa...
 como sois sugestivos ao crepúsculo,
 com projecções e sombras de pinheiros
 8 e manchas que desmaiam na penumbra,
 quase sombra de almas dolorosas
 e ausência da sua alma...
 num nevoeiro turvo e misterioso
 12 ânsia crepusculada,
 nesse angelus dalma...
 Eu quero a hora extática,
 e a tristeza dum lírio
 16 que em mágoa e olor é outro lírio a abrir!

Como eu amo a ausência de teu ser discreto
 e a presença da tua hora azul,
 que para mim tem a fisionomia
 20 triste e suave,
 de quem morre a um crepúsculo de outono!
 à meia luz de face acinzentada,
 pelo cair das folhas...

24 Oh! círio do Sol-Posto!
 Velhas a orar... Sombra a cerrar olheiras,
 26 pela boca da Noite.

¹Datilografado em lilás; as primeiras letras dos versos 1, 5, 14, 18 e 25 estão em vermelho; há uma separação, em riscos vermelhos, entre as duas estrofes, como a sugerir outro poema. A valer esta possibilidade, o poema "Da Tristeza" terminaria no verso 16: "que em mágoa e dor é outro lírio a abrir"; a partir do verso 17: "Como eu amo a ausência de teu ser discreto" passa a ser outro poema, sem título dado por Ernani Rosas.

²Rasura: "fulgindo por heráldicos coturnos..."; reescritura: "como ocasos transidos e soturnos...".

VIII¹

Jardim dormindo som d'água corrente,
 guardando nas retinas de seus lagos...
 um quebrar de vitrais à luz morrente,
 4 dum convento encerrado em bosque aziago²

Remota voz de fontes retornando...
 a fontes mansas a um luar de Lis!
 Com reflexos fulvos³, recordando...
 8 Hidras⁴ - platina - hierático matiz!

Um rumor d'Alma apura-lhe o sentido...
 cair de folhas tontas sobre o solo.
 11 À hora⁵, quando o Outono põe o Ouvido!

A um sopro d'Asas, flébil de cetim...
 recorda essa hora azul em que me estiolo...
 14 Folha - Outono a rezar saudade em mim!⁶

915

¹Poema datilografado em cor lilás; as iniciais dos primeiros versos em maiúsculas vermelhas.

²Rasura: "a parques vagos"; reescritura: "em bosque aziago".

³Rasura: "negros"; reescritura: "fulvos".

⁴Hidra - serpente descomunal, de muitas cabeças, cujo hálito pestilento tudo destruiu: homens, colheita e rebanhos. Foi gerada por Hera, para a submeter a uma das "provas" de Hercules. Este mata a Hidra, com ajuda de seu sobrinho Iolau.

⁵Rasura: "sombra"; reescritura: "hora".

⁶Variante: "A um flébil adejo d'asas de cetim...
 ouço girar a quadriga de Apolo
 sob estrelas: - as rodas de marfim!..."

Súcubo "d'alma"

O meu príncipe encantado
 é um alferes de polícia,
 que anda sempre embriagado
 4 do meu hálito em carícia!

é alto, elegante e moco
 esguio como um cipreste;
 Traz um número ao pescoço,
 8 Tem um ar sombrio e agreste...

Dá-se muito com um rapaz,
 que tem por nome Barbosa;
 é bonito... e não loquaz,¹
 12 tem uma fama pouco airosa!...

Se a sombra e as pedras falassem
 e os choupos desta cidade²
 contariam muita coisa,
 16 que andam à roda de uma fimbria Idade!...

Rio 952

E. Rosas

²Rasura: "É bonito e tem demais"; reescritura: "É bonito... e não loquaz,".

³Não há rasura, porém Ernani Rosas reescreve "desta cidade", que, entendi eu, deve substituir "de uma [...]".

Naufrágios¹

ó Brasil da mentira e da Quimera
 ó Terra cavalari² de Vera-Cruz
 Terra de sol e Azul, profunda Esfera
 4 Terra da luz que nunca deste Luz³

ó sombra amargurada de Utopia
 que respiras a calma de sossegos
 Caravelas de minha Nostalgia
 8 Onde todos marinheiros eram cegos

Cendal de serras quem de fora olhar-Te
 não dirá que és a alma que delira⁴
 11 a Canaã de todo forasteiro⁵

Que és a morte do espirito a nevar-Te
 a foli⁶ de comédia que servira
 14 para do sonho ser o meu coveiro!...

¹Poema datilografado em cor vermelha.

²Rasura: "cavalari"; reescritura a lápis, manuscrita "maldição da", que não parece ser a letra de Ernani Rosas. Na dúvida mantive cavalari.

³Toda a estrofe está envolta em círculo, como se Ernani Rosas a tivesse "anulado".

⁴Rasuras: "um vago de mentira"; "um sonho, uma mentira"; reescritura: "não dirá que és a alma que deliro".

⁵Rasuras: "um Caos aterrador p' o estrangeiro"; reescritura: "a Kanahan de todo forasteiro". Ernani Rosas se refere, em outro poema ("Canaã"), ao Brasil como Canaã (ver nota 1, p.47).

⁶Rasura: "alma"; reescritura ao lado do verso - "foli" talvez com sentido de "folia".

II¹

Em criança infelizmente me parecias
melhor que és; por respirares manso
à roda da minha alma de utopia
4 eras um horto da alma e de esperança

Mas sempre tive a vã desconfiança
que me fosses fatal e à luz do dia
quando os montes enublavam-se, jazia
8 a alegria que tem toda criança...

E com tristeza vi a nau que eu ia
desviar-se do Ocidente desta vida
11 e perder-se ao mar-largo da Agonia

Que era um grito de horror da raça humana
Pensei ao ver minha alma - confrangida
14 no naufrágio da gente Lusitana!...

917

¹Poema datilografado em vermelho.

Sonetos¹

Tudo que é sempiterno anseia a altura
fecunda e sofre e o amor de Deus revela
O humor que anima as coisas e a criatura
4 é um oculto poder que se irrevela...

Presumo vir do ignoto que a natura
ironiza e perfuma e em dor constela
pelo silêncio extático de escura
8 encarnação sublime dalma em estrela

Sonho e verdade em carne panteísta
o perfume é uma flor de transformismo
11 que o músico não sente e a mão não pinta.

Só, o Poeta dá-lhe cor, forma, o alquimista
desfaz essa ilusão, que há no ocultismo
14 da flor que anseia olor após extinta.

¹Poema datilografado em cor lilás.

201

Tudo é revelação de alma clemente
tudo é sombra e recorda um ser criador
o perfume é uma saudade adolescente
4 do jardim que o esparziu de morta flor

Tudo é orgânica essência em riso e dor
Argila e Deus! Amor convalescente
Alma segreda aos céus depois de ausente,
8 Tudo que foi na terra esparsa em olor.

ó Versos de saudade e de Tristeza
ditos ao vento... que serão de vós.
11 do vosso verbo e luz na natureza!?

Soltos a esmo como um beijo etéreo ...
distância a diluir-se numa voz,
14 que se perdeu nas raias do mistério...

917

¹Poema datilografado em lílas.

NOSTALGIA DOS CÃES¹Para David Thomaz²

Silêncio. O Luar pelas águas vai fugindo!
 Estagna-se de incerta a hora em azul
 Fenece a noite - azul Melancolia,
 4 os Cães vão a sonhar, latindo à Lua...

Monotonia. A noite é antigo Poema
 a rimas d'Astros, versos de tristeza...
 Cega em farelo³ às pedras dum diadema
 8 a funesta ardentia das estrelas...

Paralisa-se o vento ante o silêncio,
 todo rumor da aldeia enrouqueceu!
 um fluido anestésico⁴ correu
 12 pela sua alma luarizada⁵ em Fim...

Nostalgia dos Cães sangra Saudade
 pelo Não-Ser da Sombra - Virgem ainda...
 (cães) (não latem) à lua, ao Inconsciente!
 16 Pois eles têm mais alma do que os homens

Dormir é bom, tendo as portas fechadas,
 fingir luar interiormente, o Sono...
 dormir ao luar é melhor, como dormia
 20 Leal guardando em mágoa a minha Aldeia!

¹Poema datilografado em cor lilás. Há um ^{segundo} título, ao lado do ^{primeiro} escrito a lápis: "Cão Lunático". Várias palavras e inclusive versos inteiros deste poema, estão rasurados sem reescritura; por essa razão, mantenho os respectivos versos e palavras, uma vez que seja possível sua leitura. Para as palavras que Ernani Rosas reescreveu, transcrevi a reescritura.

²Não consegui apurar quem era David Thomaz. Affonso Várzea cita a David Thomaz, num artigo chamado "último soneto de Oscar Rosas": "Ernani, menino criado ao léu, no horror aos programas escolares mas na paixão pela poesia, já fazia versos e por sua mãe Ronald de Carvalho e David Thomaz foram aos serões da nossa casa.", referindo-se a ele como um "português dono de mercearia na rua Dias da Cruz, vivia no culto de duas melancolias: a nostalgia do irmão que se suicidara e a pena pela irmã tuberculosa" e anota uma quadra e um poema de David Thomaz (cf. Anuário Catarinense, 1953, p.138). Na plaquete "Fonte de Lucifer" (constante no acervo da ACL e não transcrito no presente trabalho), Ernani Rosas refere-se a David Thomaz como autor do verso: "Entardecí. E cheguei tarde à vida!".

³Está "pharelio".

⁴Palavra não dicionarizada. Existe o adjetivo "anestésico" e o verbo "anestésiar".

⁵Neologismo de Ernani Rosas.

Os cães latem a saudade doutras - Noites,
 choram as ricas⁶ misérias do seu fado:
 a alma dos cães é um lânguido aurevil⁷
 24 Guitarra dalma airada das quimeras...

Contam o ruivo mistério d'Outras - Eras
 ao ritmo misterioso do luar,
 sua Tristeza é Água deslizando,
 28 Luar correndo aos silvos para o Mar!

Crepúsculo nostálgico da Mágoa,
 nostalgia profunda do latir!
 o uivo é um delírio de remorso,
 32 Meu Interlúnio à lua, a prosseguir...

Conto a melancolia em minha sombra
 e o cão é o Outro que me segue às vezes,
 quando eu vou a criar em noites brancas
 36 sob a boca dum sonho, os meus reveses!

A Cânfora da mágoa anestesia-me
 lembra o vento da noite, no sossego...
 há no latir o amargor mais cego
 40 e a Dor imaterial de renascer

Eu sinto em mim latir a alma dum cão...
 talvez eu tenha sido em outro-Tempo
 um cão também... uma alma mais boêmia
 44 do que essa, no eterno divagar!

⁶Antítese: "ricas misérias".

⁷Palavra não dicionarizada.

por isso eu amo os cães e os animais
e os seus olhos mais doces e azulados,
onde há longinquos arcos daltas pontes
48 e muito sonho em velas irriais⁸.

onde o meu pensamento se ligando
vai ter ao seu e somos um só corpo,
corpo imaterial, alma incorpórea
52 a diluir-se por haver vivido!⁹

Angelus de Rosas¹⁰
(O Espirita)

⁸Está "irriais".

⁹Ao lado desta estrofe, há um ponto de interrogação, como a "eliminar" a estrofe inteira; a estrofe está quase toda riscada.

¹⁰Pseudônimo de Ernani Rosas.

SONETOS¹

I

Nunca mais olhar quebrado
nas olheiras cor de lírio
bebi esse luar velado
4 das pupilas do martírio.

Foi numa tarde distante
dum crepúsculo sem-fim,
que da banda² do levante
8 a tarde chorara assim!...

Nunca mais olhos magoados
vi nas místicas retinas
11 choverem lírios dobrados

pelas horas vespertinas...
nunca mais, ah! nunca mais...
14 ouvirei suspiros d'Ais!...

917

¹Poemas datilografados em vermelho: "Sonetos I e II".

²Esta "benda"

Eu?

Eu não sou santo, nem milagres faço,
em casa ninguém crê no meu poder -
rimo versos, componho Estrofes e passo
4 Horas inteiras alheio ao meu viver!

A minha musa é uma ama desvelada,
com incessantes cuidados para mim!
não dorme, não sossega, já, coitada...
6 mais, que uma mãe, com seu carinho, assim!

Mora na minha idéia essa criança,
Sem um só laivo rubro da paixão!
11 a cantar e a embalar-Me na esperança...

De um dia a minha "Torre" construir!
toda de pedrarias e ilusão...
14 constelada das pérolas de Ofir!

Encantado 946 "Casal ao Luar"

E. Rosas

COMO CONCLUSÃO

Não sei dizer como se fez
e já nem sei como acabar,

Já se disse, e muitas vezes e por inúmeros autores, que um trabalho literário ou uma obra de arte não acaba ao seu término: a partir de sua conclusão é que o trabalho começa a "ser"; a partir de uma tela "pronta" é que realmente começa o seu processo de existência - lembro Haroldo de Campos: "um poema começa / por onde ele termina".

Espero, com esse trabalho, contribuir de alguma maneira para que Ernani Rosas possa ser lido e ter o reconhecimento de seus poemas. Como já assinalei no decorrer deste trabalho, há ainda algo em torno de oitocentos poemas e alguma prosa, inéditos, só no Acervo da Academia Catarinense de Letras. É preciso que se faça um levantamento das publicações de Ernani Rosas em jornais de época e em acervos de particulares e familiares do poeta; um levantamento de sua correspondência, particularmente sua correspondência com Luis de Montalvor e Ronald de Carvalho; um levantamento iconográfico do poeta.

Há questões que despertam interesse para estudos aprofundados - uma vez que neste momento pude apenas rastrear vestígios - na poética de Ernani Rosas.

, acentuam-se dois movimentos em sua poética: um primeiro movimento em que o poeta é nitidamente simbolista, um segundo movimento em que sua poética é extremamente hermética, com um mergulho profundo do autor em si próprio. Naturalmente, não são momentos poéticos definitivos e excludentes; penso que são acentuações que se manifestam em razão, até, dos diferentes momentos pessoais e movimentos históricos e literários que o poeta vivenciou;

, nesse segundo momento, Ernani Rosas estaria num desvio do movimento Simbolista brasileiro, compartilhado por Pedro Kilkerry, Maranhão Sobrinho, Marcelo Gama, desvio esse que encaminharia a um "pré-modernismo" e a um supra-realismo; nesse sentido, sua ligação com os pré-modernistas portugueses;

, a preocupação de Ernani Rosas com o "visual" de seus poemas;

, em seu processo de elaboração poética, Ernani Rosas rasura, reescreve e dá variantes permanentemente, isto fornece ricos elementos para um estudo voltado à crítica genética;

, os títulos das plaquetes e dos poemas merecem uma análise própria;

, os vários pseudônimos que Ernani Rosas adota: Antonio Luzo e A. Luzo, Narciso Luzo e N. Luzo, N. Cáspio e M. Cáspio, Angelus de Rosas e Rictus da Cruz;

, finalmente, a questão das linhas intertextuais: as afinidades com a poética de Mallarmé, Baudelaire, Mário de Sá-Carneiro.

A trajetória está delineada, resta a expectativa de trilhá-la. Ao mesmo tempo em que reconheço a necessidade de um estudo mais

pormenorizado da poética do "menino criado ao léu, no horror aos programas escolares mas na paixão pela poesia", regozijo-me pelas transcrições feitas, pelas possibilidades de aperfeiçoamento que o próprio trabalho proporciona.

O que fica, ao final deste trabalho, é a oportunidade de possibilitar a novos leitores o acesso aos inéditos de Ernani Rosas e, de uma certa maneira, compartilhar o grande prazer que tive em transcrever seus poemas.

Talvez, nesse sentido, valha recitar Raimbaut d'Aurenga:

E si hom li demanda qui l'a fag, pot dir que sel
que sap be far totas fazendas can se vol.

BIBLIOGRAFIA

1) De Ernani Rosas

- . Certa Lenda Numa Tarde - Paráfrasis de Narciso - por Rictos da Cruz (pseudônimo), S.L., s.ed., 1917.
- . Poemas do ópio, Rio de Janeiro, s.ed., 1918
- . Silêncios, S.L., s.ed., s.d.
- . Antologia de vinte e sete poemas, edição póstuma in Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro (org. Andrade Muricy), 2.ed., 2 vols., Brasília: Conselho Federal de Cultura/INL, 1973. (2 volume). 1 edição, 1952.
- . Poesias (org. Iaponam Soares et al.), Florianópolis: FCC, 1989.

2) Sobre Ernani Rosas

- . ANUÁRIO Catarinense de 1956: "Morreu Ernani Rosas, o último poeta simbolista catarinense".
- . BERARDINELI, Cleonice. "Ernani Rosas e Sá-Carneiro" in Estudos de Literatura Portuguesa, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

- CAMPOS, Geir. **Pequeno Dicionário de Arte Poética**. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1978.
- CHEVALIER, Jean et al. **Dicionário de Símbolos, Mitos, Sonhos, Costumes, Formas, Figuras, Cores, Números**. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- COELHO, Jacinto P. (direção). **Dicionário de Literatura**. 3.ed., 3 vols., Porto: Liv. Figueiredo, 1973.
- FERREIRA, Aurélio B.H. **Novo Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- LAFFONT-BOMPIANI. **Dictionnaire des Personages**. Paris: Robert Laffont, 1960.
- Nouveau Petit Larousse**. Paris: , 1968.
- SÉGUIER, Jayme de. **Diccionario Prático Ilustrado**. Rio de Janeiro: Administração do Jornal do Comércio, s.d.
- SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario de Língua Portuguesa**. Facsimile da segunda edição (1813). Rio de Janeiro, 1928.

4) Geral

- AMORA, A. Soares. **Presença da Literatura Portuguesa - O Simbolismo**. 5.ed. São Paulo: Difel, 1974.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário de. **Iniciação em Crítica Textual**. Rio de Janeiro: Presença Edições; São Paulo: EDUSP, 1987.
- BALAKIAN, Anna. **O Simbolismo**. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- BARBOSA, João Alexandre. **As ilusões da modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland barthes**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1988.

- CAMPOS, Augusto de. "O Enigma Ernani Rosas" in Revista USP n 7, p. 157-178
setembro/outubro/novembro, 1990.
- MENEZES, Raimundo de. Dicionário literário brasileiro. 2.ed.
Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- MURICY, Andrade. Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro.
2.ed., Brasília: CFC/INL, 1973, 2 vols
- "Ernani Rosas e o hermetismo" in A Literatura no Bra-
sil (org. Afrânio Coutinho) Rio de Janeiro: Ed. Sulamericana,
1969
- MUZART, Zahidé L. "O último simbolista". Diário Catarinense,
17/10/1988, p.6.
- SARAIVA, Arnaldo. O modernismo brasileiro e o modernismo portu-
guês - subsídios para o seu estudo e para a história de suas
relações. Porto. 1986.
- SOARES, Iaponam & VARELLA, Danila C.C. "O poeta Ernani Rosas,
uma tentativa de retrato". In: Poesias de Ernani Rosas. Floria-
nópolis: FCC edições, 1989.
- TEIXEIRA, Cleber et al. "Centenário de Ernani Rosas". Jornal de
Santa Catarina - Suplemento Cultural, ano I, n 5, junho 1986
- VÁRZEA, Afonso. "O último Soneto de Oscar Rosas" in Anuário Ca-
tarinense, 1953.

3) Dicionários

- BASTOS, J.T. da Silva. Dicionário Etymológico, Prosódico e Ortho-
gráfico da Língua Portuguesa. 2.ed. Lisboa: Parceria Antonio
Maria Pereira Livraria Editora, 1928.
- BRANDÃO, Junito. Dicionários mítico-etimológico de mitologia gre-
ga. 2.v. Petrópolis: Vozes, 1992.

- BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. 2.ed. Trad. int. notas de Ivan Junqueira, ed. bilíngüe. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BILAC, Olavo & PASSOS, Guimarães. **Tratado de Versificação**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1926.
- BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil - 1900**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- CAMPOS, Augusto de. **Revisão de Kilkerry**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- **Revisão de Sousândrade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- **Linguaviagem**. Ed. Bilíngüe. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- "Simbolismo: retrato sem retoque" in **Correio da Manhã**, 27 abril 1957.
- "Mallarminúcias" in **Folha de São Paulo**, 15 março 1992.
- et al. **Mallarmé**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CÂNDIDO, Antonio. **Na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1985.
- **O estudo analítico do poema**. São Paulo: FFLCM/USP, 1992.
- et al. **Presença da Literatura Brasileira**. 2.ed., 3 vols., São Paulo: Difel, 1969. (vol. II).
- CARDOSO, Zélia A. "A teoria poética de Mallarmé" in **Língua e Literatura**, v. 5, São Paulo: Ed. USP, 1976.
- CAROLLO, Cassiana L. **Decadismo e Simbolismo no Brasil - crítica e poética**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980.
- CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. 8 vols., Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 1959. (vol. VI).
- CARVALHO, Ronald de. **Estudos Brasileiros - 3a. série**. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia Editores, 1931.

- **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro, 1960.
- CUNHA, Celso. **Língua e Verso**. Rio de Janeiro: São José, 1963.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- **O Sagrado e o Profano**. Lisboa: Ed. Livros do Brasil.
- ELIOT, T.S. **A essência da poesia**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.
- "Tradição e talento individual" in **Ensaio**. São Paulo: Art. Editora, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas - Uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da Lírica Moderna**. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- GOMES, Álvaro Cardoso. **A estética simbolista**. São Paulo: Cultrix, 1985.
- GULLAR, Ferreira. "Augusto dos Anjos ou Vida e Morte Nordestina" in **ANJOS, Augusto de. Toda Poesia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- HOUAISS, Antônio. **Elementos da Bibliologia**. Reimpressão Fac-Similar. São Paulo: Hucitec/INL/PRÓMEMÓRIA, 1983.
- et al. "Introdução Crítico Filológica" in **Edições Críticas de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1975.
- HURET, Jules. "Symbolistes et Decadents - M. Stephane Mallarmé" in **Enquête sur l'évolution littéraire**. Vauves: Les Editions Thot, 1982.
- KRISTEVA, Julia. "Narciso: a nova demência" e "Nossa religião: a aparência" in **Histórias de Amor**. Trad. e introdução de Leda Terno da Motta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- MOISÉS, Massaud. **O Simbolismo**. São Paulo: Cultrix, 1973.

- OLIVEIRA, Franklin. "Poetas do Brasil - O Simbolismo" in *Literatura e Civilização*. Rio de Janeiro: Difel, Brasília: INL, 1978.
- PENNAFORT, Onestaldo de. *O festim, a dança e a degolação*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, Crítica, Escritura*. São Paulo: Ática, 1978.
- "Escolher e/é julgar" in *Revista Colóquio* n. 12, Lisboa, 1963.
- POE, Edgar Allan. "A filosofia da composição" in *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.
- "Análise racional do verso" in *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.
- ROCHA, Clara. *O essencial sobre MARIO DE SA-CARNEIRO*. Lisboa: INCM, 1979.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Obras Completas - Poesias*. Lisboa: Ática, 1979.
- *Obras Completas - Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática, 1978.
- SAID, Ali. *Versificação Portuguesa*. Rio de Janeiro: INL, 1942.
- SALLES, Cecília A. *Crítica Genética - uma introdução*. São Paulo: Ed. PUC, 1992.
- SÁ NOGUEIRA. *O problema da sílaba*. Lisboa: Liv. Clássica, 1942.
- SAFO - SAFO tudo o que restou. Trad. e apresentação de Álvaro A. Antunes. Aém Paraíba: Interior Edições, 1987.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão - Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

- SPINA, Segismundo. *Na madrugada das formas poéticas*. São Paulo: Ática, 1982.
- *Introdução à Ecdótica*. São Paulo: Cultrix/Ed. Univ. USP, 1977.
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras - literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- e VALENCA, Rachel. *O sapateiro Silva*. Rio de Janeiro: Fundação da Casa Rui Barbosa, 19
- VÁRIOS AUTORES. *El Simbolismo*. Madrid: Taurus, 1979.
- VÁRIOS AUTORES. *I Encontro de Crítica Textual: o Manuscrito Moderno e as Edições*. São Paulo: F.F.L.C.H.-USP, 1986.
- *II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética a Eclosão do Manuscrito*. São Paulo: F.F.L.C.H.-USP, s.d.
- VALÉRY, Paul. "Existência do Simbolismo" in *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- XAVIER, Raul. *Vocabulário de Poesia*. Rio de Janeiro: Imago, Brasília: INL, 1978.
- WILDE, Oscar. *Poemas em Prosa e Salomé*. Rio de Janeiro: Tecno-print, s.d.